UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LUCIENE FREITAS DUARTE

Um serviço de atenção psicológica à Terceira Idade: à pro-cura da demanda

São Paulo
2008

LUCIENE FREITAS DUARTE

Um serviço de atenção psicológica à Terceira Idade: à pro-cura da demanda

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.
Orientadora: Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato.

São Paulo
2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Duarte, Luciene Freitas.
Um serviço de atenção psicológica à terceira idade: à procura da demanda / Luciene Freitas Duarte; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato. -- São Paulo, 2008.
120 p.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Idosos 2. Plantão psicológico 3. Pesquisa participante 4. Fenomenologia existencial I. Título.

BF724.8

FOLHA DE APROVAÇÃO

Luciene Freitas Duarte

Um serviço de atenção psicológica à
Terceira Idade: à pro-cura da demanda.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina Menna Barreto Cupertino _____
Universidade Paulista – UNIP

Profa. Dra. Deusivania Vieira da Silva Falcão _____
Universidade de São Paulo – USP

Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato _____
Universidade de São Paulo – USP

Dissertação Aprovada em _____/ _____/ _____

Aos meus avós
Aos meus pais
Ao meu filho

Agradeço...

Aos participantes do Grupo de Troca de Experiências na Terceira Idade e Sr João: saber compartilhado

Aos colegas do Lefe e residentes do Plantão: férteis encontros

À Regina Nazaré: companheira na viagem

À Sasha Mosqueira: "ayuda" liberadora

À Neide Prado: carinho e incentivo

À Lucia Monteiro: enviada pelo Universo

À Profa. Henriette Morato: pro-vocações atenciosas

À Patrícia Pazinato: presença essencial

Ao Alessandro Duarte: sendo no mundo comigo nestes 18 anos.

À CAPES, pelo apoio a essa pesquisa

RESUMO

DUARTE, L. F. **Um serviço de atenção psicológica à Terceira Idade: à procura da demanda**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Este trabalho apresenta um serviço como uma pesquisa participativa interventiva que objetiva compreender possibilidades de atenção psicológica à Terceira Idade a partir da demanda dessa população. Como prática clínica integra o Projeto de Atenção Psicológica em Instituições do Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial do IPUSP. A ênfase na compreensão da demanda dos próprios idosos visa dar voz a essa população, permitindo a reflexão sobre o fazer do psicólogo junto à Terceira Idade, através de pro-vocações surgidas nessa experiência. Pautado na fenomenologia existencial que visa o homem como ser-no-mundo-com-outros, o serviço, enquanto atenção psicológica, referencia-se no Plantão Psicológico enquanto modalidade de intervenção, pois apresenta como elemento pertinente a atitude clínica do plantonista: disposição afetiva para acompanhar quem procura por esse espaço, chamando por sua demanda enquanto testemunha seu caminhar no momento da procura. A pesquisa interventiva participativa foi escolhida como possibilidade de investigação e de intervenção: fazer saber psicológico em ação. O registro da pesquisa foi feito por diário de bordo, visando a escritura das afetações provocadas nos encontros com os participantes no acontecer da pesquisa. A historicidade revisitada por meio da rememoração e revivência dos registros, permitiu a identificação de dois momentos da intervenção: o primeiro configurado como grupo de discussão e o segundo como espaço de narrativas. Esta possibilidade de compreensão indica a pro-cura dos idosos pelo serviço como um tempo-espaço de cuidar-de-ser.

Palavras-chave: Idosos, Plantão psicológico, Pesquisa participante, Fenomenologia existencial.

ABSTRACT

DUARTE, L. F. **A Psychological Attention Service for Elderly People: searching for demand.** 2008. 120 f. Thesis (Master). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This work presents the creation of a service as interventive participative research, aiming to understand possibilities for psychological attention to elder people departing from their own demand. As a clinical praxis, it integrates the Psychological Attention at Institutions Project from the Laboratory of Studies and Practice in Existential Phenomenological Psychology of IPUSP. Emphasis on the elders' own demand intents to give them their proper voice, as well allowing reflexion on the psychologist's work toward that population, through emergent provocations during such experience. By the phenomenological view of man as a *being-in-the-world-with others,* that service refers itself to the interventive practice of Psychological Attendance as psychological attention characterized by the psychologist's clinical attitude: his affective disposition to accompany those who come to the service facilitates them to claim for own demand, by being a witness in such search. The interventive participative research was chosen as a possibility for both intervention and investigation; it allows pursuing the psychological work in action. The research register was through field diaries, which contained affections promoted during the group encounters. Historicity, reviewed from the memories of the registers, propitiated to identify two moments at the interventions: first as a discussion group and latterly as *locus* for narrative. Such possibility of comprehension indicates that elderly people search for psychological attention as a possible way to take care of their own being.

Key-words: Elderly people, Psychological attendance, Participative research, Existential phenomenology.

SUMÁRIO

1 – Apresentação da Questão 10

1.1 Início do Percurso 10

1.2 Da pesquisa 13

2 - Velhice como tema possível 15

2.1 Velhice ou velhices? 15

2.1.1 A idade da velhice 15

2.1.2 Brevíssima história da velhice: do reino do oculto à iluminação por holofotes 16

2.1.3 Velhice e aspectos biológicos 18

2.1.4 Hipóteses psicossociais da velhice 19

2.2 Contextualização de velhice como problema social 22

2.3 Sinonímias 24

2.4 Pesquisas 25

3 - Para uma circunvisão da velhice: fundamentação teórico-metodológica 27

3.1 Ponto de Partida 27

3.1.1 Prática como atenção 30

3.2. Um modo possível de aproximação ao humano: Plantão Psicológico 31

3.3. Um modo de pesquisar a humanidade do homem 35

3.3.1 Pesquisa-ação, pesquisa participante, pesquisa interventiva 38

3.3.2 Pesquisa interventiva participativa e prática psicológica: ação clínica 42

3.3.3 Diário de bordo como possibilidade de registro do vivido 49

3.3.4 A relação experiência e conhecimento 51

4 - A pesquisa em ação 54
4.1 Fazendo o caminho 54
4.2 Refazendo o caminho 61
4.3 Compreendendo a experiência 65
4.4 O que foi se revelando 67
4.4.1. Primeiros encontros: dando-se a ver 68
4.4.2 O olhar do outro 70
4.4.3 O olhar do outro eu em mim 75
4.4.4 O olhar do trabalho 77
4.4.5 O olhar “de mim” no trabalho: ocupação 81
4.4.6 O sentido não dito entremeando-se 84
4.5 Encontros como movimento para encontrar-se 87
4.6 Revelações refletidas e testemunhadas 90

5 – Uma chegada a um ponto de partida 97

Referências bibliográficas 101

Anexos 107

1 - APRESENTAÇÃO DA QUESTÃO

1.1 Início do Percurso

A escolha por pesquisar com idosos originou-se em inquietações surgidas na experiência pessoal e profissional com essa população. Inquietações que na interlocução com os saberes acadêmicos configurou-se como uma dissertação de mestrado que visa *compreender possibilidades de atenção psicológica a idosos, a partir de sua demanda*. Nessa perspectiva, este trabalho visa discorrer sobre o *método*[1], como *trilhar caminho*. A pesquisa provoca reflexões naqueles que compartilham do caminhar do pesquisador.

As lembranças da infância estão povoadas por personagens idosos de uma comunidade à qual pertencia minha família: as recordações remetem a faces, nomes, hábitos, modo de falar e de andar. Era uma comunidade pequena, que favorecia que todos se conhecessem. Talvez por isso, na adolescência, essas lembranças se juntam, àquelas das expressões de dor na face de muitos desses senhores e senhoras, notadas em visitas a hospitais e velórios: *cronos* perpassando a existência, chamando a criança ao mundo adulto e os anciãos ao encontro com a finitude.

---

[1] "Método vem de *meta*, que quer dizer além e *odós*, caminho. A expressão *além do caminho* não se refere a estar além, fora do mundo; ao invés, significa buscar e trilhar um caminho que nos leve a investigar a existência, e tudo o que nela se apresenta [...]" ALMEIDA, 2005, p. 60.

Assim, velhice não era um *problema*, mas fazia parte da vida. As idiossincrasias eram familiares e quando as pessoas envelheciam não se tornavam “chatas” ou “boazinhas” porque estavam velhas, mas porque a longa convivência permitia reconhecer que esses adjetivos faziam parte de suas características.

Com esse conhecimento iniciei o atendimento psicoterapêutico de uma pessoa idosa pela primeira vez. No seu relato sobre a procura por um serviço psicológico, disse que não havia um motivo em especial. Nos encontros, percebíamos que aqueles momentos eram dedicados à narração de sua história de vida e isso, muitas vezes, provocava reflexões. Espantei-me com o olhar dos colegas com quem compartilhava supervisão, pois a perspectiva deles era a de que uma pessoa idosa traria um repertório de questões determinadas por sua condição ser velho: alguém incapacitado de mudanças, necessariamente deprimido pela iminente chegada da morte.

Àquele primeiro atendimento somaram-se outros. Dessas vivências apreendi que a condição de ser no mundo idoso *delineava*, como fundo, as situações que conduziam à procura por psicoterapia: velhice não era *problema* para aquelas pessoas, mas sim uma condição da própria existência humana.

As diferenças entre o que apreendia estando com idosos e uma idéia de velhice como estado determinado por características a priori causavam-me estranhamento, e essa sensação foi provocando inquietações. Conheci o trabalho de uma psicóloga/professora que ministrava aulas de Psicologia para um grupo de idosos em uma Universidade Aberta. Tive a oportunidade de assistir a algumas aulas. Esperava que idosos se apresentassem como alunos de modo diferente dos jovens: mais comprometidos e atentos. No entanto, os alunos idosos agiam de forma semelhante aos seus pares jovens: havia os que demonstram atenção, os que

dormiam, os que assinavam a lista de presença e saíam, os que conversavam durante as aulas e tantos outros modos de ser aluno. O que acontecia depois da aula é que era diferente. Muitos idosos procuravam a professora/psicóloga comentando como o que fora dito havia tocado em sua experiência.

Experenciei situação semelhante certa vez quando de uma palestra para outra turma de alunos idosos: após a exposição, seguiu-se o tempo da conversa. Diante das indagações que surgiam por esta situação repetir-se continuamente, realizamos algumas pesquisas que nos indicaram que o tempo pós-aula era momento de compartilhar com outros as histórias de vida e também seus conflitos.

Em pesquisas bibliográficas e na freqüência a cursos de especialização, conheci algumas propostas de fazeres psicológicos junto a idosos. Interrogava-me se tais práticas vinham de encontro à sua demanda. Dessas interrogações partiu o interesse por esta investigação.

Durante o curso do mestrado algumas experiências foram pontuais para delinear o caminho da pesquisa. A mais significativa foi a de estagiar na residência em Plantão Psicológico. Durante o período de um ano letivo, como estagiária de docência, fui plantonista, acompanhei diversas supervisões da Profa. Henriette Morato e supervisionei alguns plantonistas. Conhecer e experienciar a modalidade de Plantão Psicológico abriu-me possibilidades de pesquisar pertinentes à questão inquietante, pois a atitude clínica de escuta e compreensão norteou a escolha dos caminhos à busca pelo objetivo de compreender demandas dos idosos por atenção psicológica.

1.2 Da pesquisa

O envelhecimento populacional é um fenômeno demográfico com múltiplas implicações que tem motivado a abordagem da velhice e do envelhecimento como problema social. Para Debert (2007), a transformação da velhice em problema social não é resultado do aumento do número de idosos, mas a velhice como “problema”, é uma construção: a fim de resolver o “problema” legitimam-se saberes e especialistas como porta-vozes dos que não dispõem de meios sociais nem de instrumentos de acesso à expressão pública.

Velhice, de acordo com o dicionário Houaiss (2001) é um “estado ou condição de velho; idade avançada”. Olhar o idoso por meio desse conceito limita a possibilidade de reconhecer a singularidade do ser. Envelhe-ser, assim grafado, visa remeter a abertura compreensiva à experiência singular da condição de idoso. Neste sentido está a relevância deste trabalho: dar voz *ao idoso*, intercambiando saberes. Esta pesquisa furta-se da pretensão de saber fazer, almejando fazer saber.

Deste modo, a primeira escolha metodológica foi a realização de entrevistas reflexivas por meio de pergunta provocadora. A experiência da primeira entrevista revelou a necessidade de redirecionar a opção por uma pesquisa participativa interventiva. Das reflexões nessas duas significativas experiências nasceu o Grupo de Troca de Experiências na Terceira Idade, um serviço de atenção psicológica pautado nas prerrogativas do Plantão Psicológico de acolher quem o procura na crise. A sua configuração como grupo de trocas foi inspirada na recordação da importância dos momentos de compartilhamento entre os alunos idosos após as aulas de Psicologia nos cursos da Universidade Aberta, já referidas.

Propor um serviço de atenção psicológica para encaminhar o questionamento de práticas dirigidas aos idosos solicitou um deslocamento para aproximação de uma outra vivência do tempo e do espaço. Para seguir nessa direção, encontrou-se pertinência na pesquisa participativa interventiva configurada em uma *démarche* clínica, tal como proposta por LÉVY (2001). O saber tecido a múltiplas mãos nos encontros com os participantes idosos da pesquisa possibilitou refletir sobre a relação do psicólogo junto ao idoso. Para esta pesquisa, o psicólogo, como testemunha, provoca o idoso a implicar-se no cuidar de ser, pois encontrando um tempo-espaço de abertura e acolhimento para narrar reflexivamente suas experiências, o sujeito envelhe-sendo mira as possibilidades de devir, legitimado em seu próprio saber.

2 - VELHICE COMO TEMA POSSÍVEL

2.1 Velhice ou velhices?

Colocando-se lente grande angular para contemplar o tema do envelhecimento humano, apresenta-se um panorama de óticas possíveis para compreendê-lo. Tal pluralidade pode revelar não apenas a própria diversidade de enfoques, mas principalmente permite mostrar, por ela mesma, como pode ser ainda único o olhar dirigido para essa temática quando tomada por objeto de estudo.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que amplia o campo de visão para poder abrangê-lo, a lente grande angular distorce particularidades. É a partir dessa possibilidade que o presente texto se apresenta.

2.1.1 A idade da velhice

A convenção de velhice como o período de vida a partir dos 60 anos é a adotada pela Assembléia Mundial do Envelhecimento (ONU, *World Health*, 1982) e pela Política Nacional do Idoso (Lei 8.842, de 04/01/1994), legislação brasileira vigente. Entretanto, na prática, reconhecendo-se a velhice como fenômeno

multifacetado, constata-se dificuldade de estabelecer um marco cronológico para seu início.

Erik H. Erikson, psicólogo pautado em uma visão de desenvolvimento como processo psicológico, sistematizou o desenvolvimento humano em estágios. Quando escreveu *O ciclo de vida completo*, em 1980, situou a velhice no oitavo estágio. Sua esposa e colaboradora Joan M. Erikson, no entanto, publicou uma versão ampliada da obra incluindo um nono estágio, o das pessoas com mais de 80 anos. Verifica-se que o aumento da longevidade fez com que fosse revisada tal proposta. Ainda assim, demarcar uma idade para velhice é questão controversa, e suscita muitas discussões: seu marco cronológico não pode ser generalizado indiscriminadamente, segundo Néri (1995).

Já Debert (1994) destaca que a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos ganha significado particular em contextos históricos, sociais e culturais diferentes. Entretanto, para Camarano (1999), estabelecer uma delimitação do período cronológico é relevante para a realização de trabalhos científicos.

Como é possível constatar, há diversos critérios que tentam pautar o estabelecimento de um período cronológico para velhice. Assim, é pertinente retomar a historicidade que a constitui.

2.1.2 Brevíssima história da velhice: do reino do oculto à iluminação por holofotes

O envelhecimento populacional é um fenômeno novo. Até o século XIX eram poucos os que chegavam à velhice; a maioria morria antes dos 40 anos devido a guerras, doenças e fome. Segundo Roberts (2001), no final do século XIX e início do

século XX, notadamente no continente europeu, o progresso técnico da medicina, a urbanização, o cultivo de alimentos em larga escala e as tecnologias de produção industrial, intimamente relacionado a uma economia estável e forte, contribuíram para o aumento da longevidade.

Devido a essa situação histórico-cultural, apresentou-se um crescimento da demanda por estudos de transtornos ligados ao envelhecimento. Foi nos países europeus que surgiram os primeiros estudos em Geriatria, ramo da Medicina que se dedica à saúde dos idosos (BEAUVOIR, 1970/1990). Criaram-se asilos para abrigar velhos, e isso viabilizou pesquisas para detectar as doenças mais comuns na velhice e criar tratamentos mais eficientes. Entretanto, a mesma configuração econômica favorável na Europa abriu brechas para problemas sociais advindos do envelhecimento populacional, contribuindo para que o fenômeno passasse a ser abordado também sob o aspecto psicossocial.

Como resultado do interesse sobre o estudo do envelhecimento traduzido em diversos trabalhos, a Gerontologia configura-se hoje como campo do saber que procura compreender o idoso em sua totalidade biológica, psíquica e sócio-cultural.

Essa pequena digressão sobre a história da velhice permite vislumbrar que, em pouco tempo da história da humanidade, o fenômeno do envelhecimento parece ter “aparecido” aos olhos da sociedade, requerendo elaboração. *A Velhice* (1970/ 1990), de Simone de Beauvoir, obra de referência, foi escrita quando a autora passava dos 60 anos. Aborda, além do aspecto biológico do envelhecimento, a maneira como o idoso se vê e como é visto pela sociedade.

2.1.3 Velhice e aspectos biológicos

Sobre o aspecto biológico da velhice, Berger (2003) faz diferenciação entre senescência e senilidade. A primeira é tomada como envelhecimento primário, inevitável, correspondente à deterioração física e fisiológica gradual. Já a senilidade, ou envelhecimento secundário, é o resultado de doenças, do afastamento de atividades sociais, do sedentarismo e da falta de estimulação cognitiva.

Desse modo, um tema freqüente em pesquisas sobre velhice refere-se à degradação biológica, manifestada por algumas marcas no corpo. Cabelos brancos, pele flácida, rugas, dificuldades de locomoção para executar tarefas rotineiras e perda de memória seriam sinais característicos da passagem do tempo pela vida, determinada pelo envelhecimento humano.

Contudo, tais características físicas podem ocorrer mesmo sem essa medida cronológica rígida. Tais marcas não implicam necessariamente limitações significativas na vida ativa do homem. Se um olhar atento for dirigido à maioria de seres humanos em diversos locais e situações, poder-se-ia encontrar uma pluralidade desses sinais, sem que o número de anos vividos fosse uma constante para sua aparição. Nem sempre a aparência e a funcionalidade indicam que se está envelhecendo. Ao contrário, seria possível dizer que muito já se viveu: marcas da experiência pela vida.

Por outro lado, falhas de órgãos ou degeneração biológica não são exclusividade de velhos. Questões de saúde ou de atividades que promovem dificuldades biológicas não dependem da idade cronológica. No esporte, essa situação é bastante tematizada, contribuindo para considerar-se “velho” um atleta

que já não pode render tanto quanto o demandado pelo esporte ao seu físico (FRASCARELI, 2008).

Simone de Beauvoir, na obra *A velhice,* reconhece as mudanças biológicas no envelhecimento, porém destaca outros aspectos da velhice:

> Como todas as situações humanas [a velhice] tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence (BEAUVOIR,1970/1990, p. 348).

Além dos aspectos biológico e cronológico, a autora destaca a dimensão existencial e a decisiva influência da sociedade no estabelecimento da velhice.

2.1.4 Hipóteses psicossociais da velhice

Expressas em palavras como feio, inútil, improdutivo, caído (TORRES, 1983), as adjetivações negativas dirigidas ao idoso motivam a elaboração de hipóteses psicossocias para velhice. Como pontua Joan Erikson (1998, p. 103):

> A atitude habitual em relação aos anciãos em nossa sociedade é espantosa. Embora documentos históricos, antropológicos e religiosos registrem que os anciãos longevos de épocas antigas eram aplaudidos e inclusive reverenciados, a resposta deste século aos indivíduos velhos geralmente é de escárnio, palavras de desprezo e inclusive repulsa. Se é oferecida ajuda, ela tende a ser exagerada. O orgulho fica ferido e o respeito corre riscos. Aos idosos é oferecida uma segunda infância nem um pouco divertida. Se um ancião não consegue subir as escadas rapidamente ou avança sinuosamente ao caminhar, esta desgraça é equiparada a uma perda do pensamento e da lembrança.

Tal mudança de paradigma quanto ao lugar do idoso na sociedade referencia a hipótese da representação social da velhice: aponta que a sociedade capitalista valoriza o indivíduo enquanto ser produtivo e, quando este não serve mais como

engrenagem dessa máquina, é simplesmente descartado, rebaixado à categoria de inútil: “perdendo sua força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor” (BOSI, 1983, p.35). Contudo, o status de consumidor de produtos específicos para idosos é mantido àqueles que mesmo depois da aposentadoria continuam possuindo boas condições financeiras (LOUREIRO, 1998).

Ainda segundo essa abordagem, o lugar paradigmático que denuncia a valorização da pessoa enquanto produtora e reprodutora é a família. As relações de trabalho nas sociedades tradicionais eram coletivas e familiares. Com o avanço da industrialização, o trabalho tornou-se tarefa individual. O idoso perde sua função de transmitir o conhecimento às gerações seguintes, ficando sem serventia. Seu sustento é, muitas vezes, oneroso para a família (CATULLO GOLDFARB, 1998). Alguns idosos passam a cuidar dos netos como tarefa para manterem-se “úteis”, mas o idoso que por qualquer motivo não executa alguma função parece não ter lugar de convivência na família. A partir daí o velho é cada vez mais alijado do convívio social e familiar, “morre” enquanto ser social. Por outro lado, pesquisa realizada pelo Sesc em 2007, *Idosos no Brasil,* revela famílias brasileiras dependentes do trabalho ou da aposentadoria dos seus parentes idosos.

A velhice enquanto representação social da morte é mais uma hipótese apontada por autores como Boemer (1991), constatando que idosos asilados usam palavras como *desesperança, abandono* e *solidão* quando falam da morte. Muitos deles, entretanto, referem-se à morte como alívio. Tal estudo mostra que a convivência com a idéia da morte ocorre com maior intensidade quando o idoso está fora do convívio familiar, não tem objetivos, ainda que de curto prazo, e quando não tem compromissos: “Parece-nos que falta realmente espaço na sociedade moderna

para que o homem como ser-no-mundo faça reflexões acerca de sua existência e da sua possibilidade de já-não-ser-aí-no-mundo" (BOEMER, 1991, p.127).

Catullo Goldfarb (1998, p. 29) sintetiza:

> se o limite da vida humana é a morte, a velhice é a fase da existência que está mais próxima desse horizonte. Por essa razão, os velhos são suportes ideais para a maior parte das significações negativas que a eles se referem. Podemos observar como muitas das ações supostamente destinadas a "cuidar" dos velhos não são mais que subterfúgios para mantê-los isolados, assim como muitos discursos elogiosos não são mais que disfarces para encobrir o que de ameaçador e angustiante a velhice encerra em nosso imaginário social.

Kovács (1992), baseada na obra de Philippe Ariès (1977), analisa as representações da morte na história da humanidade. É possível identificar cinco momentos distintos:

- *a morte domada*, na Idade Média, quando os homens eram observadores de si e de sinais do ambiente;

- *a morte de si mesmo*, quando o homem passou a se preocupar com que aconteceria após a morte;

- *a vida na morte*, quando a crença de que a alma permanece por algum tempo perto do cadáver trouxe o medo de ser enterrado vivo e as preces nos dias que seguem a morte;

- *a morte do outro,* no século XIX, uma visão romântica da morte como libertação e o medo das almas;

- e *a morte invertida*, que "não é mais considerada como fenômeno natural, e sim fracasso, impotência ou imperícia, por isso deve ser ocultada" (Kóvacs, 1992, p. 38).

Küblen-Ross (1997) atenta para o fato de a sociedade isolar o moribundo em hospitais, negar a morte em casa. A morte tem hora marcada, monitorada em UTIs.

Essa análise denuncia como o tema da morte têm sido tratado cada vez com mais distanciamento da vida cotidiana. Assim, os sinais da velhice no corpo testemunham a passagem do tempo: marcas que remetem à finitude. Nesse sentido, a estigmatização da velhice visa manter à distância a ameaça da morte.

Mas quando o idoso insiste em co-habitar o espaço dos iguais (humanos) e sua presença não é tolerada, as insígnias são os xingamentos, as piadas, os olhares raivosos ou mesmo cheios de piedade. São marcados para serem diferenciados e assim mantidos à distância dos não-velhos.

2.2 Contextualização de velhice como problema social

Um modo de abordar o tema do envelhecimento, que chama a atenção pela constante presença em estudos, é a apresentação de dados estatísticos reveladores do aumento da população idosa no Brasil e no mundo, principalmente no período entre o final do século XX e começo do século XXI. Tal fenômeno é conseqüência das progressivas quedas da taxa de natalidade aliadas ao aumento da expectativa de vida, resultando em uma tendência que deve consolidar-se nos próximos anos, chegando à estimativa de 29,2% de idosos do total da população brasileira em 2050. Como dado comparativo, em 1980, os idosos correspondiam a 6,95% da população e, em 2004, essa proporção era de 9,08% (IBGE, 2000, revisão 2004).

Tais dados têm motivado ações estatais tanto no âmbito previdenciário quanto legislativo-executivo. A instituição da Política Nacional do Idoso reflete a preocupação em proteger os direitos de uma população que não está mais inserida no mundo produtivo do trabalho e por isso é tomada como alvo de necessidades

assistenciais. Permeando e até embasando essa perspectiva, apóia-se a cultura de jovens no século 21, implicando preconceito, medo e estigmatização (GOFFMAN, 1980) para entendimento de velhice como “problema social”, e demandando estudos para uma atenção “politicamente correta”, pela necessidade de investimentos em políticas públicas na ética da inclusão social difundida no mundo globalizado.

Desse modo, na atualidade a velhice é abordada por vários estudos como um fenômeno complexo envolvendo aspectos biológicos, sociais, psicológicos e econômicos. Considerar envelhecimento como problema social implica contemplá-la no âmbito da atenção primária à saúde[2] e, portanto, da precariedade do atendimento à saúde, da pobreza, do isolamento social, da discriminação e preconceito como contribuintes para uma velhice mal sucedida. É nesse contexto que surgem estudos para conceitualizar o que seria tanto uma velhice saudável, ou bem sucedida, quanto uma velhice patológica, através da determinação dos diversos fatores variantes ao longo da vida na perspectiva da relação entre saúde e contexto sócio-político.

Apresenta-se, assim, um questionamento. Se por um lado é expressivamente procedente atentar-se às situações do ser idoso no mundo de hoje entre outros humanos, seria isso suficiente para compreender o sentido de ser idoso? Por outro lado, dirigir um olhar à condição humana demanda também uma lente zoom. Como compreender esse momento da existência: por conceito de velhice ou por manifestações referentes ao modo de envelhecer para o ser humano?

[2] Saúde aqui refere-se a bem estar como direito de cidadão.

2.3 Sinonímias

As palavras: idoso, velho, ancião são substantivos que denominam o sujeito que traz no corpo as marcas do envelhecimento. Apesar de serem denominações, são também adjetivações, pois remetem às idéias depreciativas de velhice. No intuito de quebrar essa vinculação valorativa, verifica-se a evitação do uso do termo "velho", que parece estar mais fortemente vinculado a idéia de decrepitude. Alguns estudiosos, entretanto, agem em posição contrária, defendendo o uso do termo como denunciador do preconceito.

Recentemente, o termo "Terceira Idade" vem sendo utilizado como sinônimo de velhice. O termo inicialmente surgiu para designar um período entre a maturidade e a velhice propriamente dita. É uma construção social (DEBERT, 1994) que nomeia uma etapa do processo de degeneração biológica; portanto baseia-se nos sinais de envelhecimento do corpo e o olhar social sobre este fenômeno. Santana (2001) esclarece:

> Para Debert & Simões (1994) o processo de constituição da Terceira Idade em uma nova etapa que se interpõe entre a idade adulta e a velhice teve sua criação devido a mudanças no processo produtivo que levaram a ampliação dos setores médios assalariados. A invenção desta nova etapa de vida é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados encarregados de definir e atender as necessidades dessa população. Os recortes de idades e a definição de praticas legítimas associadas a cada etapa da vida não são, portanto, conseqüências de uma evolução cientifica marcada por formas cada vez mais precisas de estabelecer parâmetros no desenvolvimento biológico humano.

Assim, o termo "Terceira Idade" parece designar um período em que é possível reconhecer as marcas do envelhecimento, mas não existem limitações biológicas que tornem o idoso incapacitado aos cuidados de si e à busca de seu bem-estar. Extrapolando o sentido originário, o termo vem sendo utilizado genericamente como sinônimo de uma representação de velhice ativa e alegre.

Na experiência da pesquisadora, de modo geral os idosos não gostam de serem chamados de velhos e adotam o termo Terceira Idade no lugar de velhice. Neste sentido, uma vez que esta pesquisa pretende compreender a demanda da população pesquisada por meio de suas próprias vozes, optou-se por adotar os termos "idoso(s)/idosa(s)" e "Terceira Idade", sem, entretanto, compactuar com a idéia alardeada que a velhice precisa ser ativa e alegre, mas vivida na singularidade de momento de atividade e passividade e de alegrias e tristezas.

2.4 Pesquisas

Prado e Sayd (2004) realizaram um levantamento de temas investigados e tendências da pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil. Constataram que a pesquisa relativa à velhice, ao velho e ao processo de envelhecimento aborda predominantemente o estudo das doenças crônicas e degenerativas e das síndromes geriátricas. Além dessa temática, a educação, a promoção da saúde e a prevenção de doenças, ao lado do envelhecimento biológico, são também temas privilegiados.

Na área da Psicologia, um levantamento preliminar[3] nos sites de pesquisa LILACS (www.bvs-psi.org.br) e SCIELO (www.scielo.br) no período entre maio de 2006 a outubro de 2008, feito pela pesquisadora, apresenta diversidade que se agrupa em três abrangentes temáticas: reflexões sobre velhice como construção

[3] Levantamento informal que visou à busca de trabalhos publicados em periódicos de ciências humanas e ciências da saúde por meio dos descritores: velho (s), idoso (s), velhice e envelhecimento. Tal levantamento, pela grande quantidade de artigos encontrados, necessita de uma sistematização para que seja adequadamente abordado, constituindo como sugestão para futuras pesquisas de levantamento bibliográfico.

social, abordagem de aspectos da velhice bem sucedida e estudos com propostas terapêuticas das psicopatologias/neuropsicopatologias associadas ao envelhecimento: demências (em especial Doença de Alzheimer), ansiedade, depressão e distúrbios de memória, entre outros. Neste levantamento verificou-se o reduzido número de pesquisas relacionadas à atenção psicológica a idosos.

Ferreira e Falcão (2006) pesquisaram psicoterapia realizada com idosos. Apesar de concluírem que as falas mais repetidas pelos sujeitos que se submeteram ao processo psicoterapêutico indicassem significados favoráveis para a velhice, constataram um questionamento dos profissionais de Psicologia quanto à viabilidade da psicoterapia em idosos. Acreditam que, pela proximidade da morte, o tratamento psicoterapêutico é de evolução impossível.

Talvez esteja aí um dos motivos para a escassez de estudos nessa direção. Nesse sentido, esta pesquisa de mestrado, abordando o tema do envelhecimento humano no contexto das práticas psicológicas, perpassa transversalmente os conceitos de velhice para contribuir à reflexão desse momento da existência nas manifestações referentes ao modo de envelhecer para o ser humano.

3 - PARA UMA CIRCUNVISÃO[4] DA VELHICE: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este trabalho de pesquisa está ancorado na ótica fenomenológica existencial como compreensão de homem e possibilidade de reflexão investigativa, pela qual o fenômeno investigado desvela-se através da intencionalidade investigante. Tal fundamentação vai ao encontro da investigação de uma prática, pois considera que "O aparecer das coisas está condicionado a que elas apareçam para alguém" (CRITELLI 1996, p. 40), uma vez que o homem é ser-no-mundo (*Dasein*): abertura para desvelamento de sentido. A intencionalidade é compreendida como abertura para a existência, e não consciência imanente, remetendo-se à compreensão ontológica heideggeriana do homem como ser-no-mundo-com-outros.

3.1 Ponto de Partida

A fim de esclarecer tal compreensão, faz-se necessário clarificar a noção de ser-no-mundo na obra de Heidegger, notadamente em *Ser e Tempo (*1927/2002). Nesta encontra-se a compreensão de ser humano como *ser-aí*: o ente que existe como ser-no-mundo, diferentemente de todos os outros entes. Tal compreensão não comporta a de um sujeito com uma essência que o defina; antes vai para além da

[4] **Circunvisão** da ocupação ou *visão,* compreensão prévia, consideração da preocupação. "O ente que existe tem a visão de 'si', somente na medida em que ele se faz, de modo igualmente originário, transparente em seu ser junto ao mundo, em seu ser–com os outros, momentos constitutivos de sua existência" (HEIDEGGER, 2002, p.202).

visada de homem como ente simplesmente dado, como todos os outros, apenas com a diferença de possuir racionalidade. O ser-aí é, “[...] um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta” (HEIDEGGER, 2002, p. 90). O ser-no-mundo se diferencia de todos os outros porque seu ser sempre está em jogo, por ser afetado pelos e com os outros. Nessa compreensão, *mundo* não é oposto ao ser-aí, mas uma característica dele, um existencial, presente sempre e desde o princípio, fundamental para sua abertura às possibilidades do ser: sem *mundo* não há ser; é o sentido de abertura da partícula *aí*. Indica a condição de estar lançado no mundo a todo o momento.

A expressão ser-no-mundo aponta para unidade, porém não se trata de uma fusão indiscriminada. *Ser-em* não pode ser tomado no sentido de uma relação meramente espacial, significando “dentro de”, como algo contido por outro. Ser-no-mundo é uma afirmação de que *mundo* é o que possibilita *ser*, de modo que ambos são indissociáveis. Neste sentido, *mundo* não se limita a ser ambiente, mas é constituído por entes possuidores de sentido, que estão sempre em movimento de desvelar-se e ocultar-se. Esse ser é constituído por entes que estão sempre remetidos a outros. O mundo pode ser compreendido como acontecer do sentido, como a estrutura do ser-aí em que a ação ocorre.

O ser-aí é sempre, e antes de tudo, ser-com-outros, mesmo quando se vê desacompanhado. Ser-com é estrutura existencial do ser-aí, fundamental em seu ser. Essas estruturas são indissociáveis, pois estão referidas uma a outra. Ser-no-mundo é sempre ser-com-os-outros, e, portanto mundo é sempre mundo compartilhado.

Hannah Arendt, nessa mesma perspectiva, diz das dimensões humanas da singularidade e da pluralidade em sua obra *A condição humana* (1958/2007). O

homem é ser singular, único, não existindo outro igual antes de seu nascimento e nem mesmo após a sua morte. Embora o homem inicie a vida inserindo-se no mundo humano através do discurso[5], revelando um agente, não é nem o autor nem o produtor único de sua história. Se outros já a iniciaram, ele sempre será o *co-autor*, dada a condição de co-existência entre homens: essa é a dimensão da pluralidade humana. Somente é possível falar *quem* foi um homem quando sua vida finda, de outra forma estaremos falando *o que* ele foi. Ou seja, só é possível falar de alguém se remetendo à sua história, que é uma teia de relações que assim envolve o estar com outros.

Sobre a condição de alteridade na pluralidade do homem, Arendt ressalta que a "pluralidade humana é paradoxal pluralidade de seres singulares" (ARENDT, 2007, p. 189): a singularidade do homem se faz no discurso e na ação[6], possíveis somente na pluralidade, ou seja, na condição de estar entre homens. Essa é por excelência uma condição política.

Ação e discurso são as formas de que os homens dispõem para mostrar-se, para revelar o "quem", em contraposição ao "o que" alguém é:

> De todas as atividades necessárias e presentes nas comunidades humanas, somente duas eram consideradas políticas e constituintes do Aristóteles chamava de *bios politikos*: a ação (*práxis*) e o discurso (*lexis*), dos quais surge a esfera dos negócios humanos (*taton anthropon pragmata*, como chamava Platão), que exclui estritamente tudo o que seja apenas necessário ou útil. (ARENDT, 2007, p.34)

O homem é um ser que em sua condição de natalidade se inaugura *na* teia de relações humanas, portanto é agente e paciente de sua ação e de seu discurso, pois age e sofre as conseqüências de seus atos. Cada inauguração é imprevisível e

---

[5] Hannah Arendt usa a palavra discurso como *lexis*, "palavra".
[6] "Ação" tomada como *praxis*: do grego *prassein, prattein* (passar por, experienciar), refere-se à ação, fazer, prática. WEBSTER'S, 2002.

revela a singularidade. A ação, revelada nas palavras, no discurso, é a efetivação da condição humana de viver como ser distinto e singular entre iguais: “esta qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão com outras” (Arendt, 2007, p. 192), é uma mediação subjetiva não tangível - os homens falam e agem uns com os outros.

A ação, sendo a “atividade política por excelência” (Arendt, 2007, p. 17), permite ao homem construir sua singularidade. Remetendo a condição de ser-no-mundo-com-outros heideggeriano, vivendo entre homens é que o humano se faz singular, único.

3.1.1 Prática como atenção

Morato (2008), referendando-se nessta compreensão de ação arendtiana, recupera a origem de *praxis*, destacando o sentido mesmo de ação, fazer, prática; um fazer cotidiano. Etimologicamente, prática diz de um *lucus lucendi* (lugar de luz), por possibilitar uma compreensão de ordem não racional. Nesse sentido, prática é também *transhumanar* ou *transhumar*: “atravessar a terra (húmus) acompanhando e *cuidando* do rebanho em suas andanças à procura de outras pastagens” (MORATO, 2008, p. 03 - grifos nossos).

Por meio dessta abertura de sentido, prática articula-se a “cuidado”, como atenção ao bem estar do outro: *aprosexia,* do grego, significa atenção, de *a-+-prosexia* (de *prosechein*: dirigir-se a algo, de *pros*: *em direção a* + *echein*: sustentar). A*tentar* é verbo transitivo, do latim *attendere:* dirigir-se a, de *ad- + tendere:* dirigir atenção a; dar destaque a; escutar a; <u>cuidar de</u>. Examinando as raízes de cuidado

em sua proveniência grega, refere-se a *g rygon,* feminino de *g rys* (voz)*+gonos* (origem): por para fora uma voz audível.

Dessa articulação de prática como atenção e cuidado, encontra-se *clinicar:* refere-se ao *klinein,* do grego, indicando o inclinar-se ou reclinar-se próprio da prática daquele que cuidava de quem estava ao leito (*kline) dando voz a um sofrer*: Essa compreensão explicita um modo de atenção cuidadosa, acompanhando o paciente[7] na direção de bem estar/saúde (ANDRADE; MORATO, 2004). Assim, compreende-se *prática,* no sentido de *cuidado* entre homens aproximando-se da condição ontológica da pluralidade humana; vem referendar as bases desta pesquisa como fazer saber em ação.

3.2 Um modo possível de aproximação ao humano: Plantão Psicológico

A interrogação de possibilidades de atenção psicológica a partir das demandas dos idosos, sustentada nas bases acima explicitadas, resultou em uma proposta de serviço de atenção psicológica como pesquisa participativa interventiva. Tal proposta inspirou-se no Plantão Psicológico como prática psicológica ancorada na atitude clínica do psicólogo. Faz-se necessário, portanto, clarear tal prática como atenção retomando os sentidos já explicitados.

O Plantão Psicológico é uma modalidade de prática psicológica que consiste em receber quem procura por atendimento em situação de emergência de crise. É uma prática que expressa diretamente a *atitude clínica* do psicólogo, compreendida como modo de agir: situado ética e politicamente como plantonista, disponibiliza

[7] Paciente: aquele que passa por uma experiência (MOSQUEIRA, 2008).

escuta e compreensão àquele que o procura. (OLIVEIRA, 2006, p. 77).

Ética remete à *ethos*, palavra que no antigo grego é “morada, abrigo, refúgio”, no sentido da natureza que abriga os seres viventes e mais tarde foi adquirindo o sentido de habitação própria do ser humano. Morato (2008) aponta que o termo também provém do latim *ethicus,* do qual resultou *sodalitat-, sodalitas*, *sodalis*, (companheirismo, companheiro), aproximando-se do latim antigo *oeco-, oiko-,* originário do grego *oik-, oiko-,* de *oikos,* significando “casa”, no sentido de habitação compartilhada. Heidegger, na obra *Carta sobre o Humanismo* (1947/1991) atribui a *ethos* o significado de “morada do ser”, compreendendo ética como morada do ser no homem.

Já a palavra política, como substantivo, do grego *politika, politikos*, provém do termo *polis*, a cidade-estado grega onde os cidadãos, por meio da palavra, expressavam suas reflexões a respeito da vida em comunidade. Hannah Arendt, como já explicitado, retomou esse sentido em sua obra *A Condição Humana* (1958/2007), dizendo ser política a condição existencial do homem de pluralidade, ou seja, de ser estando com outros.

Retomando o sentido de clínica anteriormente clarificado, “inclinar-se, dirigir-se a”, *clínica* é sentido em ação: compreensões como norte para interpretações/intervenções, aproximando o que emerge daquilo que é urgente. Ou seja, relança no próprio discurso do outro aquilo que se apresentou a ele como urgência, para conduzi-lo adiante na apropriação de seu sofrimento. Na fronteira entre o *sentido-sentido* e *o sentido-compreendido*, chama o outro na direção de sua própria fala (OLIVEIRA, 2006). A*titude clínica* refere-se ao *fazer do plantonista* que, para garantir o compromisso com a questão da emergência, passou a trazer o Plantão junto a si de maneira radical. Independentemente do contexto no qual

acontecem os Plantões, os atendimentos sustentam-se entre fala/escuta tensional do plantonista e daquele que o pro-cura[8], constituindo-se em modo clínico de *estar junto a*.

A atitude clínica é então compreendida como habitar uma temporalidade e uma espacialidade em si mesmo para disponibilizar-se a ser afetado por aquele que o pro-cura no momento de crise: permitir-se ser tocado por suas emoções por meio de uma escuta atenciosa em que a fala do outro percorre suas experiências, conduzindo o psicólogo a se inclinar ao cuidado. Aberto aos acontecimentos inesperados da vida como qualquer ser humano, ao plantonista faz-se impossível estabelecer previamente modos de agir perante o sofrimento que se mostra. Do mesmo modo, habitando o tempo e o espaço da situação em que acontece o Plantão, não se apresenta ao plantonista a necessidade de *settings* tradicionalmente instituídos para a ação psicológica clínica: como uma árvore grande, apresenta-se como presença quando convocado por uma *pro-cura*.

Nessa direção, aquele que procura o Plantão Psicológico é tomado como sofrente, enquanto ser experenciando o desamparo diante da tarefa existencial de cuidar de si (OLIVEIRA, 2006). No momento da pro-cura pelo serviço, é acolhido pelo plantonista, cuja prática é sustentar[9] o sofrente na busca de sentido de seu

---

[8] **Pro-cura***:* modo como o sofrente traz uma urgência ao Plantão, geralmente através de uma linguagem característica de situações de crise. O sofrimento, ou aquilo urgente, circula de modo muito sutil e pouco nítido; a linguagem da urgência fala daquilo que é familiar e estrangeiro; o que urge ao sofrente é ambíguo. Diz da angústia, medo, sofrimento, insegurança, agonia (a-gonia=sem-origem, sem sentido): vaga percepção provocada por um desconforto, por encontrar-se ainda em incômodo, distanciado do que se poderia ser pedido explícito por cuidados psicológicos. É a incontornabilidade dessa situação que conduz o sofrente à pro-cura pelo plantonista. *Pro-cura* trata-se do *cuidado* implicado entre sofrente e plantonista. (OLIVEIRA, 2006).

[9] **Sustentar**: suportar por debaixo; refere-se a sustentar ou tolerar um peso. *Sofrer* – originalmente *sofrer* vem do grego *pathos*, significando *sentir*, *experienciar*, *tolerar sem oferecer resistência*, *ser afetado*, dizendo da condição provocativa dos sentimentos, que coloca os homens diante de um questionamento constante a respeito de sua existência. No latim, o significado de sofrer origina-se de *subferre*,. O sentido do verbo sofrer, no grego ou em latim, diz da dor do existir, ou seja, do desamparo humano diante de sua tarefa existencial, em seu constante tecer de sentido frente aos acontecimentos que presencia. Já o termo sofrente, longe de expressar estritamente a condição de

existir: o plantonista está junto ao sofrente na crise. Crise é compreendida como urgência manifestada em estados de ânimo (emoções) que mobilizam o sujeito na busca de cuidar da demanda que emergiu naquele momento. Ou seja, situação na qual o sofrente, tocado pelo sofrimento, encontra-se mobilizado para cuidar daquilo que emergiu e é urgente. Assim, o sofrente busca o Plantão como maneira para apropriar-se do que até o momento se apresenta como questão obscura por sentido.

Desse modo, o Plantão Psicológico não é um modelo ou tampouco uma técnica psicológica. Para acontecer basta um sofrente e alguém habitando o lugar de escuta como sustentação, oferecendo sombra para descanso, tempo e espaço de tomada de fôlego para prosseguir no caminhar da existência. A disponibilidade do plantonista de estar com o sofrente requer um compromisso consigo e com o outro que vai para além do conhecimento de teorias psicológicas. Ser plantonista implica ser solicitado e permitir-se ser afetado pelo sofrente para a ele responder; ou seja, cuidá-lo cuidando de si.

Compreendendo *cuidado* como a atenção disponibilizada para a escuta do que alguém tem a dizer, não diz respeito à racionalização do falado. A disponibilidade pro-voca[10] uma afetação: o plantonista percebe o mal-estar vivido pelo sofrente como angústia pela sensação de estar perdido e não se encontrar. Afetar-se com o outro é inerente ao plantonista: ressoa por meio do cuidado consigo, apoiando-se na própria existência para a realização do trabalho clínico. Inserida nesse interjogo entre emergência e urgência, a escuta do plantonista como cuidado mantém-se atenta, desvelando o próprio ato de pro-cura quando alguém se dirige ao

---

alguém que sente alguma espécie de dor, refere-se a conhecer algo ou alguma coisa por meio da experiência – *sofrente* é aquele que passa por, que experiencia a vida. (OLIVEIRA, 2006).

[10] **Pro-vocar:** a preposição latina *pro* reveste as noções de: avanço, movimento para frente, progredir, promover, propelir, propender, prosternar; manifestação, publicação: proferir, prolóquio, pronunciar. Já o antepositvo *voc-* vem do latim *voco*: chamar, mandar vir; nomear, pronunciar o nome de alguém; dirigir a palavra a alguém, interpelar; invocar, dirigir súplicas a; convidar, exortar; citar, intimar; provocar; desejar, pedir; anunciar. Desta maneira, *pro-vocar* diz respeito a *chamar, a dizer colocando a fala em movimento.* (OLIVEIRA, 2006).

Plantão.

Fundamentada na atitude clínica está a compreensão de atenção psicológica. Retomando-se a etimologia da palavra atenção, esta deriva do latim *attention-, attentio,* de *attentus* (particípio passado de *attendere*= atender). Por sua vez, atender é direcionar a um objeto de sentido ou pensamento**:** consideração**,** cuidado (WEBSTER, 2002). Assim, *atenção* é a disposição para *estar junto a*:

> atitude que abre a escuta clínica àquilo que se apresenta na fala do sofrente, sustentando o repertório clínico do plantonista pela maneira como se inclinou para a fala do outro; escuta que não encadeia logicamente os fatos comunicados a ele, mas possibilita compreensão da urgência na pro-cura (OLIVEIRA, 2006).

Assim, admite-se para esta pesquisa a atitude clínica como condição fundamental à sua realização, uma vez que a pesquisadora, permitindo-se ser afetada pela experiência de estar entre idosos, privilegia a atenção psicológica como atitude de abertura ao que é apresentado. Tal postura é pertinente ao objetivo de buscar compreender a demanda dos idosos na sua manifestação, que é a visada fenomenológica de pesquisa como explicitada a seguir.

3.3 Um modo de pesquisar a humanidade do homem

De acordo com Critelli (1986), para a ótica fenomenológica ser e aparência coincidem. O ser manifesta-se ou apresenta-se no ente, mas não no ente apreendido como coisa em si, mas no ente visto enquanto pre-sença no mundo, ser-aí. O ser que se busca por meio da fenomenologia não é nenhuma entidade em si mesma, nem mesmo uma idéia a respeito da substancia dos entes, porém é manifesto e expresso no horizonte existencial, isto é, nos modos de se ser no

mundo. É esse o sentido a compreensão de fazer saber neste trabalho: origina e desenvolve-se no modo de ser-no-mundo do homem.

O ser se faz aparente no ser no mundo; expondo-se em sua plenitude e desaparecendo, uma vez que o aparecer é temporal, a manifestação dos entes é no mundo. Nele estão presentes, como constituintes, os espectadores, pois o jogo do aparecer/desaparecer é um movimento do ente parecer ser tal ou qual, deste ou daquele modo para espectadores: “o aparecer das coisas esta condicionado a que elas apareçam para alguém” (CRITELLI, 1986, p. 40).

Assim, o que aparece não apenas mostra, mas oculta e/ou desfigura: tal possibilidade denota seu aspecto fenomênico, pois, ao mesmo tempo em que algo se mostra está também ocultando algo de si mesmo. Nesse sentido, o ocultamento pertence ao mostrar-se da própria coisa, que, como manifestação do ente, faz o ente ser o que é: a fenomenologia vai na conta-mão da metafísica dando legitimidade, na interpretação de Critelli das palavras de Hannah Arendt, ao senso comum:

> O senso comum está em contato com o mundo das aparências e trabalha com o que está à frente, aparecendo, jamais com aquilo que está por trás, suas causas ocultas e mais reais. Para Arendt (1981), o homem não vive num mundo de causas, mas de aparências. “O atributo essencial do mundo é o fato dele ser percebido por todos nós” (CRITELLI, 1986, p. 42)

Para o pensamento fenomenológico o problema do ser apresenta-se no âmbito da existência: nesse sentido é tomado senso comum, pois é à existência que a significação pertence, nunca às coisas nelas mesmas, como conceitos *a priori* (CRITELLI, 1986). O ser de tudo o que há está no ser-no-mundo: as coisas só podem ser no mundo da existência humana. O ser está no mundo, no manifesto:

> O pensar fenomenológico vai, então, buscar e encontrar o ser na questão que ser se torna para o homem [...] perceber o ser – seu próprio e dos demais entes -, como manifestação, é percebê-lo como algo que é para si mesmo e lhe é problemático, que lhe é dado como questão, como algo não transparente e definido. Ao dar-se conta do ser [...] o homem percebe que tem que dar conta de ser [...] Percebendo o ser, o homem toma o ser para si como algo que tem que cuidar [...] É diante dessa condição ontológica de ser cuidando de ser, ou incrustado nela, que o sentido de ser se dá para os homens. Portanto, seu horizonte de desdobramento é a existência, enquanto temporal coexistir sendo-no-mundo de diversos modos (CRITELLI, 1986, p. 48-49).

Nessa perspectiva, pesquisar com idosos é construir saberes na manifestação das singularidades na *prática*, no sentido de ação entre homens. O conhecimento, o saber, é revelado naquilo que se mostra à pesquisadora junto aos idosos: a experiência, como o vivido revelado na manifestação do ser-no-mundo-com-outros. Pesquisar, nesse sentido, é também cuidado, atenção: "É diante dessa condição ontológica de ser cuidando de ser, ou incrustado nela, que o sentido de ser se dá para os homens" (CRITELLI, 1986, p. 49).

Portanto, a fim de contemplar as bases norteadoras até aqui expostas, compreende-se que a modalidade de pesquisa participativa interventiva é a que melhor oferece fundamentos metodológicos para seguir no caminhar da investigação. A seguir, esclarecimentos quanto à pertinência de tal escolha.

3.3.1 Pesquisa-ação, pesquisa participante, pesquisa interventiva

O questionamento da aplicação das formas tradicionais de pesquisa aos fenômenos humanos desdobrou-se em modalidades mais pertinentes às ciências humanas. A pesquisa etnográfica, matriz da modalidade escolhida para este trabalho, foi a pioneira a considerar a presença do pesquisador como uma condição de impossibilidade de neutralidade e objetividade na obtenção e análise dos dados.

Segundo Schmidt (2006), as primeiras pesquisas etnográficas se dirigiram às culturas "exóticas" isoladas da civilização ocidental que interessava conhecê-las. A etnografia contemporânea aproxima-se do "outro" próximo: "Trata-se, na verdade, da multiplicação de outros, próximos e distantes, da aproximação do distante e do distanciamento do próximo, da possibilidade do outro alhures e do outro aqui" (SCHMIDT, 2006). A pesquisa etnográfica nessa direção abre-se para considerar o outro como co-construtor de interpretações e *locus* de articulação de diferentes mundos e de diferentes identidades/alteridades; encontro de diferentes saberes: um possível intercâmbio entre pesquisadores profissionais e sujeitos sociais distantes do ambiente acadêmico.

Entretanto, algumas interpretações da tradição etnográfica compreendiam nesta uma "ausência de compromisso político da etnografia clássica com seus 'sujeitos de pesquisa' e a busca metódica de objetivação destes mesmos sujeitos e sua cultura" (MORATO et al., 2007). Configurou-se um rompimento crítico com a tradição etnográfica: a pesquisa-ação.

Rocha e Aguiar (2003) apontam o pioneirismo de Kurt Lewin na pesquisa-ação, baseada na proposta de uma psicossociologia em que a gênese social precede a gênese teórico-metodológica. Lewin também contribuiu para o

questionamento da objetividade na produção do conhecimento, ressaltando que a implicação do pesquisador está presente no processo da investigação e que, por estar incluído no campo, a ação do pesquisador modifica o objeto estudado. As autoras apontam que, embora Lewin tenha elaborado uma proposta de investigação e ação sobre o campo social diversa da tradição positivista, suas pesquisas não fugiam do paradigma funcionalista, pois compreendiam os resultados divergentes do objetivo pré-determinado como produzidos pelos erros de estratégia do pesquisador: a ordem social é naturalizada e as crises e conflitos são tomados como desordens, mantendo assim as cisões teoria/prática e sujeito/objeto e definindo *a priori* resultados a serem atingidos.

No contexto da América Latina, Thiollent (1987) propunha a pesquisa-ação crítica, visando a mudanças na realidade concreta com uma participação social efetiva: centrada no agir, por meio de uma metodologia exploratória. Seus objetivos são definidos no campo de atuação tanto pelo pesquisador quanto pelos participantes e os resultados estão ligados à conscientização dos fatores envolvidos nas situações de vida imediata e na participação coletiva para a mudança da ordem social. Os dados são sempre provisórios e se aplicam a grupos de pequena e média dimensão: conhecimento e a ação sobre a realidade se fazendo na investigação das necessidades e interesses locais. A articulação entre teoria/prática e sujeito/objeto resulta na produção de formas organizativas e de atuação na realidade, propiciando transformações sociais e políticas.

Segundo Rocha e Aguiar (2003), no Brasil a influência do movimento institucionalista francês, na década de 60, e o movimento de pesquisa-ação latino-americano nas décadas seguintes, fomenta a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa, promovendo a construção de uma atitude de pesquisa transformadora

da realidade sócio-política. Esta posição propõe radicalizar a relação sujeito/objeto pesquisado, considerando essa interferência como condição ao próprio conhecimento.

Para Carlos Rodrigues Brandão, ainda segundo Schmidt (2006), a antropologia inventou a observação participante, sem que ela mesma tenha se tornado politicamente participante. De acordo com o ponto de vista de Brandão, a pesquisa-ação rompe com a tradição etnográfica inaugurada pela antropologia que persistia na cisão sujeito/objeto, implicando o pesquisador no envolvimento com a promoção de mudanças sociais.

Rocha e Aguiar (2003) lembram que em Lewin, inaugurador do termo pesquisa-ação, havia a mesma cisão entre sujeito e objeto e a naturalização da ordem social na qual os conflitos e crises são interpretados como disfunção e desordem: a intervenção visava o restabelecimento da ordem e não a mudança social. Schmidt (2006) escreve que as idéias de ação e intervenção não são equivalentes, mas ambas indicam a presença do pesquisador como parte do campo investigado e a presença de um outro que, tomado como sujeito ativo, se educa e se organiza, construindo um saber coletivamente.

Szymanski e Cury (2004) apontam em Gajardo (1999) que as características definidoras da pesquisa participante se sobrepõem às da pesquisa-ação, como o reconhecimento das implicações políticas e ideológicas e a mobilização de grupos com vistas à mudança na busca de relações igualitárias de poder. Thiollent (1987) afirma que os defensores da pesquisa participante se voltam mais para o papel do investigador do que na questão do agir, declarando que a pesquisa-ação é uma forma de pesquisa participante, mas nem todas as pesquisas participantes são pesquisa-ação.

Para Rocha e Aguiar (2003), a pesquisa-intervenção é uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico ampliando as condições para um trabalho compartilhado. Visa à mudança de parâmetros de investigação acentuando-se o vínculo entre gênese teórica e social, a produção concomitante do pesquisador e dos participantes e o questionamento dos especialismos instituídos sobre o lugar que historicamente foi destinado ao psicólogo. As autoras declaram que por meio da pesquisa-intervenção constata-se que a realidade social resiste aos quadros teóricos formulados *a priori*, convocando para o desafio de uma teorização permanente.

Os termos são elaborados e defendidos de forma por vezes complementares, por vezes contraditórias. A respeito destas divergências, Schmidt (2006) comenta que:

> [...] repete-se, de alguma maneira, a referência a uma contingência da pesquisa de campo, em antropologia e em psicologia social, que coloca frente a frente o pesquisador e um outro que, de objeto de estudo e de intervenção passa à condição de sujeito de um conhecimento e agente de uma transformação social que a prática da pesquisa participante propicia. A pesquisa participante, nestes casos, é tomada como uma referência histórica que se radicaliza teórica e metodologicamente tanto no questionamento da participação do pesquisador quanto na implementação da participação de grupos institucionais e/ou comunidades populares no planejamento e condução de pesquisas que visam a ação transformadora de coletivos. Não há o rompimento com a designação pesquisa participante mas, talvez, a necessidade de marcar uma posição crítica sobre suas origens por meio da adoção de novas terminologias, pesquisa-ação e pesquisa-intervenção, nas quais a questão do agir coletivo se torna essencial (SCHMIDT, 2006).

Para a autora, mais do que conferir especificidade teórica e metodológica, as noções de ação e intervenção suscitam o questionamento sobre a pretensão do pesquisador de supor que um outro necessita da sua ajuda para agir. Ainda segundo Schmidt (2006), o pesquisado é portador e porta-voz da experiência e o pesquisador

pode estar na posição de recolhedor da experiência, mediador, tradutor ou intérprete. Nesta relação, as identidades e alteridades deslocam-se e transformam-se em lugares ou funções de tradução e mediação, fazendo uma composição de saberes na articulação dos pontos de vista O pesquisador, nessa perspectiva, dialoga com os saberes advindos da experiência de viver.

3.3.2 Pesquisa interventiva participativa e prática psicológica: ação clínica

A escolha pela modalidade de pesquisa participativa interventiva justifica-se por pautar-se na atitude ética e política já explicitada. Nesse sentido, tal modalidade tem o duplo objetivo de contribuir para o conhecimento científico e oferecer um serviço de atenção psicológica à população idosa.

Retomando o fundamento que norteia este trabalho, a condição humana de ser-no-mundo-com-outros, a pesquisa participativa interventiva, nesta direção, apresenta-se como possibilidade de investigação afinada com a fenomenologia. Szymanski e Cury (2004), abordando a pesquisa intervenção em Psicologia, apóiam-se em Minayo (1996) para esclarecer tal relação:

> Na proposta fenomenológica é apresentada: a) uma crítica radical ao objetivismo da ciência, na medida em que propõe a subjetividade como fundante de sentido; b) uma demonstração da subjetividade como sendo constitutiva do ser social e inerente ao âmbito da autocompreensão objetiva; c) a proposta da descrição fenomenológica como tarefa principal da sociologia (MINAYO, 1996, p. 55, apud SZYMANSKI; CURY, 2004).

Retomando-se a fenomenologia existencial, o homem, sendo mundo com outros, afeta e é afetado, caracterizando sua impossibilidade de ser neutro no mundo. Sendo aí é que torna possível a produção de sentido; tal busca mostra-se também pelo que ele realiza como trabalho em ação (CABRAL; MORATO, 2003).

Articulando a crítica ao objetivismo científico com a condição ontológica do homem como ser-no-mundo, a fenomenologia encontra-se com a metodologia da pesquisa participativa interventiva visando tanto a reflexão epistemológica, a partir da ruptura com o paradigma positivista, quanto contemplando as dimensões ética e política nas pesquisas de campo. Ambas recusam a individualização e a psicologização dos conflitos e facultando a criação de novas práticas.

Szymanski e Cury (2004) discorrem sobre a condição de intervenção da pesquisa em Psicologia, defendendo que investigar e intervir são ações simultâneas na pesquisa em Psicologia. Citando Serrano-Garcia e Collazo (1992), afirmam que toda pesquisa implica uma intervenção, principalmente aquelas que visam a uma mudança.

Esta modalidade de pesquisa oferece a possibilidade para o desenvolvimento de procedimentos que podem se converter em práticas; também ocorrendo o inverso, indica a estreita relação entre pesquisa e prática, contribuindo para construções teóricas como fruto desse intercâmbio. Nesta perspectiva, tanto o trabalho de campo como sua reflexão interpretativa visam o desvelamento dos sentidos da experiência humana emergidas durante os encontros da pesquisadora junto aos participantes.

A condição dupla de serviço psicológico e investigação científica, ressaltam Szymanski e Cury (2004), torna indispensável ao pesquisador conhecimentos teóricos e metodológicos tanto da prática da pesquisa como da profissional. Atenta-

se à consideração dos participantes “como pessoas que são focos de cuidado, co-construtores de significados e não ‘objetos’ ou ‘sujeitos’ de uma pesquisa” (SZYMANSKI; CURY, 2004, p. 360).

A proposição de um serviço de atenção psicológica como pesquisa participativa interventiva implica, necessariamente, na compreensão de que a pesquisa está vinculada a uma intervenção como ação clínica. Este fazer clínico-investigativo se propõe a resgatar as dimensões ontológicas da condição humana do participante, pois é somente nesta compreensão que a escuta pode comprometer o participante com seu sofrimento.

Em seu texto *A Psicossociologia: crise ou renovação*, Lévy (2001a) esclarece, como já dito, que o termo *clínica* deriva da postura de inclinar-se ao leito. Em outro texto, *O Posicionamento Clínico* (LÉVY, 2001), o autor ressalta que *clínica* se define como um posicionamento em relação ao outro, ao mundo e ao saber. Esse posicionamento Lévy chama de *démarche clínica.* A palavra *démarche* em língua francesa significa “atitude; modo de andar”.

De acordo com Aun (2005), tal sentido remete aos primeiros passos de uma criança, como um “dispor-se para uma ação clínica que solicita o espantar-se, resgatando a atenção curiosa da criança a cada novo espaço que se dá a conhecer”. Nesse sentido é muito mais do que um conjunto de métodos e técnicas, mas, ressaltando-se novamente, um modo de dispor-se em relação ao outro, mas também em relação ao saber e a sua elaboração. A partir disso, Morato (2007) coloca em novos termos a questão das relações entre pesquisa e ação ou entre teoria e prática, uma vez que esta postura em relação ao homem, sofredor ou não, e do saber empregado nessa relação não é uma concepção exclusiva das profissões de cuidado.

Tal disposição implica em uma visão de homem complexa, vislumbrado por diferentes planos da realidade: psicológico, econômico, cultural, tecnológico, social, histórico, lingüístico e jurídico. O humano é compreendido como ser singular visto em sua globalidade e em sua história. Explicitar essa concepção é uma necessidade sentida pelos pesquisadores clínicos que se colocam em posição de confronto com situações de crise ou de mutação propriamente humanas. Essa visão é oposta àquela de ciência que fornecesse a chave da compreensão humana de um mundo único e coerente, regido por leis simples, que reduzem os fenômenos humanos ao que é inteligível e representável, negando tudo o que escapa ao pensamento racional. Portanto, o que dá sentido e conteúdo à compreensão clínica é o que se realiza na ação, por sujeitos singulares implicados em relações recíprocas.

Lévy (2001) compreende que uma *démarche* clínica sempre tem um elo com uma demanda. Segundo ele, a prática de pesquisa clínica, contempla dois aspectos complementares: uma intervenção em resposta a um pedido de atenção; e uma prática de pesquisa diretamente implicada nos processos de mudança, rompendo com o positivismo científico. Implica o pesquisador como clínico, pois um sujeito em sofrimento ou em crise o toca por inteiro. Nesta relação, o sujeito não se deixa reduzir a um caso particular de uma categoria geral preestabelecida: a compreensão do sujeito como um todo só se realiza em uma experiência singular, em um dado momento histórico, por detalhes que fazem esta relação única e diferente de qualquer outra.

O trabalho clínico solicita ao pesquisador que “caminhe às cegas no espaço do outro, que ele conhece pouco ou nada” (LÉVY, 2001, p. 21). Necessita de um esforço de compreensão na escuta do outro para que esta relação não seja atravessada pela tentativa de reduzir o sujeito a modelos conhecidos. O clínico-

pesquisador está nessa relação ele mesmo como aquele ser com complexidade e zonas de sombra e de questionamentos próprios, numa relação de incertezas mutuamente aceitas:

> a abordagem clínica só se justifica e é possível porque o clinico é, de certa forma, desejado, aguardado, esperado: ele é objeto de uma "demanda" por parte de pessoas ou de grupo lidando com processos, conscientes e inconscientes, que neles geram fases, ora de esperança, de estabilidade, ou de relativo equilíbrio, ora de ruptura, de desencorajamento e de desequilíbrio. Quer dizer também que ele está disposto a receber estas "demandas", a tentar compreendê-las e a assumir suas conseqüências e seus riscos, especialmente para ele mesmo (LÉVY, 2001, p.21).

Conhecer a "demanda" está no centro da *démarche* clínica. Demanda "diz respeito a procurar por aquilo que lhe é próprio: clamar por*"* (OLIVEIRA, 2006). De acordo com Lévy (2001), no sentido do psicológico, demanda é compreendida como aquilo que falta, a um sujeito ou comunidade, marcando-se através da linguagem de ausência que pede por algo específico para ser reconhecido: uma interpretação à procura de sentido.

A demanda não visa a nenhum conteúdo identificável, pedindo sempre interpretação, mesmo que não segura. A análise da demanda é um processo contínuo, pois é a busca da compreensão do apelo pelo outro: se disfarça em pedido de uma coisa, como "metáfora do que não pode ser expresso" (LÉVY, 2001, p. 23). O pedido apresenta-se como questão, dúvida e desejo por uma informação ou conselho claro e definitivo de especialista para sua solução (OLIVEIRA, 2006). Por isso reduzir a demanda a um pedido é como negá-la ou rejeitá-la. A *démarche* clínica funda-se sobre a interpretação e a procura do sentido da demanda em uma crise, é a isso que o pesquisador se inclina: àquilo que se faz singularidade de um mal-estar de pessoa ou coletividade. Portanto, a demanda nunca pode ser anterior à *démarche.*

O ato clínico pode se definir como intervenção em uma situação sempre marcada por uma crise de sentido; assim, os momentos de desespero ou de crise podem ser também de renascimento e de reconhecimento. No lugar de procurar explicações causais, o trabalho de construção de sentido é o resultado de um diálogo, no qual o clínico provoca o outro a falar e a discutir a respeito de suas experiências ou daquilo que estas possam evocar ou significar para ele. A compreensão do sentido de uma demanda é progressiva e ininterrupta descoberta de significações parciais e provisórias emergidas de um diálogo conduzido passo a passo. Visa permitir que o sofrimento vivido em sua emergência seja compreendido e adquira sentido: saia da "terra de ninguém".

A compreensão clínica é o movimento dinâmico que dá sentido à experiência que não pode ser reduzida a uma explicação causal, que fecha as possibilidades de mudança: compreender o sentido não é fornecer uma resposta, mas uma pergunta que cria condições para um devir possível. O que há de original na concepção desta clínica do sentido é que ela "combina duas dimensões: orientação (ou projeto) e significação; em outras palavras, mudar e compreender". (LÉVY, 2001, p. 27)

A pesquisa clínica, visando a busca de sentido, divide-se em dois momentos: apreensão da experiência vivida com tal e a busca da compreensão de seu sentido. Sendo assim, é necessário que se pontue os seus limites. Os procedimentos de intervenção clínica não pretendem responder a todas as situações e a todos os problemas. É uma

> ação injusta e parcial limitada em suas metas como em seus resultados. No que concerne à clínica, convém lembrá-lo, esses dizem respeito a uma ação que só tem sentido quando endereçada a conjuntos tomados em sua totalidade continuando sempre seletiva e orientada. Mas também, e talvez, sobretudo, eles se referem a problemas levantados pela conceitualização, numa linguagem

> universal, dos “objetos” da experiência singular de um sujeito, ele mesmo produtor de sentido e de história (LÉVY, 2001, p.38).

Referendando-se na modalidade de pesquisa participativa interventiva, este trabalho configura-se como uma pesquisa clínica, uma vez que junto e “no campo”, o clínico constrói e comunica seus conhecimentos (CABRAL; MORATO, 2003). Deste modo, o pesquisador dá-se a compreender a demanda dos sujeitos idosos.

Configurando-se em um serviço de atenção psicológica, ou seja, um espaço em que o idoso, tomado como sofrente, encontre uma disposição para ser ouvido no que ele tem para dizer, esta disposição, compreendida como a *démarche* clínica proposta por Lévy (2001), somente pode se realizar em uma escuta aberta ao idoso, tomado nesta configuração como *sofrente*. A demanda psicológica do sofrente explicitada na presença do psicólogo adquire uma interpretação, contínua e dinâmica, necessária para que esta demanda possa ser compreendida. Afinal, clínica refere-se à relação mutuamente aceita entre clientela e psicólogo. Assim, o clínico é ele mesmo, também, objeto de demanda: aceita-a para compreender o que falta e assumir para isso riscos até para si mesmo.

Nessa medida, o pesquisador, como clínico, recorre a suas próprias sombras e questões enquanto agente do trabalho a ser realizado. Intervir a partir de uma demanda é dispor-se à solicitação por interpretação e análise contínua de algo sem conteúdo identificável.

3.3.3 Diário de bordo como possibilidade de registro do vivido

No ensejo de implicar-se nesta *démarche*, o registro dos encontros foi feito em diário de bordo (AUN, 2005), coletando as narrativas dos participantes por meio da escrita da pesquisadora. É um instrumento que possibilita o registro da historicidade da pesquisa no revelar-se do outro para a pesquisadora cuja biografia é atravessada: “Denunciador de angústias e momentos de desamparo na e da prática, o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro” (AUN, 2005, p. 34).

O diário de bordo inspira-se no diário de campo, escrita etnográfica por excelência. O diário de campo de Bronislaw Malinowski (1884-1942), pioneiro a utilizá-lo como instrumento de pesquisa, revelado postumamente no livro publicado em 1967 *Um diário no sentido estrito do termo,* mostra as afetações do pesquisador na vivência do campo por meio da explicitação dos sentimentos provocados no encontro com os habitantes das Ilhas Trobriand, no transcurso de dezenove meses. A revelação desta escrita pessoal suscitou e ainda fomenta reflexões acerca da impossibilidade de neutralidade do pesquisador em campo.

Assim como em uma longa viagem, a pesquisa participativa interventiva propicia a aproximação entre o pesquisador, como viajante-marinheiro, e os atores sociais, em mútua afetabilidade provocativa. O diário de bordo, registrando a viagem, reconstitui a experiência vivida nos entrelaçamentos. Admitindo tal condição, os registros dos diários de bordo não se limitam à simples descrição dos fatos ocorridos durante a situação de pesquisa, mas assinalam as sensações, os sentimentos e os questionamentos resultantes do encontro entre o clínico-pesquisador e os participantes. Revela também um modo fenomenológico de

compreender e realizar pesquisa: fazer e refletir em ação, criando sentido (CABRAL; MORATO, 2003).

A opção por tal paradigma corrobora ainda mais a pertinência da pesquisa participativa interventiva por privilegiar a experiência humana e seu significado para os participantes, considerando que a experiência ocorre em situação. Neste sentido, os registros em diário de bordo apresentam-se como narrativas, pois se compreende esta como forma de expressão afinada com a pluralidade de conteúdos da situação e da constante mutação no transcurso do tempo, característica da elaboração e transmissão da experiência (SCHMIDT, 1990).

René Lourau (1993) faz algumas considerações sobre sua investigação acerca do diário da pesquisa: o reconhecimento e validação da instituição acadêmico-científico de um pesquisador tornam inseparáveis a pesquisa de sua redação. Entretanto, esta escritura marginal - o diário -, que restitui "não o *como fazer* das normas, mas o *como foi feito* da prática" (LOURAU, 1993, p. 77), é excluída da produção de um texto que precisa ser legitimado institucionalmente. Isso acontece porque o diário seria aquele que denuncia a intimidade entre o autor e sua pesquisa, e, como tal, deve ser recusado pela ciência. Dessa forma, "a escrita quase obscena, violadora de neutralidade" (LOURAU, 1993, p. 71) foi nomeada, por Lourau, como *fora do texto:* uma redação marginal, uma escrita colocada *fora de cena* da oficial escritura.

3.3.4 A relação experiência e conhecimento

O diário de bordo, como escrita etnográfica, é o meio privilegiado de transmissão do conhecimento em pesquisa participativa interventiva, pois une os dois momentos essenciais da etnografia: a situação da pesquisa no campo e o momento em que o pesquisador de debruça da rememoração e revivência da experiência para tornar público suas reflexões a fim de fazer saber.

Schmidt (2006) atenta que o segundo momento da escrita etnográfica é a construção propriamente dita de uma interpretação do diálogo, da interlocução que houve em campo. Nessa construção reflexiva, o pesquisador recorre ao seu conhecimento acadêmico atentando para o compromisso ético, político e epistemológico ao narrar a sua experiência com seus interlocutores. O texto resultante desta interpretação é autoral, aproximando-se de um caráter literário:

> Se os textos literários dependem de quem escreve, quando, onde e para quê, enquanto os científicos não, na etnografia a necessidade de localização do autor faz com ela se aproxime da literatura. [...] A literatura é, portanto, um paradigma necessário ao texto etnográfico que, como quer Geertz, exibe um caráter híbrido, instalado que está entre a aspiração de criar um estilo, singularizando modos de ver e recortar uma paisagem empírica e intelectual e o desejo de comunicar fatos e idéias, articulando informações. Ao caráter híbrido do texto corresponde a ambivalência do escritor etnográfico (SCHIMDT, 2006).

Assim como o diário de bordo é tomado pelas ciências positivistas como marginal, a consideração ao senso comum é também repudiada. Como conseqüência, aponta Santos (1989, apud SCHMIDT, 2006), tem-se:

> a) transformação da relação eu/tu em relação sujeito/objeto, feita de distância e estranhamento mútuo e de subordinação do objeto ao sujeito; b) crença no conhecimento científico como única forma válida de saber, ancorada na objetividade que separa teoria e prática, ciência e ética; c) redução do universo de observáveis ao

> universo dos quantificáveis e do rigor do conhecimento ao rigor matemático, desqualificando as qualidades que dão sentido à vida social; d) desconfiança das aparências e desprezo pela comunicação face a face; e) arrogância de só considerar relevante aquilo que se pode conhecer por meio do método científico e recusa a olhar o que não se quer ou se pode conhecer; f) *especialização e profissionalização do saber, estabelecendo simbioses entre saber e poder e excluindo os chamados "leigos";* g) racionalidade instrumental irresponsável pelas "aplicações"; h) discurso "rigoroso", destituído de imagens, figuras de linguagem ou metáforas, desencantado, triste e sem imaginação (SANTOS, 1989 - grifos nossos).

A reflexão hermenêutica dos registros no diário de bordo propõe legitimar a construção de um saber tecido pelas mãos tanto do pesquisador quanto dos participantes, em co-autoria, uma vez que a pesquisa participativa interventiva, na *démarche* clínica, resiste ao rompimento com o senso comum. Abre-se para a possibilidade de articulação entre saberes especializados e os saberes advindos da experiência cotidiana dos participantes, promovendo a possibilidade da democratização e da produção de conhecimento (SCHMIDT, 2006).

Uma vez que o discurso científico se tornou mais e mais estranho e distante do senso comum, a reflexão hermenêutica caracteriza-se, segundo Schmidt, por um

> modo de compreender a ciência como prática social de conhecimento formada no diálogo com o mundo [...] Na visada hermenêutica, o objetivo da ciência está fora dela, na forma de requisitos éticos e políticos em direção à democratização do saber prático e ao "hábito de decidir bem" (SCHIMDT, 2006)

Ainda segundo essa autora, para Boaventura de Sousa Santos a hermenêutica aproxima a ciência da linguagem cotidiana, avizinhando os atores sociais na produção do conhecimento. Essa elaboração de uma "epistemologia pragmática" (SCHMIDT, 2006) possibilita constante reflexão sobre a produção de conhecimento e favorece ao compartilhamento e aprofundamento do saber prático.

O saber prático é construído na experimentação cotidiana. De acordo com o dicionário Webster (2002), experimentar é sentir, sofrer; sinônimo de experienciar. Etimologicamente o termo “experiência” vem do latim *experientia*: prova, ensaio, tentativa. Szymanski e Cury (2004) observam que o termo apresenta, concomitantemente, tanto o significado de produzir um fenômeno para estudá-lo de forma controlada, quanto um sentido subjetivo de um conhecimento a partir da prática.

Desse modo, a presente pesquisa, por meio da análise, visa buscar os sentidos da experiência do encontro pesquisadora/participantes, tecendo saber a múltiplas mãos. Trata-se de pesquisa interventiva participativa.

4 - A PESQUISA EM AÇÃO

4.1 Fazendo o caminho

Em um primeiro momento da feitura deste trabalho, como método investigativo foram realizadas entrevistas abertas com idosos. As entrevistas eram iniciadas por meio de uma pergunta pro-vocadora[11]: "Para o/a sr/sra., como o psicólogo trabalha com idosos?". A intenção era investigar como o fazer do psicólogo era compreendido por um idoso.

Foi realizada uma entrevista com um voluntário do sexo masculino de 67 anos, convidado a participar da pesquisa. Esclarecidos os objetivos da entrevista, formalizando sua participação pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1), a entrevista foi gravada em fita cassete e transcrita (anexo 2[12]). Após esse procedimento, encontrei-me novamente com o entrevistado em duas ocasiões para a leitura da transcrição a fim de que pudesse autenticar sua participação.

O acesso ao participante deu-se pela freqüência ao ambiente comum do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde ele assistia às aulas da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). A freqüência à UNATI não foi uma

---

[11] **Pro-vocar**: dar voz. **Pergunta pro-vocadora** – são perguntas que pro-vocam o real e não o circunscrevem. Como modo de ser terminante do humano, a pergunta pro-vocadora renuncia a sua dimensão cognitiva, peculiar às enunciações interrogativas de uma pesquisa nos moldes tradicionais, instituindo-se pela conversa como um convite a uma celebração, na qual a experiência é a convidada de honra da memória (OLIVEIRA, 2006).

[12] Os nomes das pessoas relatadas e do próprio entrevistado foram substituídos por outros, fictícios, a fim de preservar o sigilo das identidades das mesmas.

condição para a escolha do participante. Neste trabalho, o programa é interpretado como uma das tantas experiências possíveis na existência de um idoso.

A entrevista foi realizada para que, a partir da pergunta, o participante pudesse respondê-la como quisesse. A escuta de seu relato acompanhou a fala, uma vez que visou o aprofundamento reflexivo a partir da pergunta inicial pro-vocadora, possibilitando a entrevista configurar-se como situação de construção de conhecimento. A apresentação da entrevista segue na forma de narrativa: inclui a pergunta pro-vocadora e outras intervenções da pesquisadora no corpo do texto objetivando valorizar a autoria do narrador. De acordo com Meihy (1996), este modo de cuidar dos depoimentos gravados é denominado *textualização*: implica processo de transcrição que visa valorizar quem narra, antes mesmo de qualquer outra interferência, zelando pela compreensão dos relatos orais dos que com eles estão tomam contato. Meihy (1996), abordando a narrativa nesta visada, aproxima-se da compreensão de Benjamin (1985) de que o narrador diz não unicamente da própria experiência, mas também da de outros: esta é a dimensão coletiva da narrativa. (MEIHY, 1991). O momento em que o entrevistado revisa sua narrativa é validado o trabalho de textualização e de transcrição, pois a possibilidade de modificações e alterações do texto legitima sua versão final.

Seguindo essa perspectiva em atitude clínica da entrevistadora, ao narrar sua experiência foi possível ao entrevistado uma reflexão sobre a Psicologia, enquanto saber, e sobre o psicólogo, tomado como especialista nesse saber. Para esclarecer esse processo, destaco alguns trechos da entrevista[13].

A pergunta solicita a expressão do entrevistado sobre o trabalho do psicólogo com o idoso. Tratava-se de uma questão aberta, para que a resposta pudesse ser

[13] Para serem facilmente localizados, os trechos de entrevistas foram grafados em fonte distinta daquela utilizada no texto corrido.

dada de formas diversas. A entrevista, como situação de oferecimento de um tempo e um espaço de atenção, pro-vocou o participante. A essa pro-vocação, o entrevistado respondeu por meio da narrativa[14] de sua experiência com psicólogos e com a Psicologia.

O entrevistado escolheu relatar a situação abaixo para iniciar sua resposta à pergunta:

> [...] através de uma colega que trabalha aqui na USP, ela me apresentou esse manual da Terceira Idade [...] eu estava folheando e me interessei pela Psicologia, [...] aí eu estava lendo e falei: "Bom, vou fazer Psicologia". Mas só que aí, conversando com a garota ela falou assim: "Mas só que você vai estudar junto com a garotada". Aí foi o que eu falei: "Mas meu Deus", eu pensei assim, "isso deve ser só para os velhos, né? [...] será que eu tenho coragem de estar no meio dos garotos, das garotas da FUVEST... eu velho..." Eu terminei meu curso médio... na época era Colegial, era 79, com muito sacrifício. Terminei em 79 nos supletivos da vida... E aí fiquei lá cogitando: "Vou, não vou! Vou, não vou". Aí eu criei coragem e falei: "Vou!!" [...] Aí eu entrei. Tinha todos os alunos e tal. Tinha três idosos [...] e aí sentei lá no fundão com aquele medão, sabe? [...] e aí quando ela [a professora] pediu pra que a Terceira Idade se identificasse... eu não sei se fiquei branco ou vermelho... sei que comecei a tremer. [...] "Pode levantar e dizer quem você é e de onde você vem?" Aí eu sei que eu levantei, disse meu nome e fui falando um monte de besteira [...] Aí, quer dizer, eu finalizei, falei assim "Tudo bem. Só isso que a senhora queria saber?" [...] Aí ela deu risada... e ela começou a me considerar pra caramba. Aí toda a aula: "João Santana, um grande homem" e tal.

O trecho destacado faz parte do começo da entrevista, quando inicia sua narrativa a partir da pergunta. Nele, o entrevistado relatou como foi o seu contato com uma professora de Psicologia na primeira aula a que assistiu na Universidade. Ele expôs seu receio em participar da aula com "garotos, garotas da FUVEST",

---

[14] **Narrativa**: exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens; conto, história, caso. (WEBSTER'S 2002*)*.

jovens estudantes que foram aprovados em um exame bastante concorrido. Criando coragem, foi para a aula e em pé apresentou-se aos garotos e garotas e à professora de Psicologia. E passou a ser considerado[15] por ela. É a partir da recordação desse encontro que o entrevistado inicia sua narrativa: um encontro pelo qual se sentiu respeitado e estimado.

O entrevistado enuncia os autores e idéias que conheceu na Universidade e, em seguida, diz que a Psicologia, enquanto ciência contribui para a reflexão sobre si e sobre a relação com outros:

> [...] Mas o importante: por que eu procurei a Psicologia? Justamente pra quebrar um pouquinho o meu complexo de inferioridade, porque eu fui um garoto lá da roça... Sofri muito numa cidade do interior onde a única família negra era a minha... Então eu fui... fui não entendendo o que o pessoal queria... eu não entendia porque existia aquele preconceito [...]
>
> Então essa Psicologia tem me ajudado porque eu leio bastante. [...] É um condicionamento que as pessoas adquirem... e a Psicologia vem mostrando pra mim que eu não sou inferior a ninguém... se eu estou revoltado é graças àquilo que eu condicionei... E à medida que eu vou estudando... esclarecendo... eu vou vendo que eu não sou inferior... certo? Mas isso é só através do conhecimento... da Psicologia e de outras Ciências [...] Então, como eu vou voltar a frisar... não só a Psicologia... como a História, outras ciências, a própria Sociologia... alguma coisa que eu leio de Filosofia... têm me ajudado a quebrar aquela coisa... que vem da infância [...]

O conhecimento contribui para seu trabalho com os internos da Fundação CASA (ex-FEBEM) e na Penitenciária Feminina. Quando falava de seu trabalho na Fundação CASA, disse sentir que o que fazia não dava “bom resultado”, e o trabalho dos alunos de Psicologia também não. Diz que o psicólogo, o profissional, é quem tem esse poder, que parece ser o de conhecer “o cerne das coisas”, de descobrir o mecanismo que está errado nas pessoas:

---

[15] **Consideração**: respeito ou estima que se demonstre por algo ou alguém; deferência. (WEBSTER'S 2002*).*

> [...] Pra você ver... Então eu fico: "Puxa... mas que trabalho que eu estou fazendo [na FEBEM]?" Mesmo o pessoal aqui... eu já conversei com os alunos... eles iam fazer um trabalho de um caso... Eu acredito que eles também não tenham tido um bom resultado não... Bom resultado... nós termos um assessoramento para essas famílias. Como assessorar? Não é pegar o garoto e fazer alguma coisa... Precisa ver a base lá atrás... o que está... como auxiliar essa família... como melhorar. Se não criar isso... assistentes sociais... deveria ter maior número de assistentes sociais... maior número de psicólogas [...] São vocês, né? São os psicólogos que têm vontade de mudar o mundo... mudar a sociedade. Mudar o mundo... você pergunta... Interessante... Então, todas as aulas os professores chegam assim e dizem: "Olha... vocês tiveram uma dificuldade para entrar aqui na USP... mas vocês têm que mudar... mudar muito. E quem vai mudar? São vocês... caramba! São vocês, psicólogos. Todos, todos... Como é que o psicólogo vai mudar o mundo? Muda, muda! Através de entrar nessas escolas públicas aí... e não é só nessas escolas públicas. A tua pergunta como é? Ah, mas, Santana é só nas escolas públicas que têm delinqüentes? Só pobres? Você vê também o que está acontecendo nas escolas melhores aí. Jovens que têm uma boa posição oficial e tudo... não estão denegrindo? Não estão caindo? É boa a pergunta... como é que nós vamos mudar isso? O psicólogo tem algo que faz diferença? Vocês têm! Eu acredito que vocês vão no cerne da coisa... descobrir que mecanismo... o que está acontecendo na mente desse pessoal... Só vocês podem mudar.... vocês... o psiquiatra... porque alguma coisa de errado na mente de certas pessoas está acontecendo... Porque eu vejo aí: "Tudo é normal"... Não é normal!

Quando convocado[16] a falar sobre o próprio "poder" (em relação ao seu trabalho com os internos), o entrevistado não o compreende como legítimo, pois não é "profissional", dizendo que é "considerado um negro", um "nada", pois "*só faz*":

> [...] esses estudiosos... eu coloco... modificadores da mente humana... vocês têm poder pra modificar isso... têm poder. Psicólogo tem poder... Eu? Trabalho com essas pessoas... mas eu não sou profissional. Você vai ser. Você já é... eu não sou... ou sou considerado um negro. Mas alguém um dia vai dizer: "Não! O Santana? Ele não é profissional... mas

[16] **Convocar**: do latim *convocare:* (*com- + vocare)*: chamar, gritar por outros, reunir. (WEBSTER'S 2002*)*. Nesse texto com o sentido de "chamar para falar com": o entrevistado é chamado a falar de seu próprio saber com (em presença de) a pesquisadora. É chamado a falar da sua experiência (prática) na presença da profissional, cujo saber é intelectual.

> ele está fazendo alguma coisa". [...] Eu não sou nada... Eu só faço... Será que não toca elas o que faço? Toca! Tem muitos que... nossa!... Toca sim!

Menciona Simone Weill como uma pensadora, uma intelectual[17] que colocou a "mão na massa", se referindo à *prática*:

> Você leu a Simone Weill? [...] Ela falou: "Vou ficar aqui na cátedra só ouvindo essas coisas bonitas e tal? E como eu sou um pensador, um intelectual, o que serve pra mim essa intelectualidade se a maioria da massa não usufrui... não sabe o que está acontecendo?... Eu pesquiso... não sei... essa pesquisa... Eu tenho que colocar em algum lugar... tenho que ver se ela funciona". [...] Aí ela pegou e foi lá trabalhar na... mão na massa.

A partir daquele momento, a entrevista prosseguiu tentando clarear a compreensão da oposição do saber intelectual *versus* prática. Ao entrevistado, é inconcebível que uma psicóloga profissional possa aprender com alguém que "só faz". Já no fim da narrativa, menciona uma situação em que o psicólogo profissional, compreendido nessa narrativa como o intelectual/pensador, é preterido na escolha de alguém para intervir em uma situação de sofrimento:

> [...] o ser humano é gozado! Enquanto não acontece... a hora que acontece... Nossa! [...] Hoje mesmo liga uma senhora pra mim... quando está acontecendo com os outros tudo bem, mas na hora que acontece na nossa casa... nossa... desaba tudo!... A exemplo: eu estava em casa pra sair pra vir pra cá e liga uma senhora pra mim: "Santana, eu tenho uma amiga minha... ela está desesperada... ela trabalha com alcoolismo e drogas e agora o filho dela está usando... Ela falou que o marido dela vai matar o menino". Eu falei: "Ué, o que, que você quer que eu faça?" "Converse com ele". Eu falei: "Calma! Calma!". Essa mulher que ligou... Roberta... minha amiga... e a Roberta... assim... ela gosta muito de mim. A filha dela é psicóloga. Falei: "Calma... calma... primeiro manda ela falar com a sua

---

[17] **Intelectual**: distinto da emoção ou da experiência, pessoa com inteligência superior, pessoa devotada aos problemas abstratos com dificuldade em solucionar problemas práticos (WEBSTER'S 2002*)*. Nesse sentido, o saber intelectual se distancia da experiência: não é prática. O sentido de "prática" é perfeitamente expresso pelo entrevistado como "mão na massa".

> filha... ela é profissional. "Não, mas tem que falar com você". Eu falei: "Calma". "Eu vou levar essa mulher pra falar com você". E então marcamos para domingo.

Destaca-se na narrativa a valorização do saber intelectual, em oposição à depreciação do trabalho da prática: o psicólogo é profissional e *sabe o que* fazer. Mas *sabe como* fazer? Na situação descrita acima, diz que é procurado para conversar com alguém em sofrimento. Sua prática é preferida ao saber profissional da psicóloga:

> "Não! O Santana? Ele não é profissional... mas ele está fazendo alguma coisa".

Quem não é profissional, faz. Para o entrevistado, o intelectual, o profissional, está distanciado da prática. O trabalho, compreendido como prática remete ao labor manual, artesanal, rústico, historicamente referido com menor valor que o conhecimento intelectual. Saber e prática são colocados diametralmente em oposição.

Ao longo da entrevista, em resposta à pro-vocação sobre o trabalho do psicólogo com idosos, o entrevistado apontou que a atividade do psicólogo, e especialmente a do psicólogo como pesquisador, é intelectual[18]. Suas falas conduzem à interpretação de como o entrevistado compreende pesquisa em Psicologia: um trabalho intelectual que não se aproxima da experiência.

[18] O sentido dado a "intelectual" pelo entrevistado é compreendido, aqui, como "teórico".

4.2 Refazendo o caminho

Em sua narrativa, o entrevistado fala da experiência própria e de como reflete sobre ela com o conhecimento adquirido na Universidade. Figueiredo (1996), discorrendo sobre teorias e práticas na Psicologia, discute a tese de uma dicotomia entre uma Psicologia teórica e uma outra prática. Baseado em Polanyi e Feyerabend, esclarece o conceito de conhecimento tácito em oposição ao que Polanyi chamou de conhecimento explícito (segundo Figueiredo, representacional ou teórico). O conhecimento tácito é aquele que é incorporado às capacidades afetivas, cognitivas, motoras e verbais de um sujeito; é pré-reflexivo. Já o conhecimento explícito, ou representacional, é objetivo e objetivador, é reflexivo, como são as teorias.

Distingue também conhecimento focal e subsidiário, que são concebidos em uma relação de figura-fundo, pela qual o primeiro implica na apreensão temática de aspectos particulares do mundo e o segundo o contextualiza, dando-lhe contornos: "fundo" para o conhecimento focal. Seria essa uma possibilidade de compreensão ao que o Sr. Santana fez menção ao dizer que a pesquisa do psicólogo sendo "intelectual" não contempla a experiência? Afinal, a compreensão de uma teoria, conhecimento explícito, não é meramente focal, pois só existe se é também incorporada ao conhecimento subsidiário:

> Compreender uma teoria é incorporá-la. É silenciá-la, é poder dela dispor sem fazer dela o alvo de um conhecimento focal, é ter dela uma consciência não temática, como condição de interpretar as coisas do mundo, configurá-las, focalizá-las para agir sobre elas […] penso que é essa idéia de um conhecimento subsidiário que revela a dominância do conhecimento tácito sobre o explícito e representacional. Poderíamos dizer que nas origens o conhecimento tácito precede o explícito (FIGUEIREDO, 1996, p. 90).

A entrevista indicou uma percepção dicotômica da relação entre teoria e prática no fazer do psicólogo, mas também apontou para caminhos que superam essa dicotomia. Assim, pode-se compreender que a prática psicológica não é a simples aplicação da teoria, sendo que a "experiência pessoal é origem, destino e contexto de significação de toda teoria" (FIGUEIREDO, 1996, p. 90). A experiência pessoal (a prática, o fazer) precede o saber: o saber é construído na prática psicológica.

Esta compreensão conduziu à reflexão sobre a escolha de entrevistas como método investigativo a fim de compreender as possibilidades de atenção psicológica a idosos. Assim, referindo-se à prática do psicólogo, para investigar uma prática era necessário que a pesquisa prosseguisse por meio de uma ação.

Essa reflexão forneceu subsídios para o andamento da investigação refazendo-se esse caminho. Objetivando *fazer saber* sobre o fazer do psicólogo com o idoso, foi feita a opção por partir da própria experiência com idosos:

> Um trabalho de pesquisa, dessa maneira compreendido, é necessariamente autoral. Ele é tecido a partir da experiência do pesquisador, cujo cenário é a condição de ser-no-mundo-com-outros. Todo o trabalho de pesquisa, desde o polimento da questão, definição de objetivos, passando pela pesquisa bibliográfica, elaboração da metodologia, trabalho de campo, análise, até a escrita final do que vai sendo desvelado, é uma *experiência* propriamente dita. Dito de outro modo, essa é uma maneira fenomenológica possível de compreender e realizar pesquisa. (MORATO; CABRAL, 2004, p.167).

Sendo esta uma "maneira fenomenológica possível de compreender e realizar pesquisa", privilegiar a experiência dos idosos solicita que ela seja narrada. Essa foi outra contribuição da interpretação da entrevista do Sr. Santana: perceber que, por meio da narrativa, seria possível que a experiência se desvelasse, pois as narrativas pertencem àqueles que as produzem como também aos que as ouvem.

Assim, partindo da entrevista com um idoso, a experiência no atendimento psicológico a pessoas idosas mostrou-se como figura da investigação, referendada não apenas pela fundamentação teórico-metodológica já apresentada, mas contemplada pela voz daquele que se ouviu. Nessa direção, foi criado um serviço de atenção psicológica voltado a idosos, para dar voz à experiência de ser idoso. Conduzindo o fazer do psicólogo como co-participante na elaboração dessa experiência via narrativa, revelou-se uma pesquisa participativa interventiva.

Sendo interventiva, a pesquisa atende ao objetivo de fornecer um serviço e compreender possibilidades de atenção psicológica a essa população, a partir da demanda por ela mesma apresentada. Para isso, o psicólogo leva o conhecimento que subsidia a sua prática profissional junto a idosos, ou seja, seu saber de ofício:

> A atividade do psicólogo requer uma *incorporação* dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas de tal forma que mesmo o conhecimento explícito e expresso como *teoria* só funciona como *conhecimento tácito*; o conhecimento tácito do psicólogo é seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável (FIGUEIREDO, 1993, p. 91 – grifos do autor).

Por meio da procura de pessoas ao Plantão Psicológico de uma clínica-escola manifestando queixas relacionadas ao envelhecimento, apresentou-se a possibilidade de criação de outro serviço de atenção psicológica, em grupo, para a população idosa. Propunha-se um espaço para a troca de experiências, visando à abertura para as situações trazidas pelos participantes, manifestadas como queixas, de modo a acolher a procura por atenção psicológica. Denominado Grupo de Troca de Experiências na Terceira Idade (GTETI), sua configuração foi delineando contornos.

Como já explicitado, tal serviço de atenção psicológica em grupo pautou-se pelas características do Plantão Psicológico: contempla a disponibilidade do psicólogo para acompanhar quem procura por atenção psicológica quando de uma crise, sugerindo-se como testemunha nesse caminhar. A configuração grupal possibilita o compartilhar experiência entre todos os presentes.

Com essa perspectiva, o GTETI foi constituído em outubro de 2007, integrando-se ao Projeto de Atenção Psicológica em Instituições do Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LEFE-IPUSP). Além da pesquisadora, outra psicóloga juntou-se ao serviço em dezembro de 2007. O serviço foi divulgado no Catálogo da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo, bem como por meio de cartazes colocados em academias de ginástica freqüentadas por idosos, em igrejas que mantém atividades específicas para Terceira Idade e numa instituição de convivência de idosos.

Apresenta-se como um serviço aberto a todos que o procuram, independentemente de comparecimento aos encontros de modo sistemático, ocasional ou em uma única vez: não está condicionado à presença de um grupo fixo de participantes. Nesse sentido, busca promover um espaço-tempo aberto à livre freqüência. Ocorrendo uma vez por semana, com duração de 90 minutos, acompanha o que surge entre os presentes.

Tais características constitutivas objetivam acolher quem procura o serviço sem um *a priori* de temáticas pré-estabelecidas: possibilita ao idoso ser ouvido na singularidade do pedido por atenção, podendo dizer de e ouvir situações vividas. Abre-se à possibilidade de dar voz à singularidade no espaço plural da convivência.

4.3 Compreendendo a experiência

O recorte do serviço escolhido para a análise compreende o período de outubro de 2007 a junho de 2008, quando foram realizados 27 encontros com o total de vinte participantes. Predominou a presença do sexo feminino (houve apenas um representante do sexo masculino). A faixa etária dos participantes variou entre 55 a 86 anos.

A reflexão interpretativa procurou percorrer o caminho dessa experiência a fim de lançar luz à sua compreensão. Desse modo, recorre ao registro do trabalho de campo, por meio do diário de bordo, fundamental para o desvelamento de sentido. Questionar o que acontece, como se faz e o que se faz durante a pesquisa permite falar sobre o modo desse fazer junto a outros. Ao mesmo tempo, refletir acerca desse percurso permite explicitar, clarificar, conceitualizar ações e apontar delineamento à sua direção enquanto uma atenção psicológica pertinente à população em questão. Modos de intervenção puderam ser questionados e/ou compreendidos durante a análise das dificuldades vividas na experiência atual.

> Atentar para a construção do conhecimento em situação é privilegiar como ocorreu o “como” investigativo. Por sua vez, esse “como” segue uma temporalidade marcada pela busca de sentido, como possibilidade de orientar uma compreensão. Desse modo, o sentido de algo está na ação que o reitera enquanto passado, ou seja, no movimento do pensamento que busca repetir o caminho trilhado (NUNES; MORATO, 2008, p. 77).

Inclinado, afetado e compreensivo, o pesquisador se compromete pela sua própria (re)vivência/memória, apreendendo o sentido que os participantes atribuem a suas ações. Para isso, é preciso que conceitos e pressupostos teóricos não se interponham entre o pesquisador e aquele a ser escutado. Afinal, essa foi a pérola

resgatada pelo Sr. Santana: experiência/prática é fundamental para encaminhar o teórico/intelectual.

A pesquisa participativa interventiva convoca o pesquisador à atitude clínica: inclina-se atentamente ao sofrimento dos participantes envolvidos na situação que solicita ser interpretada. Com sua presença e palavras, o clínico pro-voca a circulação da fala entre os participantes para situações de perda de sentido, buscando evocá-las e significá-las em meio à afetação experienciada. Dessa forma, o ato de compreender implica possibilidade de mudança não previsível, por comprometer todos os envolvidos na intervenção como sujeitos vivendo entre passado e futuro; assim, diz respeito a uma ação histórica e irreversível (ARENDT, 1958/2007).

O registro dos encontros, feito por diário de bordo da escrita da pesquisadora, contempla tanto a narrativa dos participantes como a historicidade da pesquisa: é o diário ele próprio a narrativa do GTETI. Sendo essa a forma de elaboração da experiência, pela memória contextualiza e significa o vivido. Sua leitura, dando a ver a historicidade do GTETI, mostra transformações da ação e do serviço ao longo do tempo: o diário de bordo revelou a relação da pesquisadora com a dinâmica do acontecer nos encontros com os participantes.

Vislumbrado outro modo de compreensão e agir à pesquisa, reflexões abriram-se para conduzir a interpretação. Passa-se, agora, a elas.

4.4 O que foi se revelando

Recorrendo ao diário como bússola, dois momentos do serviço se mostraram: no início, apresentou-se como um grupo de discussão de temas típicos do envelhecimento; em um segundo momento, revelou-se como um espaço reflexivo a partir de narrativa que dizia da procura singular por atenção psicológica. O desvelamento desses momentos permitiu compreender as metáforas a que os participantes recorreram para interpretar essa experiência: surge a demanda.

No processo de escrever a interpretação da experiência, foram transcritos trechos do diário de bordo[19]: no texto apresentam-se como parágrafos, que, tal como retalhos de uma colcha, foram costurados para apresentar a multiplicidade de vozes. As palavras ou frases entre aspas são aquelas atribuídas aos participantes e registradas no diário: como o registro de tais palavras foi feito posteriormente, atravessadas pela mediação da memória da pesquisadora no registro, não podem ser tomadas como expressão literal dos sujeitos participantes. Como ressaltou Dulce Critelli (1996),

> todo registro é um mero índice, uma mera conservação de um som, de uma entonação, de uma imagem que apenas provoca a atenção e a memória do interrogador [...] tudo vale, só não vale acreditar que o apanhado pelo instrumento do registro, por si, revele a totalidade do buscado, nem mesmo que ele se transforme no próprio buscado [...] o registro é um lembrete, um sinal, uma referência [...] Todo registro ajuda, mas não preserva do esquecimento nem do ocultamento. Utilizados, eles devem ser mantidos em sua precariedade e provisoriedade (CRITELLI, 1996, p. 135 e 136).

O registro da experiência captou facetas ocultas, reveladas pelo olhar da pesquisadora como *possibilidades* de compreensão do que acontecia em cada encontro. A interpretação, nesse estudo, também é uma possibilidade, configurando-

[19] Os trechos do diário de bordo foram grafados de maneira distinta do texto corrido. Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos participantes.

se como narrativa da compreensão das afetações provocadas pelo reconhecimento das experiências, tendo como *fio condutor* a historicidade do GTETI: “dar voz ao que foi sentido precisa de sentido para configurar-se como intervenção” (OLIVEIRA, 2006).

Nesta perspectiva, a análise desta experiência segue acompanhando o acontecer do grupo, por vezes visando-a de modo amplo, por vezes detendo-se na apreciação dos detalhes.

4.4.1 Primeiros encontros: dando-se a ver

Nos primeiros encontros do GTETI, os participantes eram majoritariamente os freqüentadores de uma atividade complementar didático-cultural,[20] cujas reuniões terminavam um pouco antes do início do grupo. Durante um dos encontros de tal atividade, o GTETI foi divulgado. Mencionou-se, então, que o serviço fazia parte de uma pesquisa de mestrado com pessoas da Terceira Idade.

Na primeira reunião, os presentes iniciaram perguntando sobre a pesquisa:

> Expliquei que a intenção da pesquisa era oferecer um espaço de troca de experiências do cotidiano da Terceira Idade, e depois eu iria escrever sobre isso, preservando o anonimato de todos que participassem dos encontros. As pessoas perguntavam “o que você quer saber?”, como se elas estivessem lá para responder a perguntas. Disse que a minha intenção não era perguntar, mas conversar o que elas gostariam de falar, comigo e com as outras pessoas presentes.

[20] Trata-se de uma atividade que discute temas relevantes à Terceira Idade, enfocando o ciclo da existência, ministrada por docentes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (informação coletada no Catálogo da Universidade Aberta à Terceira Idade, 2º. Semestre de 2007).

A reação do grupo a esse esclarecimento foi de paralisia e emudecimento, talvez por não esperar esse posicionamento de uma pesquisadora. Findo o silêncio, os participantes passaram a falar sobre o tema Terceira Idade. Abaixo estão transcritos alguns trechos do diário relativos às duas primeiras reuniões:

> Carmem já começou falando da "injustiça" de os idosos não conseguirem trabalhar. Falou de sua história: foi demitida aos 43 anos e nunca mais conseguiu novo emprego no mesmo cargo.
>
> Raquel disse que não se sente "da Terceira Idade", pois é a mesma pessoa que era quando mais nova, não mudou.
>
> Disse que, como era a filha temporã, conviveu pouco com seus avós, pois eles morreram logo. Pensa que talvez por isso não tenha uma referência de "avó velha".
>
> Elas disseram que de qualquer forma as pessoas da "Terceira Idade" sofrem preconceitos, pois as pessoas tendem a tratá-las como "velhas gagás".
>
> Jacira e Cristina disseram que um tema importante é o preconceito dos jovens. Jacira disse que era difícil encontrar um nome para a "fase em que nós estamos". Como Cristina, ela não acha que é velha e pensa que falar que é idosa ou da Terceira Idade é a mesma coisa. Ambas concordaram quando falaram como os jovens as tratam: "Os velhos são rejeitados. Mesmo nós, que não somos Terceira Idade".
>
> Diz que a outra avó de seus netos "é mais idosa e não tem pique de agüentar as brincadeiras deles", por isso, disse, os netos preferem sua companhia.
>
> Por fim falaram: "o corpo está um pouco mais envelhecido, mas ainda a cabeça é capaz de pensar".
>
> As duas acham que escolher ficar deprimido em casa ou sair e procurar novas ocupações na Terceira Idade depende muito mais do "jeito da pessoa". Ilma ressaltou que há muitas ofertas de atividades

> acessíveis para se ocupar, e disse: "na nossa idade não é mais preciso fazer algo para provar a competência".
>
> Relatou episódios de sua infância, quando era "sapeca", assim como é ainda hoje. Célia falou que era mais quieta. Anete diz que só percebe que o tempo passou quando as pessoas lhe dizem. Citou um dia em que seu neto a olhou bem e disse: "Vovó... você é velha". Ela se espantou e foi se olhar no espelho. Disse que só então reparou que tinha outra aparência, que estava diferente, "com umas ruguinhas... mas eu não me sinto assim... velha".
>
> Cecília dava alguns conselhos: "Não ligue para o que as pessoas falam. Na nossa idade nós não precisamos dar satisfações a ninguém".

Observando esta colcha de retalhos, em uma visada ampla, tais falas apresentam uma temática geral: o estranhamento diante do olhar do outro. É por esta visada que iniciarei a interpretação deste primeiro momento do GTETI.

4.4.2 O olhar do outro

O olhar e a fala do outro, denunciando as marcas da passagem do tempo no corpo, remetem os participantes aos estereótipos de velhice compreendidos como estranhos à percepção de si. Senso comum, o que substantiva velhice é sua adjetivação negativa: decrepitude[21]. Os participantes não se reconheciam nos estereótipos da velhice, não se consideravam decrépitos ou incapazes. É a forma subjetiva da vivência do tempo cronológico que na velhice se manifesta visivelmente nos sinais do corpo:

---

[21] **Decrepitude**: fraqueza física, debilidade, enfermidade, deterioração, caducidade. (WEBSTER'S 2002*)*.

> a aparência e o modo de comportar-se chamam a atenção dos interlocutores: dão informações sobre o desconhecido, informações que irão ser acrescidas durante a interação. Pela conduta e aparência e por analogias às experiências anteriores com indivíduos mais ou menos semelhantes, explicam-se-lhes estereótipos comprovados (VÉRAS, 2004, p. 167).

Não é prioridade neste estudo abordar profundamente todos os aspectos que envolvem o estudo de preconceitos ligados à velhice. Faz-se necessário, porém, esclarecer o que é preconceito, estereótipo e estigma, para compreender e comunicar a experiência de maneira pertinente. Crochick (1997) entende o preconceito como uma atitude hostil dirigida a indivíduos, produto da projeção de qualidades negativas. Pode também ser compreendido com fruto da ausência de reflexão:

> Assim, na transmissão da cultura para as gerações mais jovens, já são transmitidos preconceitos: idéias que devem ser assumidas como próprias sem que se possa pensar na sua racionalidade e conseqüente adesão ou não a elas [...] Mais do que as diferenças individuais, o que leva o indivíduo a desenvolver preconceito, ou não, é a possibilidade de experienciar e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instâncias sociais, presentes no processo de socialização" (CROCHICK,1997, p.16).

Estereótipos apresentam-se como padrões adjetivadores. São generalizações que identificam um fenômeno – no caso deste estudo, a velhice. O preconceito é uma reação individual. "Já os estereótipos são produzidos e fomentados por uma cultura que pede por definições precisas através de suas diversas agências: família, escola, meios de comunicação de massa, etc." (CROCHICK,1997, p.19).

Etimologicamente, a palavra *estigma* tem o significado de marca, sinal. Para Goffman (1980),

> Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria degradação do que à sua evidência corporal. [...] O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo

> profundamente depreciativo... na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo... (GOFFMAN, 1980, p. 11 e 13).

O estigma da velhice, visível nas marcas no corpo, remete a estereótipos negativos, como *"gagá"*: expressão que se refere à demenciação. É esperado que todo o ser, como o corpo, fique demente, incapaz. Mesmo os substantivos velho/velha, Terceira Idade e idoso/idosa estão carregados de estereótipos, como discutido anteriormente. Mas seria mesmo apenas um preconceito?

> Citou um dia em que seu neto a olhou bem e disse: "Vovó... você é velha". Ela se espantou e foi se olhar no espelho. Disse que só então reparou que tinha outra aparência, que estava diferente, "com umas ruguinhas... mas eu não me sinto assim... velha".

Encontra-se, na literatura da Gerontologia Social, a Teoria das Representações Sociais, que aborda os posicionamentos dos indivíduos frente ao envelhecimento como reatualização de saberes compartilhados dentro dos grupos sociais. Segundo Teixeira (1999),

> A função essencial da representação social, para aqueles que representam, é tornar aquilo que não é familiar em algo familiar, próximo e prático (MOSCOVICI, 1981). Essa função relaciona-se com a tentativa de representar uma realidade pouco conhecida a partir do que se sabe dela (TEIXEIRA, 1999, p. 481)

As representações sociais visam à integração do não familiar àquilo que já faz parte da compreensão do mundo, transformando noções abstratas, como envelhecimento, "em elementos quase tangíveis e visíveis no âmbito da vida quotidiana" (TEIXEIRA, 1999, p. 482). Ou seja, refere-se a uma naturalização do conceito de velhice, que se ancora na sua concepção enquanto declínio biológico conseqüente ao avanço da idade cronológica. As representações sociais, ao

oferecer concretude à velhice, privilegiam os processos de naturalização, utilizando-os para justificar a exclusão e o sofrimento dos idosos.

A pesquisa antropológica questiona tal naturalização da velhice tomada a partir da idade cronológica:

> [...] a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos. Essa demonstração exige um rompimento com os pressupostos da psicologia do desenvolvimento que concebe o curso da vida como uma seqüência unilinear de etapas evolutivas que em cada etapa, apesar das particularidades sociais e culturais, seriam estágios pelos quais todos os indivíduos passam, e, portanto, teriam caráter universal (DEBERT, 2007, p. 51).

Debert faz um exame das categorias de idade. Sempre amparada na pesquisa antropológica, constata que as idades cronológicas, baseadas num sistema de datação, estão ausentes na maioria das sociedades não-ocidentais. Para as ocidentais, são um mecanismo básico de atribuição de status, de definição de papéis ocupacionais (como a entrada no mercado de trabalho), de formação de demandas sociais (como o direito ao benefício da aposentadoria), entre outros. A autora faz uma retrospectiva histórica e aponta que a idade cronológica só passa a ter relevância quando o quadro político e jurídico suplanta as relações familiares e de parentesco para determinar a cidadania. Como o Estado tende cada vez mais a substituir as funções da família, as idades se institucionalizam política e juridicamente. Não há mais balizamento de gerações tendo como referência a família.

Como conseqüência desse fenômeno historicamente constituído, os idosos passam a ser assistidos prioritariamente pelo Estado, cuja atuação se desdobra em diversas formas. No entanto, ao Estado não é possível assumir a contento tudo o

que tem tomado para si, gerando lacunas no atendimento ao idoso: nas sociedades contemporâneas, a velhice passa a ser tratada como um problema social.

Debert lança as questões:

> Quem são os agentes envolvidos nessa luta em torno de definições? Qual o tipo de arma que utilizam? Que estratégias põem em ação e como definem as relações de força que se estabelecem? Quais as representações dominantes na organização das práticas legitimas associadas a definição das idades e como, a partir delas, se definem os comportamentos corretos ou adequados? Como os indivíduos de mais idade, vivendo em condições distintas, reelaboram essas representações e redefinem novas práticas? Como o envelhecimento físico ou a idade legal tornaram-se mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos? (DEBERT, 2007, p. 60).

Questionar o que é solicitado aos profissionais envolvidos na institucionalização dos cuidados ao idoso, compreender como um problema social é constituído e conhecer as representações que orientam as práticas destinadas a solucioná-los fornecem subsídios ao psicólogo para estar junto aos idosos em sua singularidade. Estaria o psicólogo direcionando o seu fazer pautado por um "problema social"? Discutir tais questões e considerá-las legítimas para a condução de ação de cuidado a idosos envolve o reconhecimento dos próprios preconceitos, o questionamento das definições socialmente admitidas e dos conceitos psicológicos estabelecidos de velhice.

Atentar para o que aconteceu neste primeiro momento do GTETI demanda tal questionamento. É por ele que, re-conhecendo os preconceitos, estereótipos, estigmas e representações envolvidos no diálogo entre pesquisadora e participantes, abriu-se outro olhar às mesmas falas: desocultou-se a alteridade.

4.4.3 O olhar do outro eu em mim

> Citou um dia em que seu neto a olhou bem e disse: "Vovó... você é velha". Ela se espantou e foi se olhar no espelho. Disse que só então reparou que tinha outra aparência, que estava diferente, "com umas ruguinhas... mas eu não me sinto assim... velha".

> Por fim falaram: "o corpo está um pouco mais envelhecido, mas ainda a cabeça é capaz de pensar".

Diferentemente de uma interpretação estereotipada, os sinais da velhice na corporeidade descritos pelos participantes são revelados como testemunhos da passagem do tempo. Ao debruçar-se sobre as relações entre corpo e alteridade, Merleau-Ponty (1992) aponta que há uma intencionalidade com poder de significação em suas manifestações e expressões. O autor operou uma transformação do conceito de corpo próprio a partir da concepção de transcendência, e transportou o *ser* para o plano concreto da corporeidade como âncora do existente no mundo, conforme afirma Coelho Jr. (1991). O corpo é, pois, corpo expressivo, a partir da compreensão dada no gesto. O sentido é essa orientação espacializante e temporalizante da exterioridade vivida. Ainda sobre esse aspecto, Coelho lembra que a consciência perceptiva, tal como desenvolvida na visão do filósofo francês, é fundante e indicativa da relação com o mundo, que é simultaneamente mesmidade e diferença, nunca conscientizada em sua totalidade.

Por sua vez, a compreensão de si pode ser descrita como o ato pelo qual alguém percebe, entende, amplia a consciência em relação ao seu ser, alcançando uma maior inteligibilidade, clareza e abrangência do seu modo de ser-no-mundo. A percepção de como o outro o vê fornece à consciência um dado a mais para além

da percepção de si como intencionalidade diretiva do ser-consigo-mesmo (COELHO Jr, 1991).

Os participantes expressavam a sensação de estranhamento entre as percepções vindas do outro e de si. As percepções vindas do outro os remetiam a um modelo de ser velho em que não se reconheciam. Deixavam claro que as impressões das marcas no corpo são tomadas pelo outro como representação de uma velhice que não faz parte da experiência de vitalidade sentida e vivida cotidianamente.

> Citou um dia em que seu neto a olhou bem e disse: "Vovó... você é velha". Ela se espantou e foi se olhar no espelho. Disse que só então reparou que tinha outra aparência, que estava diferente, "com umas ruguinhas... mas eu não me sinto assim... velha".
>
> Por fim falaram: "o corpo está um pouco mais envelhecido, mas ainda a cabeça é capaz de pensar".

No debruçar sobre os retalhos desta colcha, a singularidade de cada participante rememorada, reconhece-se a alteridade: o outro em mim e o outro eu em mim. As palavras destacadas nos dois trechos acima parecem dialogar e mostrar um estranhamento não somente pelo olhar do outro, mas também do próprio olhar diante de si. Como uma metabolização, envolve uma contínua elaboração de experiência e informações recebidas durante a vida, engendrando um fluxo contínuo e permanente de diferenciações elaboradas entre homens, mas principalmente diferenciações de cada um para consigo mesmo ao longo do tempo (FIGUEIREDO, 1993).

Deste modo, é possível retomar o termo decrepitude (pela grande angular à colcha), no sentido de fraqueza (pelo zoom ao retalho). Encontra-se a referência àquilo diluído, pouco denso, esgarçado, mais fino. Por essa ótica, vislumbra-se um sentido mais próximo ao que Merleau-Ponty propõe como corpo próprio: os

participantes não se sentem decrépitos, mas, ao mesmo tempo em que experienciam vitalidade ("*a cabeça ainda é capaz de pensar*"), re-conhecem a corporeidade enfraquecendo, cujas forças vão se esvaindo, se diluindo, pois o "*corpo está um pouco mais envelhecido*". Assim, no próprio termo que remete ao estigma (o outro em mim) nele mesmo encontra-se o sentido *sentido* (o outro eu em mim). É a experiência de si mesmo na estranheza de outros "mim mesmo": ambígua percepção da própria alteridade. Eu sou um "outro mesmo" ou um "mesmo outro"?

4.4.4 O olhar do trabalho

Seguindo o fio condutor desta análise, ou seja, a historicidade do GTETI, apresentou-se, no terceiro encontro, um incômodo, levantado pelos participantes: o Grupo não ter um assunto pré-definido.

> Disseram que era confuso, que ficava "muito solto". Perguntei o que elas sugeririam e disseram que dependeria da minha pesquisa. Expliquei que compreendia poder haver uma infinidade de experiências vividas na Terceira Idade. Por isso a minha intenção era não escolher um assunto, justamente para que as pessoas pudessem dizer o que gostariam.
>
> Mais uns minutos emudecidas, entreolhando-se, Margarida disse que gostaria de falar sobre aposentadoria, pois havia perdido o emprego para uma pessoa mais nova.

A participante relatou ao grupo a situação em que foi demitida. Outras também relataram situações próprias ou de conhecidos que haviam perdido o emprego e tiveram que se aposentar. No encerramento, uma delas disse que gostaria de determinar um tema para ser discutido no encontro seguinte. As outras

participantes concordaram e pediram para que eu falasse sobre perda de emprego e aposentadoria na Terceira Idade.

Os participantes estavam habituados a freqüentar serviços dirigidos à Terceira Idade dentro do programa Universidade Aberta. Oferecidos à população idosa por esse meio, tais propostas têm em geral um caráter educacional, com uma temática pré-determinada.

> Respondi que eu poderia falar sobre isso, mas que, como havia acontecido hoje, somente elas poderiam dizer como experenciaram perder o emprego.

Contudo, diante da insistência dos participantes em eleger um tema para que fosse falado sobre, decidiu-se por aceitar a proposta e aguardar o desenrolar dos acontecimentos. Curiosamente, ou não, na semana seguinte, quando iria ser exposto tematicamente a questão da perda de emprego e aposentadoria, como proposto pelos participantes, compareceu somente uma participante.

Nos encontros seguintes, os participantes continuaram falando sobre perda de emprego na Terceira Idade, sendo obrigados a se aposentar por não encontrarem mais outro trabalho. Entretanto não mais foi retomado o pedido para a psicóloga "falar sobre" temas. Seguem alguns trechos:

> Hilda iniciou falando da injustiça de os idosos não conseguirem trabalhar. Falou de sua história, pois foi demitida aos 43 anos e nunca mais conseguiu novo emprego no mesmo cargo. Hoje está com 57 anos. Nair deu o exemplo da filha que passa pela mesma situação com "só 40 anos".

> Rosa falou muito do seu trabalho – foi mandada embora em uma remodelação da empresa devido a um escândalo financeiro e o motivo da escolha por sua demissão foi a idade, pois era a mais velha da equipe. Ficou bastante tempo falando sobre sua função na empresa,

> que era a de assessorar noivas. Disse que os funcionários que ficaram ligam para ela até hoje para perguntarem coisas que "só eu sei".
>
> Betina dizia que a sua demissão foi injusta, mas que isso acontecia com muita gente, pois sempre acham que a pessoa mais velha "fica ultrapassada". Disse também que os mais jovens precisam de emprego, então Célia entrou na discussão, que passou a tratar dos motivos sociais e econômicos que levam as pessoas a serem demitidas.

A demissão com a conseqüente aposentadoria "compulsória" configura-se como saída do mundo do trabalho e entrada no mundo doméstico (STUCCHI, 2007). O envelhecimento tomado como decrepitude, na perspectiva do trabalho, refere-se ao processo de depreciação natural da capacidade de labor. Porém esta visão implica principalmente em depreciação social.

A aposentadoria é um fenômeno historicamente recente, surgindo com as transformações nas relações de trabalho no processo de industrialização na produção de bens. A passagem do trabalho à aposentadoria, característica da sociedade contemporânea, vem acompanhada de algumas modificações que norteiam a vida das pessoas. Albuquerque et al (1999) aponta que os estudos sobre a aposentadoria demonstram a influência das atividades sócio-profissionais anteriores na vida do aposentado, pois essas atividades delineiam as condições de vida social e econômica, bem como as relações sociais e o acesso ao lazer.

A experiência da aposentadoria pelo idoso, é dificultada pelo grupo social, pela desvalorização das pessoas idosas estigmatizadas pelo olhar social:

> O sujeito aposentado perde seu poder social. Mesmo na família (se ela existe), a aposentadoria é justamente a fase em que os filhos cresceram e construíram suas próprias famílias. É assim que pode surgir nos aposentados um sentimento de inutilidade e de desvalorização. Além disso, estes sentimentos encontram sua recíproca no grupo social, onde as pessoas idosas são percebidas como inúteis, ultrapassadas (Santos, 1990, p.26).

Segundo o autor, com a perda do papel profissional, o idoso perde também seu poder enquanto ator social e seu valor com relação a uma sociedade voltada para a força de produção. O mercado de trabalho pauta-se nesta estigmatização: as concorrências, as restrições de idade na admissão nos empregos das empresas, ditam as normas do mercado e excluem a possibilidade de dar continuidade a uma vida produtiva para os que chegam à Terceira Idade, resultando na valorização do empregado proporcionalmente à sua juventude. O acúmulo de idade passa a representar risco e incapacidade para o trabalho, enquanto juventude equivale ao principal objetivo do recrutamento de um trabalhador (ALBUQUERQUE et al, 1999). Porém, para Santos (1990), a passagem bem sucedida ou não para a aposentadoria depende também da capacidade do sujeito de lidar com os conflitos e de seu investimento na relevância no papel profissional feito durante a vida.

Na Psicologia, segundo Albuquerque et al (1999), a questão da aposentadoria pode ser tanto abordada em função da adaptação do indivíduo ao novo espaço, papel e lugar que lhe são dados numa determinada estrutura social, quanto refletir sobre o bem-estar do idoso, de modo especial quando esse participa de alguma atividade social ou movimentos para Terceira Idade. Entretanto, apontam os autores que procurar compreender as mudanças no momento da aposentadoria não parece ser suficientemente; há necessidade de analisar ligações entre o sistema social e os aspectos psicológicos do sujeito antes da aposentadoria, uma vez que nas sociedades industriais há uma importância particular dos papéis profissionais, por representar um valor central na sociedade de consumo.

Santos (1990) afirma que é por meio das relações profissionais que o sujeito tem acesso à rede de comunicação social. Quando se aposenta, perde sua rede de

comunicação como também seu lugar na sociedade, isolando-se. Esse é um dos fatores motivadores de programas voltados à Terceira Idade.

Stucchi (2007) aponta que a Terceira Idade tem sido definida como a "idade do lazer", em uma idéia de aposentadoria ativa: uma fase a ser "aproveitada". Neste sentido, o movimento de redefinição dos conceitos e concepções sobre o envelhecimento fomentou o surgimento de um novo mercado de consumo para que idosos adquirissem bens especialmente a eles destinados. No mesmo sentido surgem propostas de lazer e entretenimento em atividades variadas que objetivam ocupar o tempo ocioso que antes era utilizado no trabalho.

Esta visada, em grande angular sobre a questão da aposentadoria e perda de emprego na Terceira Idade, articula-se com àquela anteriormente exposta sobre decrepitude: para o olhar do outro, o idoso, inativo, não pode fazer parte da *população ativa*, do mundo do trabalho. Porém, aproximando a lente sobre essas mesmas falas, reconhece-se na alteridade os sentidos levantados pelos participantes.

4.4.5 O olhar "de mim" no trabalho: ocupação

Hilda iniciou o "assunto do dia" falando da injustiça de os idosos não conseguirem trabalhar. Falou de sua história, pois foi demitida aos 43 anos e nunca mais conseguiu novo emprego no mesmo cargo Hoje está com 57 anos. Nair deu exemplo da filha que passa pela mesma situação com "só 40 anos".

Rosa falou muito do seu trabalho – foi mandada embora em uma remodelação da empresa devido a um escândalo financeiro e o motivo da escolha por sua demissão foi a idade, pois era a mais velha da

> equipe. Ficou bastante tempo falando sobre sua função na empresa, que era a de assessorar noivas. Disse que os funcionários que ficaram ligam para ela até hoje para perguntarem coisas que "só eu sei".
>
> Betina dizia que a sua demissão foi injusta, mas que isso acontecia com muita gente, pois sempre acham que a pessoa mais velha "fica ultrapassada". Disse também que os mais jovens precisam de emprego, então Célia entrou na discussão, que passou a tratar dos motivos sociais e econômicos que levam as pessoas a serem demitidas.

Por um olhar de aproximação, por meio das falas dos idosos, é possível reconhecer, na palavra *in*justiça[22] e na expressão "só eu sei", que os idosos não se sentem *reconhecidos* quanto ao mérito de sua *experiência*. Apesar do corpo *enfraquecendo* enquanto *força* de trabalho, a vitalidade é expressa na *experiência*, produto "não consumível".

Hannah Arendt, na obra *A condição humana*, falando sobre vida ativa, diz que o homem é *homo faber,* fazedor de artifícios que submete a natureza ao mundo do homem. Segundo Arendt, o trabalho "empresta ao artifício humano a *estabilidade* e a *solidez* sem as quais não se poderia esperar que ele servisse de abrigo à criatura mortal e instável que é o homem" (ARENDT, 1958/2007, p.149 – grifos nossos). Esta estabilidade calcada na durabilidade dos artefatos (mundaneidade) não é absoluta, uma vez que tais instrumentos são feitos por homens mortais; a estabilidade é irreal.

A fabricação (não somente de objetos, mas de qualquer coisa que seja *consumível*), ao contrário do simples labor, dá ao homem a sensação da sua força agindo e modificando a natureza para criar seu mundo. Essa sensação de solidez advinda da fabricação de artefatos produz satisfação e segurança, enche o homem

---

[22] **Justiça**: o reconhecimento do mérito de alguém ou de algo; reconhecer uma virtude, uma qualidade (HOUAISS, 2001).

de confiança; é um processo que tem começo e fim definidos e previsíveis: tudo o que é produzido por mãos humanas pode também ser destruído por elas.

A construção desse mundo é guiada por objetivos concretos, não por necessidades subjetivas. A produção visa o consumo. O *animal laborans* tem nos instrumentos e ferramentas que utiliza a representação da durabilidade e da estabilidade no mundo. Assim os instrumentos adquirem mais que um caráter instrumental: o homem não distingue meios e fins. Arendt aponta que o homem ajustou-se a um ambiente de máquinas, adaptou seu ritmo biológico ao ritmo da linha de produção guiando o labor de seu corpo – o homem é um ser condicionado. Assim, para o homem, fabricando objetos ajustados ao ritmo das máquinas, os objetos são meios, os instrumentos são fins. "Projetar objetos para a capacidade operacional da máquina ao invés de projetar máquinas para produzir certos objetos seria, de fato, inverter completamente a categoria de meios e fins" (ARENDT, 1958/2007, p. 165).

Na visão de Arendt, "nas condições atuais, é tão insensato descrever este mundo de máquinas em termos de meios e fins como sempre o foi indagar da natureza se ela produziu a semente para fazer a árvore ou se fez a árvore para produzir a semente" (ARENDT, 1958/2007, p. 165). Tanto os instrumentos como os objetos fabricados por eles perderam o sentido de servir ao bem-estar do homem, no tocante a diminuir seu sofrimento no labor para a manutenção da vida, e tornaram-se meios e fins indistintos em si. Visam dar ao homem a ilusão de permanência uma vez que o assombra a efemeridade da existência. Talvez seja esse o sentido das falas dos participantes: a experiência, como fazer saber "artesanal", não é reconhecida no mundo produtivo do trabalho que visa a fabricação de objetos consumíveis.

A experiência não se consome; ao contrário, quando partilhada entre homens, se multiplica, construída na própria condição de pluralidade: ação entre homens. Assim, a experiência não tem lugar na *mundaneidade* do trabalho. Neste sentido, seriam as atividades de ocupação dirigidas à Terceira Idade uma tentativa de devolver a sensação de solidez como aquela no mundo do trabalho? Seria, nesta direção, a solicitação por "discutir temas" um fazer mecânico que reproduziria conhecimentos como em uma linha de produção?

4.4.6 O sentido não dito entremeando-se

Naquele momento de solicitação por temáticas, parecia não haver disposição[23] dos participantes em falar de *suas* experiências. Retomo a fala de Santana:

> Eu? [...] eu não sou profissional. [...] eu não sou...[...] Mas alguém um dia vai dizer: "Não! O Santana? Ele não é profissional... mas ele está fazendo alguma coisa". [...] Eu não sou nada... Eu só faço... Será que não toca elas o que faço?

Diz que aquilo que se faz, ou seja, que se aprende pela experiência não é legitimado. Seria isso o que o grupo expressava? Parecia haver uma "demanda" para falar *sobre*, *reproduzindo* o conhecimento especialista já *fabricado*.

Tal "demanda", entre aspas, se refere ao pedido pela manutenção do habitual (LÉVY, 2001), como uma encomenda para manter a *ocupação*: o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; serviço; atividade; obrigação a cumprir; papel a

[23] Um estado emocional de predisposição a agir. Afeição, desejo, receptividade. O aspecto subjetivo da consciência de uma emoção considerada além das mudanças corporais. (WEBSTER'S 2002*)*. Nesse sentido, parecia que os participantes tinham a vontade de falar de suas experiências, porém não o faziam.

desempenhar em determinados setores profissionais ou não; cargo; função; ofício (HOUAISS, 2001). Retomando os questionamentos elencados no último tópico, o idoso, não conseguindo se perceber como agente, ocupa-se de coisas; nesse caso, se ocupa na atividade de ouvir o especialista. Assim, esta "demanda" é compreendida como pedido[24], levando ao emudecimento da pré-ocupação por si mesmo: vislumbra-se a demanda, o que *não pode ser dito* (LÉVY, 2001).

Nas reuniões que se configuravam como discussão temática faziam-se grandes períodos de silêncio antes de os participantes começarem a falar. Angustiantes esses momentos.

> Hoje não foi nada fácil! Demorou muito para alguém começar a falar... mas decidi não iniciar e comprometer o que realmente as pessoas queriam (ou podiam?) falar... ou não podiam.

A supervisão, compreendida como espelho mágico[25], na "suspensão do ritmo cotidiano e uma retomada de outro lugar" (BACCHI, 1999, p. 209), foi fundamental para a compreensão das mútuas afetações. Lendo as entrelinhas, além do que se vê, tateando, perscrutando os não-ditos a partir de um olhar que interroga junto, foi possível reconhecer que o pedido para que a pesquisadora ocupasse o lugar do especialista, que pergunta-responde, ecoava como uma solicitação de um pacto para o que os não ditos permanecessem silenciados.

A paralisia e o emudecimento foram as re-ações de quem está habituado[26] a *ouvir sobre*. Ao dar voz a quem é legitimamente responsável pelo próprio cuidado, o psicólogo se descredencia como portador de um saber a ser transmitido; torna-se

---

[24] "O pedido é o enunciado que abre espaço para uma intervenção do psicólogo. Nesse pedido, o cliente revela um lugar pré-determinado para esse profissional, a partir do qual este pode revelar outras possibilidades de intervenção para o cliente" (NUNES; MORATO, 2008, p.81).

[25] "Falamos de espelhos que, ao mirá-los, não vemos apenas imagens de nós mesmos, mas outras imagens. Vemos refletidos nós e outros, ou melhor, em nós os outros e nos outros nós mesmos. É desta mistura entre nós e os outros que falamos. Dessa mistura que aponta para a única comunicação possível entre pessoas ou grupo de pessoas" (MORATO, 1999).

[26] **Habituado**: familiar por meio de uso ou experiência; acomodado, acostumado (WEBSTER'S 2002*)*.

pro-vocador, atentamente cuidando para que os participantes se impliquem consigo mesmos, cuidando de ser, em uma situação na qual não existe um especialista a dar respostas, mas uma construção coletiva de sentido.

Quando apresentado pela pesquisadora como lugar de troca de experiências, o GTETI responsabiliza os participantes por aquilo que acontece ou poderá acontecer no encontro. Essa pro-vocação parecia incomodar: a ausência de um assunto pré-definido era compreendida como um estranhamento frente a uma proposta não-habitual. O pedido dirigido à pesquisadora para que falasse sobre um tema foi dirigido ao *especialista*, profissional que detém o saber *sobre* o outro. Diante de uma proposta de troca de experiências, delega-se ao especialista o ato de falar em seu nome, em seu lugar. Assim, os participantes retiram a legitimidade de si, enquanto sujeitos que sentem e sofrem, e referenciam o saber do psicólogo como *o* verdadeiro. Essa posição tamponava a emergência de uma crise de sentido, que estava lá o tempo todo, permeando tal atitude.

Apesar de em nenhum outro momento a fala como especialista ter sido requisitada, na releitura do diário de bordo foi possível perceber que, a partir da terceira reunião do GTETI, os encontros configuraram-se como grupo de discussão mesmo: um tema era escolhido, geralmente a partir da fala de um participante, e outros seguiam opinando, com alguns depoimentos pessoais. Essas discussões temáticas vieram substituir o pedido da exclusividade da fala do especialista. Entretanto, os não-ditos, deixados na escuridão, se manifestavam:

> Saí do encontro hoje com uma enorme dor de cabeça! O que aconteceu? Tudo o que foi falado não foi diferente do que tem-se dito. O que será?

> Há sempre uma sensação nesses últimos encontros... é uma sensação de mal-estar... como se as pessoas falassem de coísas para não falar do que incomoda... um falatório!!!!

Inwood (2002) esclarece que falatório "é a fala desarraigada da situação particular e da experiência de Dasein particular transmitindo a interpretação do IMPESSOAL" (INWOOD, 2002, p. 64, grifo do autor). Recordando aquele momento, é possível reconhecer que o modo impessoal com que os participantes falavam de sua experiência substituía a fala singular da experiência de ser-no-mundo.

Retomando a historicidade das primeiras reuniões do GTETI, recordo[27] os olhares recebendo o convite para participar de um grupo de troca de experiências apresentado como pesquisa de mestrado: curiosidade. Recordo os olhares diante da abertura para que falassem o que quisessem: espanto. Recordo o olhar daqueles que falaram: estranhamento. Recordo o olhar do recolhimento atrás do pedido de um falar sobre: receio. Recordo o olhar diante da entrega ao grupo a responsabilidade pela fala: incômodo. Recordo o olhar das falas impróprias: metáfora cujo sentido não encontrava palavras para se expressar. Carecia de um porta-voz: vislumbra-se a passagem à narrativa.

4.5 Encontros como movimento para encontrar-se

No penúltimo encontro do GTETI de 2007, compareceu uma senhora encaminhada pelo Atendimento em Plantão Psicológico do LEFE. Apesar de nem

[27] Re + cordar: re (novamente) + *cor, cordis* (coração), dizendo respeito a chamar pelo coração (WEBSTER'S 2002*).*

todas as reuniões contarem com um grupo fixo de pessoas, os participantes se conheciam, com exceção de Matilde, que viera pela primeira vez. Assim, pedi que se apresentasse e dissesse como soube do GTETI:

> Matilde comentou que tinha comparecido ao Plantão: "estou um pouco triste... mas não quero fazer terapia! " A estagiária que a atendeu falou do grupo e ela se interessou, pois gostava de "conversar com as pessoas". Ficamos ouvindo-a. Contou que ficava em casa só dormindo, que não queria sair, trocava o dia pela noite. Não se sente bem, queria fazer algo diferente, dançar, viajar. Recentemente passou a freqüentar a igreja [...] Com as pessoas que conheceu começou a ter um pouco mais de vida social, mas diz que quer passar a freqüentar bailes e ter um namorado, mas as pessoas de lá são "um pouco sérias". De repente ela parou e disse "mas só eu falo". Se fazia silêncio, ninguém mais falava nada. Julia disse que também já havia falado bastante em outros encontros, que "estava bom" ouvi-la. Silêncio... E a Matilde continuava contando...

Talvez pela primeira vez no GTETI fosse possível *ouvir*, pela narrativa de Matilde, o sentido não-dito: foi possível emergir a pro-cura[28]. A pro-cura de Matilde mobilizou o cuidado[29] no grupo. Matilde foi porta-voz e tradutora de sentido. Conversou com o grupo: ela na fala, o grupo na escuta reflexiva elaborando junto com Matilde a metáfora.

Esse encontro foi um divisor de águas para o GTETI, pois a partir de então o grupo foi se configurando como espaço de narrativas reflexivas. Antes como reuniões (junção de uma coisa a outra), a partir deste momento eram encontros: de estar um diante do outro e todos entre si[30]. A velhice, que nas *reuniões* ocupava o

---

[28] Conforme já abordado, **pro-cura***:* modo como o sofrente traz uma urgência. Diz da angústia, medo, sofrimento, insegurança, agonia: vaga percepção provocada por um desconforto, por encontrar-se ainda em incômodo, distanciado do que se poderia ser pedido explícito por cuidados psicológicos (OLIVEIRA, 2006).

[29] **Cuidado***:* atenção disponibilizada para a escuta do que alguém tem a dizer, desvelando o próprio ato de pro-cura. (OLIVEIRA, 2006).

[30] HOUAISS, 2001.

centro do palco, passou a compor o cenário para que viesse à luz a singularidade das experiências de envelhe-ser[31].

No ano seguinte, o GTETI começou a receber novos participantes. Os encontros se iniciavam com a apresentação da pesquisadora, como psicóloga e mestranda da instituição, esclarecendo que aquele serviço abria espaço para uma pesquisa com pessoas da Terceira Idade, garantindo o anonimato dos presentes na divulgação dos resultados à comunidade científica. Em seguida era lançada a pergunta a cada participante: *Como* você soube do GTETI? E *como* foi vir hoje aqui? Essas perguntas visavam pro-vocar a emergência da pro-cura:

> Gilda diz que está procurando um lugar para conversar, para desabafar, que está procurando se cuidar e tem feito várias coisas para isso.
>
> Já Vania procurou o grupo pois disse que era muito tímida, que estava deprimida e pensou que vindo ao grupo poderia se "soltar mais".
>
> Albertina disse: "no momento a separação do meu filho, que já está casado há mais de 20 anos, está me deixando chateada mesmo, não aceito essa separação. Vim aqui para conversar com outras pessoas, trocar experiências mesmo".
>
> Sara estava fazendo tratamento no Hospital e a psicóloga que a atendia encerrou o estágio e a encaminhou para o Instituto de Psicologia Na semana anterior compareceu ao Plantão Psicológico e o estagiário a indicou para o grupo. "Então estou aqui, vamos ver no que vai dar".
>
> Tânia disse que fazia terapia e que tinha achado interessante o grupo porque imagina que aqui as pessoas falam das próprias vidas e ela acha que isso é muito bom porque podem trocar idéias sobre as coisas que acontecem.

---

[31] **Envelhe-ser**: compreensão de "ser-no-mundo" envelhecendo, conforme apresentado anteriormente.

"Todo mundo precisa de um lugar assim, porque a gente não pode falar tudo para os filhos", falou Rita.

Zélia disse que participou da Universidade Aberta da PUC durante muito tempo. Criou um neto que agora entrou na faculdade e está "prevendo" que se sentirá muito sozinha, então achou o tema do grupo interessante. Quer participar de outras atividades para não se sentir sozinha.

Sara falou que no grupo podia desabafar, contar as coisas da vida e ver que existem pessoas como ela com problemas e às vezes piores do que os dela.

Sebastiana disse que sempre aprende alguma coisa quando vem ao grupo (Sara fez sinal de sim com a cabeça), que também pode vir e falar o que quiser sem se preocupar com o que as pessoas vão pensar dela. Sara disse que as pessoas ouvem o que ela fala, "isso é muito importante para mim". Disse que hoje está bem melhor, anda até fazendo passeios que antes ela não tinha vontade.

Nessas e em outras falas, reveladoras da procura pelo serviço, algumas expressões se destacam: participar, procurar, conversar, cuidar, trocar experiências mesmo, trocar idéias, falar da própria vida, desabafar, contar as coisas da vida, aprender, falar o que quiser, ouvir o que se fala, se soltar mais. "Estar um diante do outro" remete à reciprocidade de falar e ouvir: por vezes no olhar, por vezes na voz.

4.6 Revelações refletidas e testemunhadas

Relatou que se sente triste e chora sem motivo. Durante a semana não faz nada, fica em casa, triste. No final de semana fica com suas filhas, os genros a "paparicam", não a deixam sozinha "nem por decreto".

> Trabalhou fazendo mochilas, mas hoje "não faço nada". Sua rotina é fazer caminhadas e arrumar a casa. Não sai, diz não ter amigos, até porque quando alguém lhe telefona, não atende, pois não quer falar.

> Diz que a vida é assim, algumas coisas mudam para melhor outras para pior, e arremata: "eu não esquento".

As narrativas da experiência de envelhe-ser possibilitaram aos participantes um cuidado reflexivo de sua existência. Walter Benjamin, em seu texto *O Narrador* (1985, p. 198), diz que narrar é intercambiar experiências. Sobre a figura do narrador, Benjamim discorre paradigmaticamente sobre dois tipos fundamentais: o viajante, que já percorreu muitas outras terras além das suas; o sedentário que, por essa condição, presenciou as histórias e tradições peculiares ao lugar ao qual sempre pertenceram. Na Idade Média, uma oficina comportava tanto o mestre sedentário quanto o aprendiz viajante, associando-se o saber das terras distantes com o saber do passado: "Desta maneira, a narrativa consolidou-se ao longo do tempo, como lócus de elaboração e transmissão de experiência, amparada em comunidades de ouvintes" (OLIVEIRA, 2006, p. 03).

O narrador, ao relatar sua experiência, permite que ela se configure como *registro.* Por meio do relato do que foi sentido, sofrido, a experiência se torna pública, sendo possível elaborá-la e transmiti-la. A narrativa depende de um ouvinte: "quem escuta uma história está em companhia do narrador" (BENJAMIN, 1985, p. 213). O ouvinte é testemunha: presencia e autentica o registro.

> Laura falava que se sentia muito triste, uma tristeza que não sabia "de onde vinha", descrevendo as tardes que passava deitada no sofá chorando, sozinha... Clara, com cara de impaciente e se revirando na cadeira, virou-se para ela e disse "mas assim você não vai melhorar mesmo! Precisa sair, ir dançar, passear..." e a Laura virou para ela com cara bem aflita: "mas eu não tenho vontade!!!".

Para ouvir é necessário silenciar. Inwood (2002), esclarecendo sobre a compreensão de Heidegger a respeito da *fala* como fundação existencial-ontológica da linguagem, destaca que "ouvir é constitutivo da fala [...] Mas a fala requer um ouvinte; um ouvinte também está falando. Portanto a fala também envolve um silêncio [...] O silêncio pode ser tão fecundo quanto as palavras" (INWOOD, 2002, p. 63).

As narrativas dos participantes do grupo por vezes pro-vocavam nos ouvintes reações de querer resolver[32] a queixa. As propostas para este "acordo", de modo mais ou menos claro, eram rejeitadas. Os participantes-narradores não queriam respostas, mas o silêncio cúmplice e solidário no registro de seu sofrimento, para torná-lo palpável, denso e, assim, ter a possibilidade, mesmo que dolorosa, de elaborá-lo: estar em companhia do narrador é dar-se a conhecer, a receber um conselho por dizer da situação na qual se encontra.

> [...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos [...] Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada (BENJAMIN, 1985, p. 200).

Trocar experiências, nesse sentido, é trocar conselhos, encontrar sugestões sobre a continuação da própria história na cumplicidade da escuta do outro.

> Carolina estava se queixando de não conseguir arrumar nem limpar a casa direito, pois as coisas do filho atrapalhavam. No meio de sua fala, Janete a interrompeu: "Ih, que nada, ela está é chateada porque sabe que o filho vai sair de casa de novo". Nesse momento Carolina, com cara de espanto, como tivesse se dado conta, parou e disse: "É verdade!". Janete comentou: "Minha filha mais velha já está casada há 24 anos e até hoje eu lembro o dia em que ela foi embora". Eu não tinha percebido o que realmente Carolina queria dizer... o que ela estava sentindo. Perguntei às duas: "mas é tão ruim assim?" Carolina falou:

[32] **Resolver**: do latim *accordare*: acordo, ajuste, convênio. (WEBSTER'S 2002*).*

> "Olha, na nossa idade, falar de morte é complicado, mas é bem isso que a gente sente". Janete balançou a cabeça concordando.

Essas duas participantes já haviam estado juntas em uma outra reunião. Uma delas, Carolina estava se queixando de que seu filho, que havia se mudado, a trabalho, para outra cidade, voltara, mudando-se provisoriamente para a casa dos pais e trazendo consigo móveis e outros objetos, que estavam espalhados pela casa: queixava-se de uma situação de bagunça, de não conseguir arrumar nem limpar a casa, pois as coisas do filho estavam atrapalhando-a. Estes objetos eram como "entulhos" que não permitiam que ela pudesse *habitar* propriamente sua casa. Metaforicamente, tal situação dizia de um entulhamento de coisas que tamponavam sentimentos. A fala de Janete traduz a metáfora: Ih, que nada, ela está é chateada porque sabe que o filho vai sair de casa de novo.

Emoções remetem a como está sendo afetada: demanda construída na presença de outros, desvela que, para Carolina, a aparente "reclamação", um queixar-se de uma situação cotidiana e trivial, encobria a verdadeira emoção. A troca entre os participantes/narradores/ouvintes permitia reconhecer a demanda de cuidado da experiência partilhada entre homens, em coexistência.

> Valéria tem uma filha que está namorando, quase não fica em casa, viaja e não liga. Santina diz que também sai mas fica a maior parte do tempo em casa, quando <u>se sente sozinha</u> em companhia dos cachorros.

> Miranda falou que recentemente teve uma briga com sua filha porque ela a decepcionou (não explicou o que havia acontecido), que agora diz que <u>gosta dela de um jeito diferente</u>.

> Jussara disse que vê seus filhos tomarem decisões que ela sabe "no que vai dar", mas que se esforça para não falar nada, porque os filhos tem que perceber, viver a vida deles, "mas é difícil...".

> Marta disse que mora com os filhos, que hoje não faz nada, mas já trabalhou e também só cuidou da casa: "mas hoje os filhos estão grandes, não tem nada para eu fazer". Depois ela começou a contar que o filho havia casado há dois anos e tinha mais dois filhos adultos em casa, mas que aquele (do meio) fazia muita falta. Como morava em um apartamento, não tinha contato com vizinhos, não tem com quem conversar durante o dia, começou a se sentir muito triste e chorar muito.

Sentir-se sozinha, gostar de um jeito diferente, ser difícil deixar os filhos tomarem as próprias decisões, sentir falta, sentir-se triste são modos singulares na vivência com os filhos em um momento da vida em que estes deixam a casa dos pais. A demanda que nelas estava clamando por cuidado era, compartilhando emoções pela escuta testemunhal do outro, narrando/ouvindo as situações vividas com os filhos, clamava por atenção para poderem cuidar de ser por si mesmas.

> Zélia concordou com Letícia e disse: "Meu neto foi o último filho que criei. Agora, o dever está cumprido e eu não tenho mais utilidade". Quando Zélia se apresentou, tinha dito que veio ao grupo, pois queria participar de outras atividades para não se sentir sozinha.

Zélia veio a alguns encontros em que repetidamente falava sobre se sentir sem utilidade. Sempre esteve entretida com alguma tarefa ligada à manutenção da casa, ao cuidado com os filhos e o marido, depois com o neto. Os filhos saíram de casa, ela se divorciou, mas o neto ainda dependia dela. Agora que estava sozinha, não tinha mais a rotina de tarefas, poderia fazer o que quisesse.

> As pessoas diziam a ela para sair e se divertir, que agora ela é livre. Disse: "Estou livre, mas sozinha. O que eu faço agora de mim mesma?".

Perceber-se inútil surgia por não ter mais a rotina *ocupada* por tarefas. Ocupar-se, nesse sentido, talvez durante muitos anos, serviu para que Zélia não se desse conta que sempre havia liberdade para fazer o que quisesse. Nessa condição de liberdade, sua escolha por ocupar-se nas tarefas cotidianas era conveniente para não se dar conta que fazia esta escolha. Quando esta ocupação finda, experiencia uma perda de sentido, de direção: *"o que eu faço agora de mim mesma?"*.

Dando-se conta da responsabilização por cuidar de ser, angustia-se ao perceber-se diante de possibilidades desconhecidas de ser com liberdade para ser o que fosse possível. Abria-se uma possibilidade de desvelamento de demanda, via narrativas?

> Falou de como conheceu o marido, de como começaram a namorar... Fui acompanhando o relato dela... no tom nostálgico... princípalmente quando ela falava da vida em Portugal.. Não sei... parece que ela vem ao grupo para falar de si, de suas memórias... experiência narrada...

Começo a perceber que revivendo a experiência do GTETI, principalmente espaço reflexivo de narrativas, foi possível perceber minha atitude de pesquisadora como *testemunha do caminhar* dos participantes dizendo de si mesmos. Recordo-me paradigmaticamente de uma delas, Laura, à qual me refiro acima.

Falava bastante em todos os encontros. Inicialmente não aceitava ser interrompida e tinha dificuldades em ouvir outros. Aos poucos, passou a "ouvir e dar conselhos", à medida que dizia de sua experiência. Por vezes, contava as mesmas histórias, porém acrescentando detalhes e reflexões quando as retomava. Nem todos os participantes se moviam dessa forma, tampouco no mesmo tempo cronológico, o que releva a singularidade de cada um no transcurso do tempo e do espaço do acontecer do GTETI.

Atenta a esses diversos modos, foi possível perceber as implicações da historicidade na narrativa, dando a ver a temporalidade presente na elaboração da experiência do grupo. Na perspectiva cronológica, o passado de um jovem é curto, de um idoso é longo; o futuro de um jovem é longo, de um idoso é curto. Essa perspectiva de experiência de tempo parece dar contornos à narrativa dos idosos: presentificar passado e futuro neste pano de fundo, na confluência destas diferentes perspectivas, requer ao clínico deixar-se levar pela mão do idoso em um "túnel do tempo".

> [...] o presente está nesse caso orientado ao futuro e forma parte de um projeto existencial. Precisamente, este futuro é o que se vai diminuindo à medida que envelhecemos e, em troca, vai aumentando o passado. É por isso que o idoso costuma viver de recordações, mais que de projetos. (LOUGHLIN, 2002)

Os participantes do GTETI relatavam situações vividas no presente recheando-as com recordações do passado. Começavam a narrativa com uma descrição de um fato recente, mas logo se remetiam a situações anteriores, em digressões que, por vezes, levavam os ouvintes a uma viagem para além do tempo e espaço lineares, revisitando a própria história para projetar-se ao futuro da própria existência, atentos à finitude como concretude.

Para longe da aparente "confusão mental" ou simples apego ao passado (estereótipos do velho "gagá", decrépito), este narrar pela historicidade, tendo o outro como testemunha-ouvinte, configurava-se em abertura para a compreensão do que era dito e ressoava nos ouvintes: demanda como cuidar de ser. Ouvindo-se narrando e sendo ouvido, dá-se a ver a condição humana procurando por atenção e cuidado para existir: tarefa de ser não é apenas lamento de velhos para ocupar-se, mas uma pré-ocupação de homem.

5 – UMA CHEGADA A UM PONTO DE PARTIDA

É tempo de arrematar os saberes tecidos neste trabalho. Retoma-se o objetivo desta pesquisa: compreender possibilidades de atenção psicológica a idosos a partir de sua demanda. Estar ao lado como testemunha foi a possibilidade de ação clínica construída na experiência com os participantes do GTETI. Essa disposição, de aparente simplicidade ou, diriam alguns, de algo tão simplório, exigiu um deslocamento abissal em direção aos idosos participantes.

Implicou reconhecer preconceitos, conceitos, expectativas, ideais. E limitações. Limitações essas tão próprias ao ser humano como o seu envelhe-ser mesmo. Limitações não dadas pelas marcas do corpo e/ou degradação biológica, ou perda de ocupação pela aposentadoria, mas pela própria condição existencial do homem. Limitações de próprios olhares a si mesmo para além de si.

Tal *démarche* possibilitou que os idosos se apresentassem de maneira peculiar ao narrarem e elaborarem sua experiência. Peculiar, pois, dizendo-se pelo que se apresenta concretamente como “marcas do tempo”, deram a ver como a corporeidade abre possibilidade a experienciar a temporalidade e a espacialidade como condição existencial: envelhe-sendo. Foi possível apresentarem ao psicólogo a pro-cura por atenção.

À pro-cura da demanda apresentada pelos idosos, em escuta inclinada, encontrou-se um clamor: ser ouvido o sofrimento humano. Originalmente a palavra

sofrer vem do grego *pathos*, significando *sentir*, *experienciar*, *tolerar sem oferecer resistência*, *ser afetado*. Neste sentido, *sofrer* é próprio do existir, do desamparo humano diante de sua tarefa existencial de cuidar de ser: constante tecer de sentido. Demanda por atenção e cuidado é própria da condição existencial de ser-no-mundo com outros: existir implica temporalidade outra que a cronologia por anos.

Tal demanda existencial, comum ao modo humano, no idoso manifesta-se por pro-curar, junto à cumplicidade do testemunho do psicólogo, cuidar de ser para ir adiante sendo o que é. Encontrar este tempo-espaço de atenção psicológica no GTETI possibilitou a retomada de fôlego: dar rumos à caminhada, presentificando-se entre o passado e o futuro, pelo cuidar-de-ser (envelhe-)sendo como tarefa de existência do homem. Como ressalta Almeida (2005):

> Para Heidegger, a noção de tempo abre-se para o ser-aí desde a compreensão de sua mortalidade, acenando-lhe que sua vida se constitui numa duração; já que tudo que dura tem um princípio e um fim, o eu emprega, entre seu nascimento e morte, esse tempo de vida que acontece como cuidar de ser. Essa duração, que é a temporalidade do homem, é caracterizada pela incerteza, pois não se sabe sua quantidade; pela inalienabilidade, por ser exclusiva, não sujeita à barganha e, também, pela certeza, já que se sabe que finda (ALMEIDA, 2005, p. 133).

Cuidar de ser é apropriar-se de poder-ser: o devir remete tanto à finitude quanto às possibilidade de envelhe-ser em trânsito pela vida delimitada pela questão da finitude. Nesse sentido, o idoso é agente como homem, pois se abrindo para um destinar-se com apropriação de si mesmo, toma o leme do navio, não se submetendo nem à fatalidade nem mesmo entregando a nau a outras mãos impróprias a si.

Por essas considerações, vislumbra-se o fim da narrativa do caminho percorrido por essa dissertação, insinuando outro possível ponto de partida por abrir

questionamentos. Estaria a prática psicológica à Terceira Idade preocupando-se a cuidar do envelhe-ser? Ou ocupa-se se ocupando de ocupar o idoso?

Heidegger (1927/2002) menciona duas formas básicas e extremas de solicitude (*procurar por)*: a que se dá no modo liberador e a que se dá no modo substitutivo. No modo liberador da solicitude, coloca-se o outro diante de suas próprias possibilidades, a fim de responsabilizar-se pelo seu poder-ser. No modo substitutivo da solicitude, toma-se o lugar do outro em sua tarefa de cuidar de ser, interditando suas possibilidades de responsabilizar-se pelo próprio cuidado. Segundo Almeida (2005), neste segundo modo

> [...] a atuação do profissional da saúde e da educação, que, ao invés de acompanhar, como testemunha, seu cliente em suas possibilidades, aplainando o terreno para sua realização, dissolve-o nas mais diversas teorias explicativas seja por interpretações que visam uma acoplagem, seja por prescrições tecnicamente padronizadas, seja por uma atitude autoritária portadora da verdade sobre a experiência do cliente ou educando (ALMEIDA, 2005, p. 97)

Nesse sentido, em qualquer prática visada para o bem estar do idoso é fundamental a dis-posição compromissada para estar junto ao idoso como pré-ocupação para cuidar e não ocupação para encobrir os não ditos. Fazer saber, abrindo mão de saber: o fazer do profissional permitindo o envelhe-ser como um fazer saber de si.

A ação do psicólogo por este olhar de zoom ao ser humano envelhe-sendo permite resgatar a partir dele mesmo sua condição de ser-no-mundo-com-outros. Desse modo, políticas públicas éticas poderiam pautar-se por *quem* vive envelhe-sendo, dando voz ao idoso mesmo, permitindo que ele se apresente como agente, falando de si e de suas necessidades. Implica o compromisso ético e político

daquele que escolheu como ofício cuidar do homem idoso como humano que é: seja ele, psicólogo, educador ou gerontólogo, o especialista/profissional é homem enquanto agente social de mudança para uma solicitude liberadora entre homens.

Assim, muitas narrativas foram por mim ouvidas. Ainda as recordo com intensidade. Mas, nos diários de bordo, pesquisadora/psicóloga/clínica, nem sempre foi possível reproduzi-las. Ao procurar por essa expressão, sentia que, ao escrever, aprisionava o rico matiz de cores, cheiros, sabores e mil humores: quando impressos em preto-e-branco eles perdem a vida.

Contudo, buscando pela sua compreensão, encontrei a pro-cura para demanda de idosos num Grupo de Troca de Experiências à Terceira Idade, como atenção psicológica a narrativas. Assim, faço um convite: para ser o leitor também um ouvinte à pro-cura para demanda de idosos narradores envelhe-sendo como humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, F. J. B.; LOBO, A. L.; RAYMUNDO, J. S. Análise das repercussões psicossociais decorrentes da concessão de benefícios rurais. **Psicol. Reflex. Crit**. , Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2008.

ALMEIDA, F. M. **Ser Clínico como Educador: uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação.** 2005. 215 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ANDRADE, A. N.; MORATO, H. T. P. M. A dimensão ética (e moral) das práticas institucionais. **Revista Estudos de Psicologia** UFRN, Natal, v. 9, n. 2, p. 345-353, 2004.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2007.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1977.

AUN, H.A. **Uma face entre muitas outras possíveis se olhada pelo avesso do mundo: questionamentos através de uma prática**. 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas v.1).

BERES, V. L. G. Quando **nos tornamos velhos? Aspectos internos e externos desta questão**. 1999. 283 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa da infância à terceira idade**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

BOEMER, M. R. Idéia de morte no idoso – uma abordagem compreensiva. In: CASSORLA, R. M. S. (org.). **Da morte: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: TaQueiros, 1983.

CABRAL, B. E. B. **Cartografia de uma ação territorial em saúde: transitando pelo Programa Saúde da Família**. 2004. 251 f. Tese (doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2004.

CABRAL, B. E. B; MORATO, H. T. P. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. **Interlocuções - Revista de psicologia da UNICAP**. Recife – Pernambuco, ano 3 n. 1-2. p. 155 -176. 2003.

CAMARANO, A. A. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CATULLO GOLDFARB, D. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: EDUC, 1998.

COELHO JR., N.; CARMO, P. S. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência**. São Paulo: Escuta, 1991.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

CROCHICK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre velhice. **Textos Didáticos**, IFCH/UNICAMP. Campinas, v. 1, n. 13, p. 7-30, 1994.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001.
Disponível em: ‹http://houaiss.uol.com.br/busca›. Acesso em: 15 nov. 2008.

ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo.** Porto Alegre: Artmed,1998.

FALCÃO, D. V. S; DIAS, C. M. S. B. (orgs.). **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas**, v. I. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

FALCÃO, D. V. S; DIAS, C. M. S. B. (orgs). **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas**, v. II. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

FERREIRA, D. M. L.; FALCÃO, D. V. S. A velhice e a psicoterapia na perspectiva de pessoas idosas. In: FALCÃO, D. V. S; DIAS, C. M. S. B. (orgs). **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas**, v. II. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006 p. 423 – 443.

FIGUEIREDO, L. C. M. Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de Subjetividade** São Paulo, v.1, n.1, p.89-95. 1993.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1996.

FRASCARELI, L.S. **Interfaces entre Psicologia e Esporte: Sobre o sentido de ser atleta**. 198f. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1980.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br > Acesso em set/ 2004.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes,1997.

LÉVY, A. **Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido**. Belo Horizonte: Autêntica: FUMEC, 2001.

_____. A psicossociologia: crise ou renovação? In: MACHADO, M. N. M.; CASTRO, E. M.; ARAÚJO, J. N. G.; ROEDEL, S. **Psicossociologia – análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a.

LOUGHLIN, L. N. C. La vejez, um aporte fenomenológico-existencial. Monografia apresentada a los seminários de psicogerontología. **Tiempo, el portal de la psicogerontología**. 2002.
Disponível em: <http://psicomundo.com/tiempo/monografias/vejez.htm> Acesso em 10 abr 2008.

LOURAU, R. (1993). **Análise Institucional e Práticas em Pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ.

LOUREIRO, A. M. L. **A velhice, o tempo e a morte**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de janeiro: Papagaio, 1989.

MEIHY, J. C. S. B. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida.** São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Lisboa: Vega, 1992.

MORAGAS, R. **Gerontologia social**. São Paulo: Paulinas, 1997.

MORATO, H. T. P. (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MORATO, H. T. P. **Prática Psicológica em Instituições**: ação política. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES, GT 35 ANPEPP, 8., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo, 2008.

MORATO, H. T. P.; ANDRADE, A. N.; SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In: RODRIGUES, M. M. P. & MENANDRO, P. R. M.. (Org.). **Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia**. 1 ed. Vitória: Editora GM, 2007, v. 1, p. 193-206.

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MOSQUEIRA, S. M. **À procura de sentido da atenção psicológica com adolescentes em privação de liberdade**. 175 f. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

NÉRI, A. L. **Psicologia do envelhecimento**.Campinas: Papirus, 1995.

NUNES, A. P.; MORATO, H. T. P. A práxis clínica de um laboratório universitário como Aconselhamento Psicológico. **Boletim de Psicologia**, v. LVIII, p. 73-84, 2008.

OLIVEIRA , M. M. **Clínica, experiência e sentido: narrativas de plantonistas**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, R. G. E. **Uma experiência de Plantão Psicológico à Polícia Militar do Estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda.** 2005 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OMS (Organização Mundial da Saúde) 1982. Grupo de doenças não-transmissíveis e saúde mental. Departamento de Prevenção de Doenças Não-transmissíveis e Promoção de Saúde. Envelhecimento ativo: um marco para elaboração de políticas. Disponível em: < www.unati.uerj.br/doc_gov/documentos_gov.asp >> Acesso em set/ 2004.

ONU (Organização das Nações Unidas) 2002. Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento. Asemblea Mundial Sobre el Envejecimiento 2. Madri. Disponível em: < www.unati.uerj.br/doc_gov/documentos_gov.asp > Acesso em set/ 2004.

PRADO, S. D.; SAYD, J. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: pesquisadores, temas e tendências. **Ciênc. saúde coletiva** , Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2004 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14131232004000300027&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 08 2008. doi: 10.1590/S1413-81232004000300027.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). 2003. Relatório do Desenvolvimento Humano Mundial. ONU, Nova York. Disponível em: <http://hdr.undp.org/reports/global/2003/espanol/ > Acesso em set/ 2004.

ROBERTS, J. M. **O Livro de Ouro da História do Mundo**. Da Pré-História à Idade Contemporânea. 8 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicol. cienc. prof**. [online]. dez. 2003, vol.23, no.4 [citado 10 março 2008], p.64-73. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 abr 2007.

ROSENBERG, R.L. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: Pedagógica Universitária, 1987.

SALGADO, M. A. **Velhice, uma nova questão socia**l. Serviço Social do Comércio, Administração Regional no Estado de São Paulo: São Paulo, 1980.

SANTANA, C. S. **Temporalidade e velhice: relatos do resgate e da redescoberta do tempo**. 2001. 289 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1989.

SANTOS, M.F.S. (1990). **Identidade e aposentadoria**. Recife, PE: E.P.U.

SCHMIDT, M. L. S. **Elementos para uma metodologia para o trato do depoimento como registro da experiência**. In: XX Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1990, Ribeirão Preto/SP. Anais da XX Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1990. p. 204-204.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicol. USP**. [online]. jun. 2006, vol.17, no.2 [citado 05 Julho 2008], p.11-41. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000200002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1678-5177..

SESC – Serviço Social do Comércio; Fundação Perseu Abramo. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade**. São Paulo, 2007.

STUCCHI, D. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturudade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: BARROS, M. M. L**. Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SZYMANSKI, H. Plantão Psicoeducativo: novas perspectivas para prática e pesquisa em educação. **Psicologia da Educação**. São Paulo, vol.19, p.169-182. 2004.

SZYMANSKI, H.; CURY, V. E. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. **Estudos de Psicologia** (Natal). Natal, v. 9, n. 2, p. 355-364. 2004.

TEIXEIRA, M. C. T. V.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais sobre a saúde na velhice: um diagnóstico psicossocial na Rede Básica de saúde. **Estudos de Psicologia** (Natal). v.7, n. 2, p. 251-359, 2002.

TEIXEIRA, M. C. T. V.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia. Reflexão e Crítica**. v.12, n. 2, p. 479-501, 1999.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo : Cortez, 1987.

TORRES, W. C.; Guedes, W. G.; TORRES, R. C. **A psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

VÉRAS, M. P. B. Por uma sociologia da alteridade: estranhos e estrangeiros em São Paulo. In: BERNARDO, T.; TÓRTORA, S. **Ciências Sociais na atualidade – percursos e desafios**. São Paulo: Cortez, 2004.

VERAS, R. P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

WEBSTER'S THIRD NEW INTERNATIONAL DICTIONARY, UNABRIDGED. MERRIAM-WEBSTER, 2002.
Disponível em: ‹http://unabridged.merriam-webster.com›. Acesso em: 15 nov. 2008.

WITTER, G. P. (org.). **Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas.** Campinas: Editora Línea, 2006.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Luciene Freitas Duarte, aluna do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, estou desenvolvendo uma pesquisa acerca da experiência de pessoas idosas junto a psicólogos. A realização de pesquisa e sua comunicação, via dissertação, configuram requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Para a efetivação desta pesquisa, serão gravados depoimentos de algumas pessoas que se dispuserem a conversar sobre o tema. Assim é necessário o consentimento das pessoas para que as gravações sejam realizadas. Será mantido total sigilo quanto à identidade dos participantes.

Deve ficar claro que os entrevistados poderão recusar-se a participar do estudo bem como retirar seu consentimento a qualquer momento ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

_____

Luciene Freitas Duarte
Mestranda em Psicologia

Declaro ter sido informado com detalhes sobre a pesquisa acerca da experiência de pessoas idosas junto a psicólogos, e aceito participar através de um depoimento gravado. Estou ciente de que esta participação é inteiramente voluntária.

Fui informado de que o pesquisador manterá total sigilo de minha identidade e de que o material gravado e transcrito poderá ser usado, integral ou parcialmente, para fins de pesquisa e publicação científica.

Declaro estar ciente de que poderei retirar meu consentimento em qualquer fase do desenvolvimento da pesquisa.

Nome: RG:

Assinatura: Data:

ANEXO 2

ENTREVISTA

Como eu vejo o trabalho do psicólogo com a Terceira Idade... muito bom.... eu vou voltar um pouquinho. Em 2004, eu, através de uma colega que trabalha aqui na USP, ela me apresentou esse manual da Terceira Idade... da Universidade Aberta da Terceira Idade criado pela Ecléa Bosi em 1994... então ele já está com... doze... treze anos? É! Treze anos... ele já é um projeto com treze anos... e eu... aliás... esse projeto... se eu soubesse na época já estaria aqui há muito tempo... já teria aprendido até mais... Mas como ele chegou nas minhas mãos mais ou menos dez anos depois né... nove anos depois né, aí a colega me deu o manual, eu tava folheando e me interessei pela Psicologia, mas como eu venho lá do meio... eu distingo a minha classe como "C" vai... A, B, C... lá bem na periferia. Aí eu tava lendo e falei: "Bom, vou fazer Psicologia". Mas só que aí, conversando com a garota ela falou assim: "Mas só que você vai estudar junto com a garotada". Aí foi o que eu falei: "Mas meu Deus", eu pensei assim, "isso deve ser só pros velhos, né? "E a menina aí" Eu fiquei pensando... "Será que eu tenho coragem de estar no meio dos garotos, das garotas da Fuvest... eu velho" Eu terminei meu curso médio, na época era colegial, era 79, com muito sacrifício. Terminei em 79 nos supletivos da vida, né... E aí fiquei lá cogitando "Vou, não vou! Vou, não vou". Aí eu criei coragem e falei "Vou!!" E a minha primeira aula foi com a professora Eclea.

Aí eu entrei. Tinha todos os alunos e tal. Tinha três idosos: eu, mais um... duas senhoras e um senhor... quatro... e aí sentei lá no fundão com aquele medão sabe? E aí... a Ecléa né? Que é justamente a criadora do Projeto. E aí quando ela pediu pra que a Terceira Idade se identificasse... eu não sei se fiquei branco ou vermelho... sei que comecei a tremer. "Ai meu Deus do Céu, como é que eu vou abrir a boca aqui, né!" Aí ela foi perguntando para o meu amigo e chegou a minha vez: "Pode levantar e dizer quem você é e de onde você vem?" Aí eu sei que eu levantei, disse meu nome e fui falando um monte de besteira. Aí o que me ajudou bastante é que eu faço trabalho voluntário. Eu faço trabalho com o pessoal da FEBEM alí na Raposo Tavares... não sei se você conhece... Faço também trabalho na Penitenciária Feminina.

É um tipo de palestra mostrando a minha experiência com álcool e drogas, né? Eu militei nessa área por mais ou menos 30 anos como alcoólatra, eu faço esse trabalho. Aí, quer dizer, eu finalizei, falei assim: "Tudo bem. Só isso que a senhora queria saber?" Como quem quer dizer... tinha que completar, né? "Só isso que a senhora queria saber de mim?" Aí ela deu risada... e ela começou a me considerar pra caramba. Aí toda a aula "João Santana, um grande homem" e tal. E hoje ela começou a me divulgar pra todo mundo e falar de mim... Menina! Eu esqueci de trazer pra você o manual! Aí em 2005 ela ligou pra mim e falou: "Quero fazer uma entrevista" E fui lá na sala dela e tal, e fez uma entrevista de uma hora e meia, quase duas horas. Ela fez minha autobiografia, resumiu tudo. E lançou um manual, eu saí na capa e tal e ela falou: "Você será visto por mais de 12.000 pessoas..." O manual vai pra todos os campus da USP, né? Ribeirão, etc, etc. Aí ela repetiu e eu saiu no primeiro e segundo semestre de 2005. Em 2006

ela repetiu também, não a autobiografia, mas as minhas mãos... uns tópicos das fotos, né? E hoje tá assim. Ela fala pra todo mundo, entra um pessoal, e me coloca assim... bem lá em cima! Mas o importante: por que eu procurei a Psicologia? Justamente pra quebrar um pouquinho o meu complexo de inferioridade, por que eu fui um garoto lá da roça... Sofri muito numa cidade do interior onde a única família negra era a minha... Então eu fui... fui não entendendo o que o pessoal queria... eu não entendia porque existia aquele preconceito... Você já pensou? Você numa cidade do interior há 57 anos atrás, eu com oito, nove, dez anos? Aí parece que a única família negra dessa cidade era a minha. Aí quando nós íamos para a praça sair, o pessoal dirigia termos violentos, pejorativos. Hoje que eu faço uma retrospectiva da coisa... eu fico analisando... e aquela coisa ia... foi... entrando em mim... porque o pessoal dizia: "Chacoalharam o bambuzeiro". Como quem diz assim: "Os pássaros pretos tão...", né? "Negro não sei o que" E tal e tal. Aí eu entrava na igreja e os caras: "Ah, porque que negro pode entrar na igreja? Isso é coisa do Diabo!" E aquela coisa, sabe?

Mas foi duro pra eu entender. Mas aí quando eu vim pra São Paulo com quinze anos, aí começou a sair aquela coisa suja, sabe, aquele ressentimento... Aí naquela época comecei a ler alguma coisa... Se bem que eu ainda não estava alfabetizado, mas eu já lia alguma coisa. Aí estourou, mais ou menos em 1955 ou 1956 umas guerras na África, principalmente no Congo, aquela coisa toda. Aí eu comecei a entender o que era isso, o que era preconceito, discriminação, aquela coisa toda e fui ficando mais revoltado. Só que eu não tinha com quem conversar... ninguém me entendia... minha mãe trabalhava... Eu entrei num colégio como servente e morava lá mesmo, então não tinha com quem desabafar... No litro de cachaça... que é a pior coisa que fiz na minha vida. Nesta época aí eu já estava com dezesseis, dezessete anos. Aí comecei... mas já brincava com álcool antes. Mas a partir dessa idade aí eu comecei a beber fortemente... aceleradamente. Aí passou e tal... Sofri a beça. Não casei no momento que seria o certo. Fui ter uma companheira com 42 anos. Criei três filhos dessa companheira e hoje eles estão aí, criados. Duas são pedagogas, o menino se formou também e tal. O menino se formou no negócio de internet... é superior na PUC e tal. Então, mas ainda faltava alguma coisa pra eu falar. Bom, eu vou estudar. Se bem que eu terminei meu colegial, antigo colegial, mas tem todo esse tempo, 79 anos até 2004 sem estudar nada. Aí, como eu comecei a fazer esses trabalhos... como se diz... na FEBEM e na Penitenciária, falei: "Se eu puder estudar um pouquinho de Psicologia, vou ter mais facilidade pra..." Mesmo no AA. Então, que eu freqüento o AA. "Vou ter mais facilidade pra ajudar, pra falar, e compreender a minha doença". E está me ajudando muito. Se bem que a Psicologia que a Terceira Idade faz... nós não somos obrigados a apresentar trabalho. Eu apresentei um trabalho pra Ecléa, a professora de Psicologia Social. Eu apresentei um trabalho, ela gostou e tal... até fiquei admirado que ela me deu oito e meio! Falei assim: "Ela não deu... que se ela desse, coitado!" Eu acredito que ela não teria lido! E sei que do pessoal da Terceira Idade a minha foi a segunda nota. Então essa Psicologia tem me ajudado porque eu leio bastante. Eu leio livro da Ecléa, tenho livro dela... Depois eu já li Freud... tem uma série de livros que eu leio, que estou lendo. Você está com o livro da Hannah Arendt... Essa mulher aí... Adorno... eu leio

tudo, tudo que aparece. Estes e mais outros textos eu parei de ler porque começou a acumular lá em casa, sabe, e começou já... Então eu estou aprendendo a estudar só com livros, devagar. Porque agora eu estou estudando porque eu gosto de estudar. Então aquela preocupação "Ah, eu tenho que ser alguém, criar meus filhos e tal" Não. Eu chego, estudo terça, quarta, quinta. Segunda e sexta eu vou lá pro meu quartinho e leio, e fico lendo calmamente, anotando as coisas, certo? Depois, quando é sábado, eu venho pra minha comunidade aqui no Rio Pequeno. Tem uma favela, "Favela do Rio Pequeno", uma favela imensa... Então as crianças e as mulheres dessa favela vem pra minha comunidade que fica na Raposo, quilometro 15. Então, com as aulas que eu aprendo da Psicologia, as aulas que eu aprendo lá na FFLCH, eu procuro ligar tudo e compreender a situação desse pessoal da favela e passo, com o conhecimento que eu tenho do alcoolismo e das drogas, que alcoolismo também não deixa de ser droga... É uma droga também, só que a sociedade vê, ela é lícita, nessa visão de licitude, né? Mas não é. Então o alcoólatra pode beber e tal, que ela pixa... Ela considera como ilícita é aquela que o cara usa crack, maconha, etc. Com essas experiências que eu tenho, eu passo... eu passo lá na Penitenciária Feminina, eu passo... então eu leio, eu leio até Lacan. Comecei a ler, eu leio Lacan e resumo do meu modo. Outro escritor que eu leio muito, não sei se você já leu alguma coisa, que eu dei uma lida há alguns anos, é Erich Fromm: "Medo a Liberdade", "Análise do Homem" e "Psicanálise Contemporânea" da Psicologia. Eu sei que já li mais ou menos quatro livros desse Erich Fromm. Então resumo tudo e começo a passar... e também um pouquinho da minha religião... a minha religião... eu sou kardecista. Então eu uno tudo, traduzo do meu modo simples e passo pras pessoas.

Um exemplo de coisas que eu vi na Psicologia e eu uso no meu trabalho? Por exemplo, como ver o preconceito. Tá certo? Como vou ver o preconceito na Psicologia... Então, ela tava explicando: esse preconceito é falta de conhecimento das pessoas, certo? É um condicionamento que as pessoas adquirem... e a Psicologia vem mostrando pra mim que eu não sou inferior a ninguém... se eu estou revoltado é graças àquilo que eu condicionei... E à medida que eu vou estudando... esclarecendo... eu vou vendo que eu não sou inferior... certo? Mas isso é só através do conhecimento... da Psicologia e de outras Ciências... Por exemplo, quando eu li um livro de... você já ouviu falar de Gobineau? Que ele lança lá na França... Um cientista francês que lança que o negro é inferior, que não sei o que... E outros mostrando o arianismo, né? Os cientistas arianos que mostram que branco é superior. E eu tento... eu consegui quebrar essa imagem que o branco não é superior, que nós somos iguais, através de outros pensadores mostrando essa... Então... Não só a Psicologia como também outras ciências, fez com que eu me aceitasse e tá fazendo firmar os pés no chão, certo? Porque se eu continuo... Não estudando pra ter o conhecimento de outros autores, talvez eu tivesse continuando a beber... Então alguma coisa, essa leitura... eu não vou nem me colocar como autodidata, que eu li muita coisa, mas a medida que eu comecei a ler muita coisa eu fui melhorando, falei: "Opa! Essa cara falou isso, mas esse aqui mostra outro lado". Falou que vai depender de mim... e se eu estudar e tal, eu vou ver que eu não sou inferior a ninguém. Então eu vou deixar o álcool e

as drogas e vou partir pra esse campo. Tá melhor de, de fazer o bem pra mim e também em função dos outros. Então, como eu vou voltar a frizar... não só a Psicologia... como a História... outras ciências, a própria Sociologia... alguma coisa que eu leio de Filosofia... têm me ajudado a quebrar aquela coisa... que vem da infância... Mas ainda tem coisa que... você sabe mais que eu, que você já leu o... como é que é? "Atavismo" Aquele negócio, né? Arquétipo... aquela coisa toda. Então tá... eu estou trabalhando isso! Então quem que tem que melhorar o Santana? Sou eu mesmo! Então através da Psicologia eu vou lendo a sujeirada que tem dentro de mim... Através de Freud e todo esse pessoal, eu vou me descobrindo e vou tentando. Quando vem aquele ressentimento... às vezes eu estou dormindo... vem aquela lembrança daquele moleque que me xingou de fedido, e vem e eu falo: "Ainda não limpei essa porcaria ainda?" Então me ajuda... cada coisa que eu estou lendo, eu falo: "Calma Santana" E quando vem esse negócio eu tenho que acalmar... Aí você pega aqueles jargões, né? Todo cara fala assim... "O homem... a infância é pai do homem". Toda frase, né? Você já tá cansada de saber. Aí eu começo a analisar... putz! O cara que falou isso tá certo. Mas eu não posso ficar... eu tenho que trabalhar isso: "a infância é pai do homem" Pai não sei de quem... e quando eu tenho esse ressentimento eu tenho que trabalhar... e não só os ressentimentos... tem aí... dentro do AA... eu estudo... não sei se você já ouviu falar, os 12 passos... eu estudo os 12 passos e eu começo a colocar aquilo lá, que são os nossos, os meus defeitos de caráter... coisas que não foi o álcool que trouxe esses defeitos de caráter, ele já vem aí, de um processo coletivo... desviou... Jung e tal... e vai e mistura toda aquela coisa.

Conheço muita coisa? Eu não sei nada, estou falando aqui pra você... aí você mistura e fala assim: "Não... mas o responsável por isso... sou eu mesmo". Não é minha mãe que vai poder me ajudar, nem os professores... se bem que eles estão ali, os livros estão ali... e eu começo a ler e começo a colocar em prática. Mas aonde que eu aprendo a melhor coisa, aonde que eu faço essa experiência, tento crescer: é na minha pequena sociedade. O que eu considero de pequena sociedade é a minha casa. Meus enteados, minha esposa, meus irmãos e tal... É aí que eu começo a analisar o meu comportamento... como que eu sou. Agora eu estou conseguindo entender isso... porque houve um tempo em que eu passava por cima de tudo... um verdadeiro animal irracional. E hoje eu estou conseguindo... quando eu faço coisas erradas... quando eu maltrato as pessoas e até a mim mesmo, eu tenho condições... Hoje eu até agradeço que tenho condições de ver quando eu erro, então eu estou trabalhando... É o Santana que precisa trabalhar com o Santana. E a única pessoa que ama o Santana é o Santana mesmo, e aí até aquele dia eu falei pra você, essa vinda minha pra USP, foi aquela coisa que eu disse pra você, foi o universo interior meu está se abrindo... abrindo... Aí se você vai ler aí, não sei quem falou, não sei se foi Platão... que não existe nada de novo por baixo deste Sol... Aí falou isso... Mas para você entender isso aí você precisa ir para o campo religioso, né? E na USP né, você não pode falar de religião... Aí eu começo... Eu não li Platão, só alguns tópicos... tem que ter muita cabeça pra ler o cara, né? Mas o que eu li numa ocasião estava escrito do "ir e vir" do ser humano... Aí o que eu entendo desse ir e vir: eu entendo que o Santana... ele tá nesse corpão aqui mas

existe alguma coisa além dessa coisa aqui... e essa coisa vai embora e vai existir uma consciência... essa consciência continua em crescimento, aí a minha doutrina explica que... que... Aí você já viu alguma coisa de reencarnação? Não é obrigado a acreditar, né? Então... porque então... se existe essa reencarnação... que aí... né... Até pensei: se existe e foi visto aí por esses físicos quânticos... já dizerem... dizem alguns, que são poucos físicos quânticos que existem no mundo... parece que só três ou quatro... Então, dizem que já provou a existência desse Deus... Eles dizem que a encarnação é positiva, que ela existe na realidade, só que nós no mundo ocidental ainda estamos aí... meio que com o pé atrás e os orientas já acreditam piamente na coisa. Tanto é verdade que eu li que na China quando a mulher joga a criançinha... ela nasce... ela diz... essas coisas que a gente lê por aí, sabe?

Eu trabalho sozinho... eu tô arrumando com determinismo pra mim... eu sou responsável por meus atos, pela minha vida... eu direciono a minha vida eu sou dono dela... sem ninguém que vem... eu trabalho isso... tô direcionando a minha vida e graças a essas pessoas... os cientistas que eu leio... as pessoas como eu falei, da minha pequena sociedade... e depois essas pessoas que estão lá, essas crianças da FEBEM... e depois essas... já largando essas mulheres da FEBEM, que dá dó... Elas chegam pra você, pra mim e esticam a língua e falam assim: "É tudo picada de agulha" Umas coitadas... Tem as albergadas... que são umas coitadas... Elas vão trabalhando no lixo e tal da vida... E eu estou lá trabalhando... falando a respeito do álcool, e elas voltam pra penitenciaria alcoolizadas e mesmo drogadas... É um trabalho de super-homem! Às vezes eu saio chateado porque eu não consegui passar nada... aí eu vou pra FEBEM... e lá eu faço a ligação de tudo isso que eu estou aprendendo... e ao mesmo tempo eu sinto um vazio tremendo... porque a criança está ali... e ela está pensando em como ela vai fazer ao sair... Teve até umas terças feiras aí que eu entrei alterado a beça... E eu fico: "Garotos, não fiquem aqui pensando, maquinando o que vocês vão fazer lá fora, procurem a transformação e aprender alguma coisa". Ao mesmo tempo que você fala isso... você não tem condição de saber como é o lar daquela criança, como que ele vai voltar... Então eu coloco assim: "Vocês tem que voltar pra casa, evitar os velhos caminhos, os velhos companheiros". Quando eu falo isso pra eles eu me sinto... nossa! Dá vontade de ir lá e apertar um parafuso na cabeça deles ou de ir na casa deles... Mas eu sei, por outros trabalhos que eu faço... da favela que eu falei pra você do Rio Pequeno... que o lar dessas crianças estão todos desestruturados... A mãe é drogada, é prostituta. O pai é traficante ou alcoólatra. A criança fica dois, três anos na FEBEM... ela não aprende nada! E ela volta... ela não consegue evitar os velhos caminhos... o lar dela está ali, bagunçado. Agora eu pergunto: "O que essa criança vai fazer?" Quando essa criança sai, os colegas ficam sabendo... porque a concepção das crianças... desses jovens... lá fora e quando ele vem da FEBEM... a concepção é a seguinte: o fulano tá voltando... ele está voltando com doutorado... Eles acham que a FEBEM é faculdade de aumentar o crime, ser mais hábil, então ela sai e se julga "o bom" e com a influência do pessoal: "Tem um trabalho pra você". Ele já fica todo agitado... Ele pode não aceitar de cara, mas na segunda, terceira tentativa ele vai lá: "Pô, eu tô duro, meus pais estão ali...

tô sem dinheiro". Então já começa... tem um trabalhinho... um bagulho pra você fazer... aí já começa... eu tenho carro... e o cara vai... e volta pras drogas... Tem um garoto... ele tem dezessete anos... tem cinco filhos aqui fora e já voltou seis vezes para a FEBEM: Pra você ver... Então eu fico: "Puxa... mais que trabalho que eu tô fazendo? Mesmo o pessoal aqui... eu já conversei com os alunos... eles iam fazer um trabalho de um caso... Eu acredito que eles também não tenham tido um bom resultado não...

O que seria um bom resultado? Bom resultado... nós termos um assessoramento pra essas famílias. Como assessorar? Não é pegar o garoto e fazer alguma coisa... precisa ver a base lá atrás... o que está... como auxiliar esta família... como melhorar. Se não criar isso... assistentes sociais... deveria ter maior número de assistentes sociais... maior número de psicólogas... nas escolas... Como... não sei se você já leu, a Patos... a Patos tem dois livros dela que são fantásticos. Ela fala da escolaridade... é que eu não lembro muitas coisas do livro dela... eu sei que é Psicologia da Educação... você já viu né? Então, ali ela faz umas colocações mas ela não coloca muito a culpa no governo não, ela acha que tem que mudar... tem que mudar isso daí... e nós não ficarmos só esperando que o governo faça alguma coisa... Acho que todo mundo tem que entrar e chacoalhar mesmo... como agora, nós acabamos de ter uma aula de criança, de comportamento... e levanta uma menininha lá, que ela deve ter nascido em berço de ouro, e ela fala assim: "Ah, mas isso aí não acontece em todas as classes" Falando da criança... do amor pelo avó aquela coisa toda... aí levanta uma menininha... Coitada! Nasceu ontem... Nem sabe... nem onde que tá o nariz dela... Ela diz assim "Ah, mas isso aí..." como quem diz: "Na minha classe nunca vi essas coisas" De carinho... de brincadeira... da criança brincar com o avô de correr e tal... Então ela acha que isso é velho... contar historinha... entendeu? Ela acha velho... Vai ver ela... sabe... então... você vê que o negócio é muito sério... muito sério... E quem vai mudar isso minha amiga? São vocês né? São os psicólogos que tem vontade de mudar o mundo... mudar a sociedade. Mudar o mundo... você pergunta... Interessante... Então, todas as aulas os professores chegam assim e dizem: "Olha... vocês tiveram uma dificuldade pra entrar aqui na USP... mas vocês tem que mudar... mudar muito" E quem vai mudar? São vocês... caramba! São vocês, psicólogos. Todos, todos... Como é que o psicólogo vai mudar o mundo? Muda, muda! Através de entrar nessas escolas públicas aí... e não é só nessas escolas públicas. A tua pergunta como é? Ah, mas, Santana é só nas escolas públicas que têm delinqüentes? Só pobres? Você vê também o que está acontecendo nas escolas melhores aí. Jovens que tem uma boa posição oficial e tudo... não estão denegrindo? Não estão caindo? É boa a pergunta... como é que nós vamos mudar isso? O psicólogo tem algo que faz diferença? Vocês têm! Eu acredito que vocês vão no cerne da coisa... descobrir que mecanismo... o que está acontecendo na mente desse pessoal... Só vocês podem mudar... vocês... o psiquiatra... porque alguma coisa de errado na mente de certas pessoas está acontecendo... Porque eu vejo aí: "Tudo é normal"... Não é normal! Meu Deus... agora eu estava assistindo uma reportagem, na Vieira de Carvalho, que eu nem sei aonde é direito... Menina! Não sei... dentro do mínimo conhecimento que eu tenho... Parece... dá impressão que nós estamos voltando pra caverna. Nessa reportagem quatro ou cinco jovens pegam um

senhor, pegam uma senhora, um jovem, roubam, batem... e a população assim... Eu falei assim: "Não, esse cara que filmou é brincadeira... não é possível!" E a população assim... em volta... ninguém vai lá... Eu falei assim: "Não! Essa imagem é brincadeira". E continuei assistindo... Menina, os caras batem, pegam celular, pegam carteira, o pessoal só assistindo e o cara sai todo machucado. Com o poder público, com a polícia... será que pode... agora que você falou... será que a polícia vai mudar? Será que a polícia vai conseguir mudar este jovem? Não! Então é só através da educação mesmo, só educação. Vocês combinam com as pedagogas, com psicólogo, como é que se diz aquela outra... psiquiatra, sociólogos, a Sociologia, todo esse pessoal precisaria entrar... Porque houve um tempo... você talvez ainda não havia nascido... que o pessoal da Revolução começou a banir, a tirar tudo... a Psicologia... tudo... Achando que esse pessoal... né? Você já leu alguma coisa a respeito, né? Você viu o descaso desse pessoal para com esses estudiosos... eu coloco... modificadores da mente humana... vocês tem poder pra modificar isso... têm poder. Psicólogo tem poder... Eu? Trabalho com essas pessoas... mas eu não sou profissional. Você vai ser. Você já é... eu não sou... eu sou considerado um negro. Mas alguém um dia vai dizer: "Não! O Santana? Ele não é profissional... mas ele está fazendo alguma coisa" Então, como a minha doutrina ensina, que quanto mais eu souber, melhor pra mim... porque o que eu aprender nem Deus tira, é meu... o que você souber nem Deus tira, é tudo seu... e eu acredito nessa coisa... E se for verdade, esse processo reencarnatório... Quando eu voltar será numa condição melhor... Voltar... que eu acredito... Voltar numa condição melhor... Aí eu posso... alavancar mais a coisa. Você é psicóloga,... Eu não sou nada... Eu só faço... Será que não toca nelas o que eu faço? Toca! Tem muitos que... nossa! Toca sim. Você quer ver onde que toca também? Ontem... então, eu freqüento o AA, então você está ali na reunião e daqui a pouco chega um coitadinho todo estourado... todo com o rosto... todo mal vestido... cheirando a álcool, aquele suor azedo... Ele chega naquele estado, barrigudo, com as pernas finas... você vê que o camarada tá... são matérias primas que vem né... matéria prima tá cheio... nós trabalhamos... são as pessoas que a menininha deixou de pensar... que você só tem condição de fazer pesquisa através daquele pessoalzinho... aonde você vai fazer pesquisa? Vai fazer pesquisa com a classe B, C, A? Não vai, né? Então quem dá subsídio pra você fazer pesquisa não são os coitadinhos pobres? Você vai no AA, você vai em tudo quanto é lugar... você está entendendo o que eu tô colocando? É que vai você enriquecer a análise... trabalhar com o quê? Ela pega esse trabalho, a política e vê como que age, como que é colocado o pessoal... e vai por lá na classe A, vai ver de fora, né? Você leu a Simone Weill... A Ecléa fala muito, então, nossa, ela é uma mulher que eu também admiro muito, né? Que ela conhecia tudo, conhecia alemão, conhecia... Ela falou: "Vou ficar aqui na cátedra só ouvindo essas coisas bonitas e tal?" E como eu sou um pensador, um intelectual, o que serve pra mim essa intelectualidade se a maioria da massa não usufrui... não sabe o que está acontecendo?... Eu pesquiso... não sei... essa pesquisa... Eu tenho que colocar em algum lugar... tenho que ver se ela funciona". Aí ela pegou e foi trabalhar na... mão na massa. Então essas mulheres pra mim são fantásticas, esses caras que saíram pra luta... já pensou? Eles chacoalham a

humanidade. Você vê o Freud você diz... O cara, 15 operações, ou 25 operações no maxilar inferior... câncer... que pra fumar um charuto muito doido... Você pensou na época dele como era o tratamento do câncer? E o cara não reclamava e morreu trabalhando... o cara chacoalhou... um cara desse, tudo que ele deixou está aí. Aí você vai pra outro campo na... vamos pro campo religioso... você vê o Cristo: esses caras vem, dão o recado, então aquela pergunta que você fez... Como mudar, né? Nós mudamos no campo religioso. Você vê, né? O Cristo... Francisco de Assis: o cara era filho de mercador... jovem, bonito... daqui a pouco dá um insight no cara... e isso daqui... coisa banal! Sai daqui... corre ali... isso não é vida e tal: "Eu vou balançar a humanidade". Pega, coloca o saco de estopa na cabeça e no corpo e começa... isso é violento... O cara modificou... o cara modificou a humanidade. Fora outros: Madre Teresa de Calcutá, um Gandhi... Você já leu Gandhi? Você sabe, o cara... Você já pensou uma Inglaterra, sacrificando milhões de indianos, e o cara lá: "Como que eu vou convencer esses caras a não tirar meu sal, o sal do meu povo?" Sem a violência. Aí eu estudando e lendo o cara falo assim: "Mas aí eu coloco pro pessoal: a violência do Gandhi não era só violência física". Aí você analisa outro aspecto que você vai colocar... a violência mental... aí você vai se aprofundar nisso aí... pra mim a violência mental é mais dolorida do que a violência física. Já pensou? Que coisa! que coisa! Se você fala uma coisa pra uma pessoa, uma sujeira, você vai machucar muito mais a pessoa do que se você desse um tapa. Então acho que o Gandhi também usou isso: a não violência física como a não violência mental. Porque você vê tudo que fizeram pra ele: ele tinha condições de orar pras pessoas e apaziguar seu povo... E até foi... foi... acalmou tudo, certo? E isso também se você partir pro Cristo também... a não violência mental... de um avatar como Cristo e outros mais. Você já leu alguma coisa? Eu tenho um livro que fala assim: os avatares estão lá num determinado degrau. Daqui a pouco eles cismam, que eu vi também um pouco de egoísmo, eles cismam e dizem: "Eu quero subir mais". Você pergunta dos avatares do dia a dia? Tá me colocando... Tá brincando comigo mulher! Vão falar essa aí é maluca, pior que o coitado do Santana.

Tem que passar o que você sabe... Você sabe o que você tem. Aí você estuda, estuda, chega uma hora que o seu subconsciente diz: "Tá na hora de passar". Você acreditando ou não, quando você foi preparado lá, pra você vir neste corpo que você está, e você enfim assina com seu avalista, por que Deus nem Jesus tem condições pra isso, tem lá os espíritos superiores que avaliam você, avaliam o Santana, aí nós fizemos um milhão de promessas: "Vou lá faço e aconteço e tal". Aí chega aqui, na hora que mergulha, começa uma reclamação: "Ah porque eu não queria ser preto, porque meu cabelo... porque eu tô gordo... eu sou beiçudo... porque eu sou pobre" Aí começa, né? O crescimento. Eles falam que a evolução nossa, que nós precisamos da matéria pra evoluir. Ah, a evolução espiritual... mas só que lá nós aprendemos, e aqui, por exemplo, pra você chegar aonde chegou você estudou Psicologia pra caramba... agora você já teve e mergulhou aqui e vai pôr em prática. Aí quando você voltar você vai ter que apresentar aquilo que você prometeu, se não tem pelo menos uns 20%, 30% tem que ser apresentado segundo o que prometeu. Fazemos uma faculdade da reencarnação... tem onde eles fazem o nosso mapeamento... tem toda a

nossa vida lá, mostra... o dia que você tiver curiosidade você lê "Nosso Lar", de André Luiz. Quando você tiver tempo dá uma lida lá que ele mostra o plano reencarnatório, as promessas que nós fazemos e aí vem cumprir. Se não cumpriu, então não tem aquele negócio de castigo, que Deus está atrás de mim com chibata, eu caio ali é feitiço... aí vem aquele negócio que o Jung fala da coletividade... o que é "coletividade" pra nós espíritas? A coletividade pra nós são as reencarnações que nós recebemos, então nós fomos espécimes em certas reencarnações, e duas leis importantes que o Santana guarda e eu tento praticar: a do livre-arbítrio e a da causa-e-efeito. Isso vive na minha mente e no coração, e eu sei que eu tenho coisas... e eu tenho a liberdade de fazer, mas ao mesmo tempo eu sou responsável, porque eu sei que essa lei, de causa-e-efeito, ela vai me buscar em qualquer lugar que eu estiver, tanto estando encarnado ou desencarnado. Então eu acredito nessa coisa... nesse determinismo... é lei... Deus lança suas leis, e se eu transgredir é problema meu. Essa é uma visão espiritual religiosa que eu tenho... Então eu não fico preocupado que Deus tá... né? É problema meu. Se eu tratei mal você, fiz alguma coisa pra você, vai ter um troco aí, vai ter alguma coisa que vai me cobrar, que é a própria lei, e eu penso muito na... energia... pra mim tudo é energia. Aí lendo um pouquinho de um camarada... até o Einstein viu isso, que o homem é o conjunto eletrônico regido pela consciência, essa frase dele eu li não sei aonde... então eu fico analisando que, o que é essa consciência pro Einstein... Eu acho que é alguma coisa superior além desse corpo físico. E daí a continuidade da coisa... a continuidade daquilo que eu aprendi, que você está aprendendo... que é seu, é indestrutível... Aí você pode ver também... Aí nós vamos discutir: somos materialistas, organicistas... E acabou... acabou. Cada um é cada um, né? Eu estou aqui, vamos aí... Entram uns caras: "Vamos aproveitar, morreu, acabou" Cada um tem a sua crença, né? Mas o Santana não tá nessa não... estou acreditando em outra coisa. Porque é tão duro que fica... será que é assim... e ainda assim quando eu ponho a cabeça no travesseiro eu me pergunto: "Nossa, mas quem está certo?" Aí ainda tenho um pouquinho de dúvida... será mesmo quando eu morrer tem alguma coisa... será que não tem... ainda tô trabalhando com isso... A minha fé ainda não está... entendeu? Apesar de fazer tanta coisa, tem hora que tem uma coisa que fala: "Ô Santana, será que você está analisando bem? Ou será que quando você for embora... vai ter alguém na estação?" Mexe com a gente, não mexe? Assim... "Não, eu acredito piamente nisso" O ser humano é gozado! Enquanto não acontece... a hora que acontece... Nossa! É por isso que o J.C. é inteligente. O J.C., nossa... ele é inteligente. Ele fala assim: você procura construir seu castelo nas pedras, porque, aí vem aquele negócio... se eu construir na areia, quando vier o vendaval... Menina, sai de baixo! Mas mesmo assim... olha... é gostoso... quer dizer, quando está acontecendo com os outros... Hoje mesmo liga uma senhora pra mim... quando está acontecendo com os outros tudo bem, mas na hora que acontece na nossa casa... nossa... desaba tudo!... A exemplo: eu estava em casa pra sair pra vir pra cá e liga uma senhora pra mim: "Santana, eu tenho uma amiga minha... ela está desesperada... ela trabalha com alcoolismo e drogas e agora o filho dela está usando... Ela falou que o marido dela vai matar o menino". Eu falei: "Ué, o que, que você quer que eu faça?" "Converse com ele". Eu falei:

“Calma! Calma!”. Essa mulher que ligou... Roberta... minha amiga... e a Roberta... assim... ela gosta muito de mim. A filha dela é psicóloga. Falei: “Calma... calma... primeiro manda ela falar com a sua filha... ela é profissional. “Não, mas tem que falar com você”. Eu falei: “Calma”. “Eu vou levar essa mulher pra falar com você”. E então marcamos para domingo. Já pensou? Aquilo que eu tava dizendo pra você: essa mulher que trabalha com isso, ela está firme, o castelo dela está firme. Agora, aconteceu na casa dela, o marido falou que vai matar o filho, vai resolver o problema? Vai resolver matando? Tem que dar amor... amor... saber lá como esse menino começou a usar drogas... aí esse é o campo da Psicologia. Aí o que, que aconteceu? Não sei! Aí volta o que nós estávamos falando do defeito de caráter. Isso vem de longe esses defeitos de caráter, agora aflorou... e amor? Não sei... será que essa mulher mexeu alguma coisa... no trabalho dela... alguma coisa... não acompanhou o crescimento dessa criança... não sei... não sei o que acontece... pra ela entrar em pânico... Agora o ruim é eu me culpar: “Ah, meu filho foi pra esse caminho, eu sou culpado”. Você não pode falar isso... eu falo pras mães: “Vocês não pode se martirizar por isso” Ué, seu filho é uma pessoa, você é outra... Aí se você partir pra outras coisas... a nossa conversa aqui não é religião mais nós vamos colocar... o espírito já vive outras vidas, e se você tem compromisso com ele, se alguém chamou você, e você casou, chamou você pra você receber esse espírito: “Você vai receber, vai se formar e vai se casar...” e tal, “Esse camarada você fez isso com ele... ele vai ser seu filho” E você aceita e tal. Aí tem uma série de problemas. Se alguém colocou pra nascer de você, viver com você, é porque você tem capacidade de educá-lo. Então é assim que a doutrina vê. Aí você perguntou: como mudar? A hora que todo mundo acreditar que esse ir e vir do Platão é verdadeiro, aí a sociedade vai mudar. Vai mudar porque ela vai ver, lei de causa-e-efeito. Lei do livre arbítrio. O espírito é velho, essa vida não é a única, esse processo ainda está, acredito, na melhora. Aí não é uma USP que você fala: “Aí, vou ficar estudando esses caras”. Aí o pessoal fala: “Ah porque religião e tal” Mas não pensar assim... igual isso que você está lendo aí... pega o cara e fala: “Pô vamos ler, voltar a falar a missa em latim” Que negócio violento! Você já viu o Papa querendo voltar a missa em latim? Vamos fazer um negócio mais avançado, vamos abrir a coisa, vamos estudar uma religião mais ampla, vamos modificar a coisa... mas regredxir? Esse acreditou em Deus e só fica “pá, pá, pá”... ação! Aí você vai fazer o que o Santana faz... acho que a verdadeira religião... a religiosidade está na ação, está em você fazer. O que adianta eu ficar aqui, falar: “Ave Maria cheia de graça...” Aí eu saio ali e falo “Pô que mulher feia, que mulher gorda... credo!” Sai xingando Pedro, Paulo, Bento, Nascimento, Luis, Regina. O que se faz não é o que se fala... eu acho que a ação move, a ação da mulher... não ficar... que nem Madre Teresa de Calcutá: “Vamos, trabalhar!” Trabalhar pra mudar. Aí vamos voltar no avatar, né? O avatar ele vai lá pra cima, né? Quer dizer que o Nadir... Nadir é quando ele mergulha, e reluz pra levantar aquela humanidade atrasada. Então é isso, esse fato dele mergulhar e fazer o trabalho, ele está fazendo aquelas almas crescerem. Que nem aconteceu com o Cristo, ele veio aqui, deu o recado dele, foi crucificado e volta. Mas aí quantos milhões de pessoas ele ajudou... milhões e bilhões de pessoas. Tá certo, é isso, o trabalho, a ação. Ele não ficou lá parado. “Ah... Ave Maria”.

Por que ele está em outro patamar. Ele não ficou só rezando. Os altos espíritos, entidades, eles estão trabalhando... nossa, isso é uma máquina, essa coisa é uma máquina! Todo mundo trabalha, até o próprio Deus, que é o central... que o pessoal procura personalizá-lo... que é isso? Vai personalizar um Deus? E é infinito, não é uma pessoa. Aí o pessoal confunde filho de Deus com avatar, que é isso. Deus é... coitado do Santana, não tem nem condições de mensurar, isso aí não tem tamanho, não tem nada. Então isso é uma coisa; seus filhos e os co-criadores é outra coisa. Então nós podemos nos colocar como os co-criadores, né? Então é isso aí.